



ANEXO A - SISTEMAS ESTRUTURANTES
CAIMA

ÍNDICE

O Sítio.....	3
Património Cultural	11
Património Natural	27
Equipamentos.....	29
Acessibilidades	30
Bibliografia	45

Índice de Mapas:

Mapa 01 – Rio Caima | Geologia

Mapa 02 – Rio Caima | Hidrografia

Mapa 03 – Rio Caima | Hipsometria

ICONOGRAFIA

Cabeceiras do Caima (Albergaria da Serra)



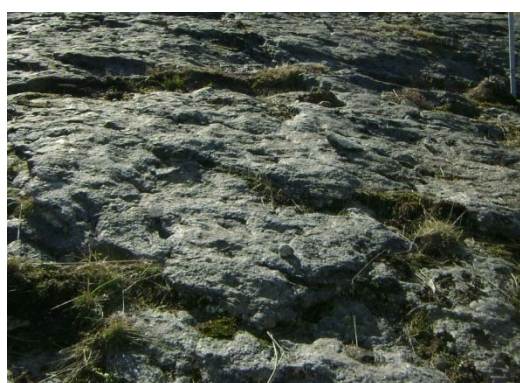
Praia fluvial e parque de lazer de Albergaria da Serra



Aldeia de Albergaria da Serra



Aldeia de Castanheira e Pedras Parideiras



Frecha da Mizarela (Alb. Serra)



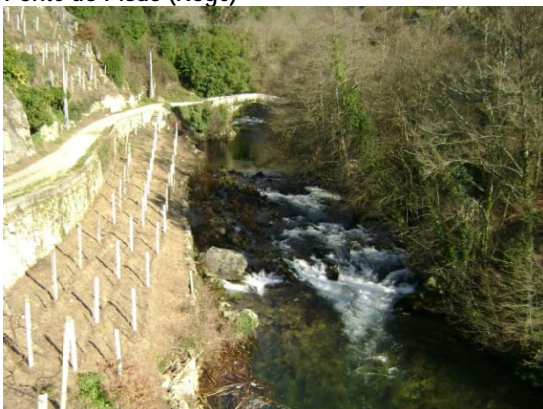
Praia fluvial de Paço de Mato (Roge)



“Caminho rural” Paço de Mato (Roge)



Ponte do Pisão (Roge)



Vale do Caima e Capela Nossa Senhora da Ouvida (Cepelos)



Ponte do Castelo e Barragem Eng. Duarte Pacheco (Roge)



Açude Moreira e antiga serração (Roge)



Ponte Velha (Macieira de Cambra)



Praia Fluvial de Burgães (São Pedro de Castelões)



Entre-Pontes e Ponte Nova (São Pedro de Castelões)



Ponte e Foz do rio Viques (São Pedro de Castelões)



Ínsua de Selores (Ossela)



Parque Dr. Bento Carqueja (Palmaz)



Ponte, Moinhos e Mini-Hídrica do Pêga (Palmaz)



Vilarinho de São Luís (Palmaz)



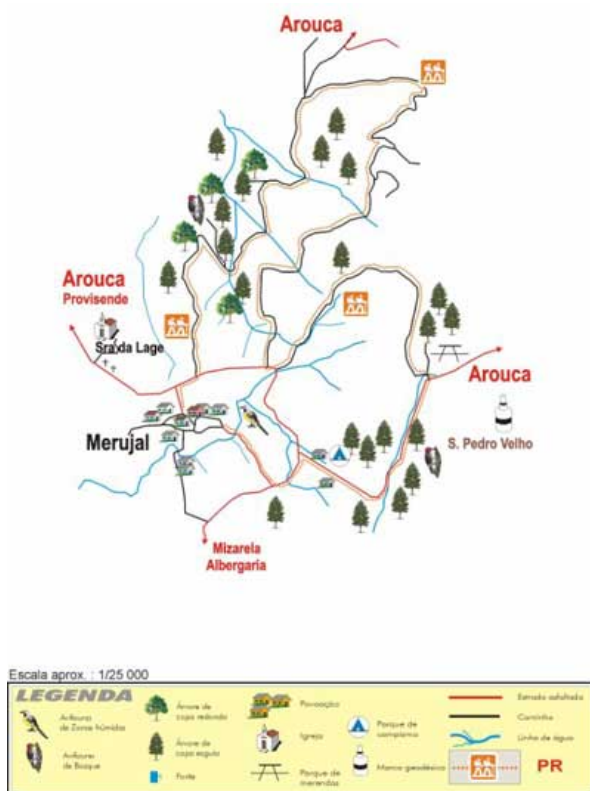
Percurso pedestre PR7 – “Nas escarpas da Mizarela” (CM Arouca)



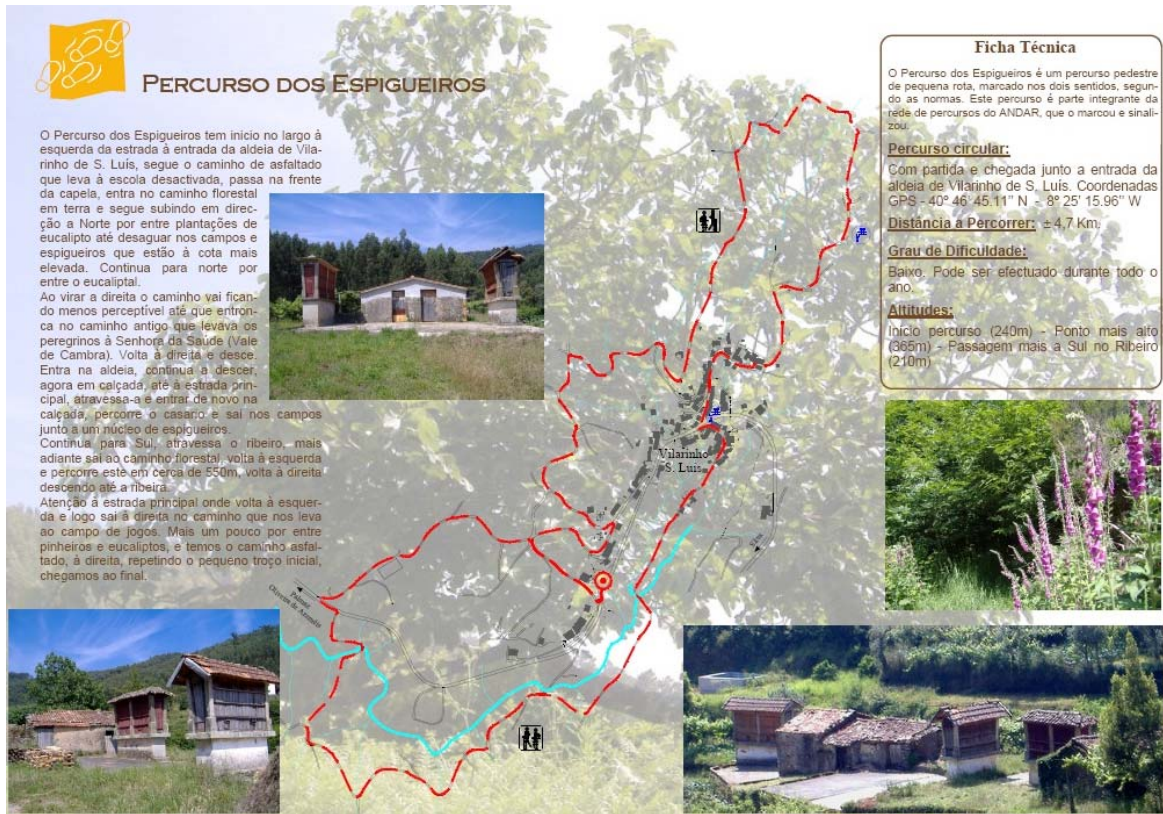
Percurso pedestre PR15 – “Viagem à Pré-História” (CM Arouca)



Percurso pedestre PR16 – “Caminhada exótica” (CM Arouca)



Percurso dos Espigueiros (ANDAR)



PERCURSO DOS ESPIQUEIROS

O Percurso dos Espigueiros tem início no largo à esquerda da estrada à entrada da aldeia de Vila-real de S. Luis, segue o caminho de asfalto que leva à escola desactivada, passa na frente da capela, entra no caminho florestal em terra e segue subindo em direcção a Norte por entre plantações de eucalipto até desaguar nos campos e espigueiros que estão à cota mais elevada. Continua para norte por entre o eucalipto.

Ao virar a direita o caminho vai ficando menos perceptível até que entronca no caminho antigo que levava os peregrinos à Senhora da Saúde (Vale de Cambra). Volta à direita e desce. Entra na aldeia, continua a descer, agora em calçada, até à estrada principal, atravessa-a e entrar de novo na calçada, percorre o casarão e sai nos campos junto a um núcleo de espigueiros.

Continua para Sul, atravessa o ribeiro, mais adiante sai ao caminho florestal, volta à esquerda e percorre este em cerca de 550m, volta à direita descendo até a ribeira.

Atenção à estrada principal onde volta à esquerda e logo sai à direita no caminho que nos leva ao campo de jogos. Mais um pouco por entre pinheiros e eucaliptos, e temos o caminho asfaltado, à direita, repetindo o pequeno troço inicial, chegamos ao final.

Ficha Técnica

O Percurso dos Espigueiros é um percurso pedestre de pequena rota, marcado nos dois sentidos, segundo as normas. Este percurso é parte integrante da rede de percursos do ANDAR, que o marcou e sinalizou.

Percurso circular:
Com partida e chegada junto a entrada da aldeia de Vila-real de S. Luis. Coordenadas GPS - 40° 46' 45.11" N - 8° 25' 15.96" W

Distância a Percorrer: ± 4,7 Km.

Grau de Dificuldade:
Baixo. Pode ser efectuada durante todo o ano.

Altitudes:
Início percurso (240m) - Ponto mais alto (365m) - Passagem mais a Sul no Ribeiro (210m)

Percurso pedestre PR1 – “Varandas da Felgueira” (CM Vale de Cambra)

PR1 "Varandas da Felgueira"

Percursos Pedestres de Vale de Cambra

Felgueira

Terra de belos recantos, a aldeia da Felgueira, localizada na freguesia de Arões, respira a natureza verde da Serra da Freita e as águas limpidas e azuis do Rio Caima.

Quem chega pode passar por caminhos de pedras gastas e percursos antigos, onde as casas tradicionais contam a história de uma vida essencialmente rural. A Felgueira faz parte do projeto "Aldeias de Portugal" estando já recuperadas as ruínas da Sotomosa e aguardando recuperação a "Casa da Aldeia".

A Câmara Municipal de Vale de Cambra não pode deixar de parte um potencial turístico como este, sendo planeada num projeto de requalificação da aldeia e cooperação na sua preservação. A oferta de turismo rural de qualidade, assim como a perpetuação daquilo que existe de mais genuíno na vida da população são as lembranças de quem parte da Felgueira.

Já a caminho da cidade o visitante pode ainda beneficiar-se com os restantes locais da freguesia de Arões, grandiosa na beleza paisagística, que estende as suas aldeias dispersas por 45km², entre a serra da Serra da Grafeira e os limites do Concelho de Vale de Cambra.

Legenda

Descrição:

O percurso pedestre "Varandas da Felgueira" é um circuito que pode ser feito no sentido anti-horário ou horário no Concelho de Vale de Cambra.

Não se o percurso no lugar da Felgueira junto à paragem do autocarro, rumando-se, a direita, para o núcleo antigo daquela localidade. É um núcleo de casas antigas de construção tradicional, onde pedras e granito se a via, algumas delas com vitrais sinais de reconstrução dentro da traça original.

Após uns 150 metros de caminhada, tornam-se as estradas ruas do referido núcleo que conduzem aos antigos caminhos que o atravessam. Rumar-se para Sul pelo antigo caminho que conduz à Capela de São João, desmontando-se na estrada de acesso para Cabanelas. Após 100 metros por esta estrada se a estrada "subido galego" caminho de acurruado declive que rumo ao sentido Oeste a caminho da Freita. Continuando-se por este e por outros que se lhe seguem, segue sempre a subir, atingindo um largo espaço que vem de Felgueira. Do entroncamento é possível atingir um local que dista daquela 200 metros que é o chamado "Vale do Carapagueiro", seguindo-se a aldeia que vai até ao rio Caima e os 800 metros.

Entre os vestígios de um distante passado campestre não se esqueça, vale a pena a visita, pois que desde meados do século XVIII se dá uma paragem a caminho da Freita, a serra da Freita dividindo-se para a esquerda a Freita da Moura por onde se produz a do Caima antes de entrar em terras de Cambra, a sul a serra do Carapagueiro, a Sudeste, as áreas extensas limpo a serra de Estrela, a serra da Freita e aldeias encastadas nos vales.

Varando-se ao estrado, segue-se pela estrada sul da Freita. Após o campo de futebol regressa-se à capela e depois a Felgueira, local de início do percurso.

Emergência:
SOS Floresta - 117

Promotor
Vale de Cambra
Câmara Municipal

Co-financiado por:
Ministério da Agricultura, Floresta e Pesca
ADIRIMAG
Associação de Municípios do Vale de Cambra
Associação de Municípios do Douro Superior

CUIDADOS ESPECIAIS

- Seguir somente pelas trilhas sinalizadas;
- Evitar banhos e atividades que perturbem o peixe do rio;
- Observar a fauna e flora preferencialmente com binóculos;
- Não alimentar a fauna;
- Não danificar a flora;
- Não abandonar o lixo, levando-o até um local onde haja serviço de recolha;
- Respeitar a propriedade privada;
- Não fumar fumo;
- Não colhar espécies de plantas no local;
- Se ativar com os habitantes locais, esclarecendo quanto a actividades em curso e às marcas do PR.

DADOS DE INTERESSE

Câmara Municipal de Vale de Cambra	296 422 510
Câmara Municipal de Freita	502 300 050
Biblioteca Municipal	256 422 440
Freguesia Municipal	256 422 440
Museu Municipal	256 422 510
Centro Cultural do Museu de Cambra	256 422 440
Freguesia Municipal	256 422 510
Município Municipal	256 422 510
Associação Desportiva e Cultural de Felgueira	256 422 510
Associação	256 422 510
Associação	256 422 510
Associação	256 422 510
Associação	256 422 510
Associação	256 422 510
Associação	256 422 510

FICHA TÉCNICA

Diferença entre as pontas mais significativas

Ponto de partida → Ponto final - 200m
 Felgueira (nível antigo) → Carvalho do Chão - 1.100 m
 Carvalho do Chão → Alto de Carapagueiro - 2.000 m
 Alto de Carapagueiro → Felgueira - 1.700 m

Total de altitude
1.500 metros

Distância
Um itinerário fácil e agradável de 10,5 km.

Altitude
Ponto de partida - 700 m
 Carvalho do Chão - 400 m
 Alto de Carapagueiro - 800 m

Características
Caminhos antigos e tradicionais, caminhos rurais.

Eventos associados
Festa do Caima

AS MARCAS

O PR1 "Varandas da Felgueira" é um percurso pedestre de pequena rede marcada, nos dois sentidos, segundo as normas da Federação de Camperos e Montañeros de Portugal.

As marcas com seta amarela e vermelha são as seguintes:

Para o sentido "Para a Freita"
 Para o sentido "Para a Felgueira"

Percorso pedestre PR2 – (CM Vale de Cambra)



Por Caminhos de Antigamente...

No alto de Castelões, na Serra de Gestoso, a Sra. da Saúde e do "vinho e quatro janelas" guia os aflitos, à combente do desabaço, d'esgotos e causas penitentes.

O Santuário, erguido em S. João novo, é ladeado por um Parque Natural por via do por frondosos Carvalhos e Sobrinhos que servem de sombra às fogas mandadas al nas ladeiras por época da Romaria que se realiza, anualmente, a 15 de Agosto.

A História da Sra. da Saúde foi construída como os percursos que nos levam até ao altar mar da Capela de forma ascendente, ao longo de caminhos por vezes sinuosos, trilha dos pelos romeiros que, em pequenos ou grandes grupos, buscam-se chegar ao Santuário em dias de 30, 40 e 50 da forma que mais se noutras a distância.

O percurso que aqui apresentamos, pretende dignificar os rugges de antigamente, sendo um caminho sem talis to automóvel e que de seja homo negar quem por ele passou, passe e continuará a passar, para pagar promessas à Sra. da Saúde.

A Estrada Velha, tal como é denominada, foi construída por volta do ano de 1924, com o intuito de melhorar o acesso do sromeiros ao Santuário, entre Cartim ao alto da Serra.

Façamos desta caminhada uma Romaria. Por Caminhos de Antigamente a aprendermos, nos tempos modernos, como chegar à Sra. da Saúde "no alto de Castelões".

Percurso pedestre PR 3- " (CM Vale de Cambra)

Descrição
 O percurso pedestre "A Verdade do Pastor" inicia-se na aldeia do Covo, a mais alta do Concelho de Vale de Cambra, localizado no enocosto Sul da Serra da Freita, a 930 m de altitude.

Inicia-se o percurso no fundo do lugar, seguindo em direcção a Aqualva por um caminho estreito encaixado entre as últimas casas. Este trajecto começa a alargar-se em direcção a Sudeste, primeiro descendo e depois subindo suavemente. Chegado ao cabeço começa-se a descer até ao poste de alta tensão, tomando de seguida um caminho antigo que leva a um caminho florestal frondoso e ao Rio das Estacas. Aqui irá atravessar-se um interessante pontão de pedra após o qual se toma um agradável caminho lajeado que leva até ao lugar de Aqualva. Era por este caminho que a população chegava à Serra, muito especialmente ao Covo, para levar as "vacas ao boi", tradição que caiu quase em desuso.

Por este caminho lajeado poder-se-á tomar um caminho que conduz a uma bellissima cascata escondida no meio da vegetação e à confluência de um pequeno ribeiro.

Retomando o caminho lajeado, a fonte e o lavadouro público dão as boas vindas à entrada em Aqualva. Neste local toma-se o caminho à direita e depois outro à esquerda, descendo. Na continuação desta descida encurtar-se-á um caminho que, rumando a Oeste, se dirige para o lugar da Lomba. Era o caminho da escola e da missa. Neste lugar é de visita obrigatória o núcleo de espigueiros e a Capela da Nossa Senhora das Milagres. Poder-se-á também visitar as Florqueiras, uma aldeia remota localizada no fundo da margem do rio das Estacas.

Retomando o núcleo principal sobre-se até à escola primária, atravessa-se por um caminho do lado esquerdo entre muros, que sobe suavemente para a Serra e onde podemos ver as pedras gastas pelos cascos das cabras e das ovelhas. Altravessa-se, assim, a verdade de pastores.

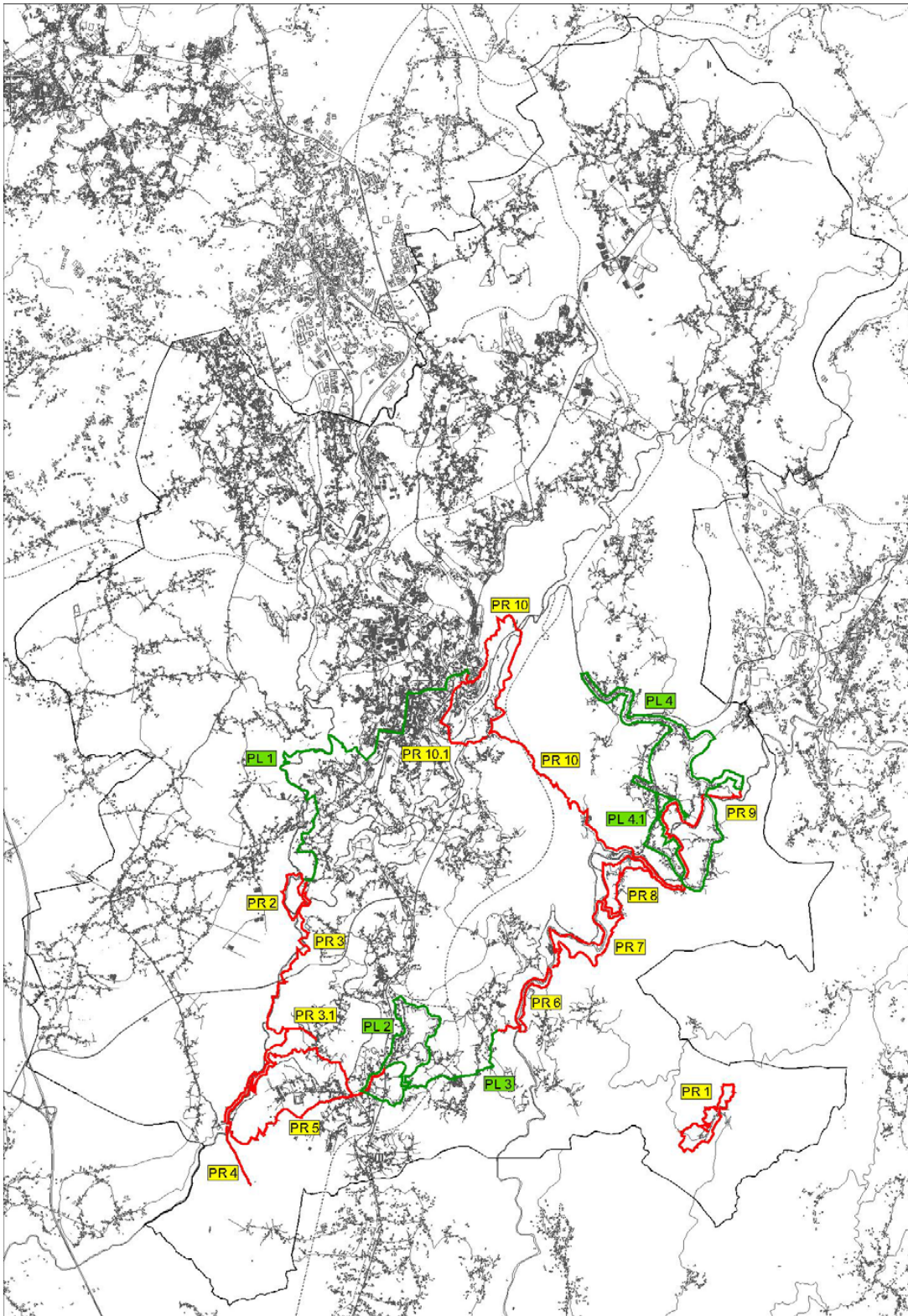
REPRODUÇÃO INTERDITA

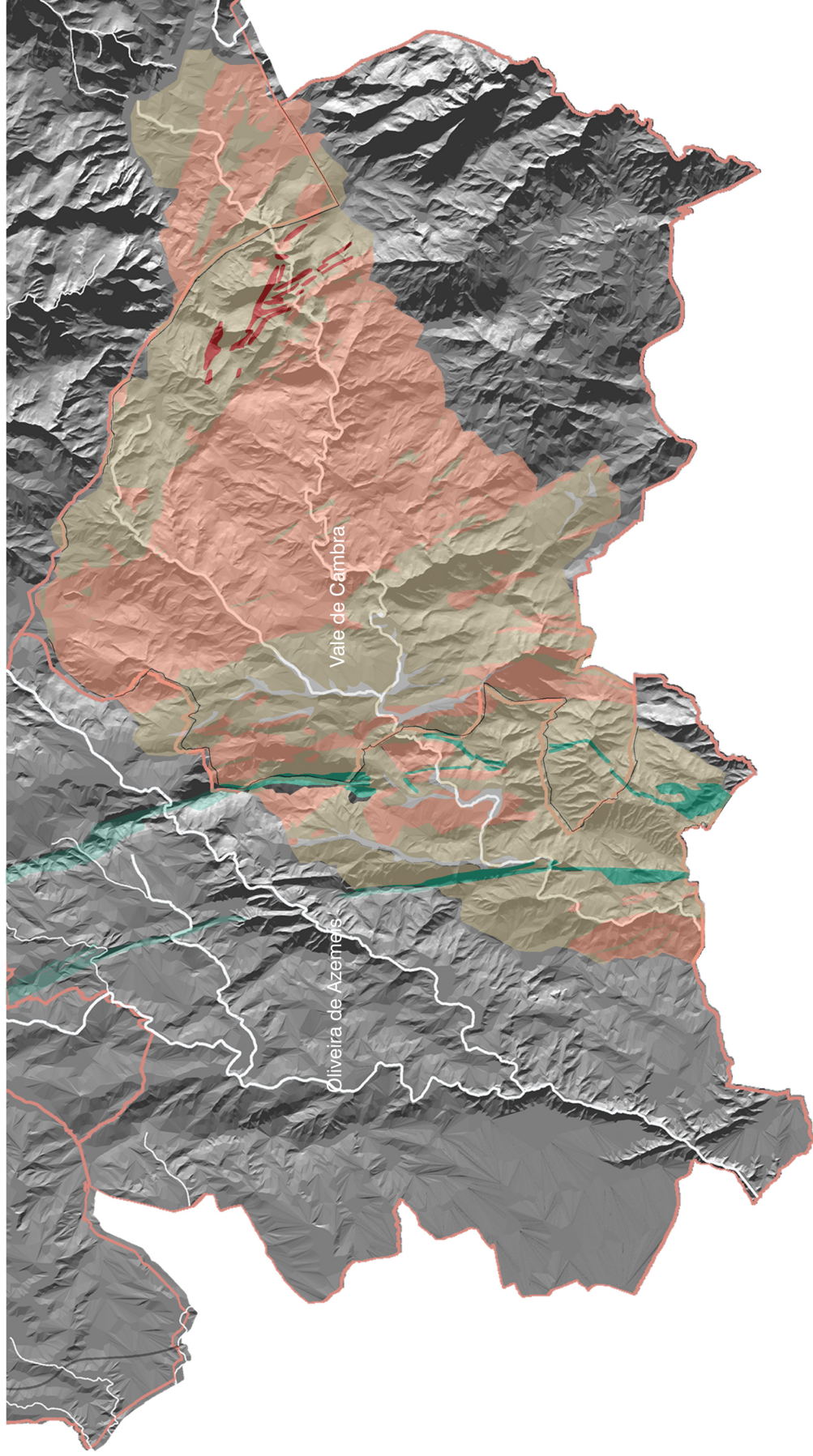
Emergência e SOS Floresta 112

Legenda

- Topónimos
- Escola
- Ribeiro
- Poste de alta tensão
- Cruzeiro
- Capela
- Fonte
- Capela
- Fonte de água
- Cascata
- Limite de espaço
- Limite de espaço
- Limite de espaço
- Limite de espaço

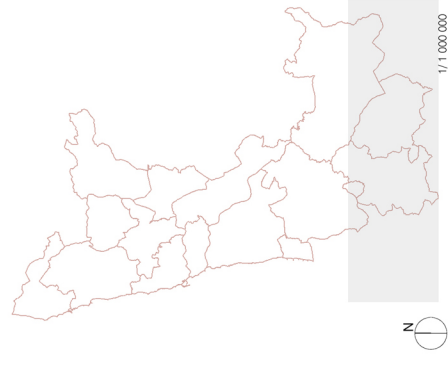
Rotas de Percursos Pedestres, no âmbito do Percurso Ambiental e de Lazer (CM Oliveira de Azeméis)

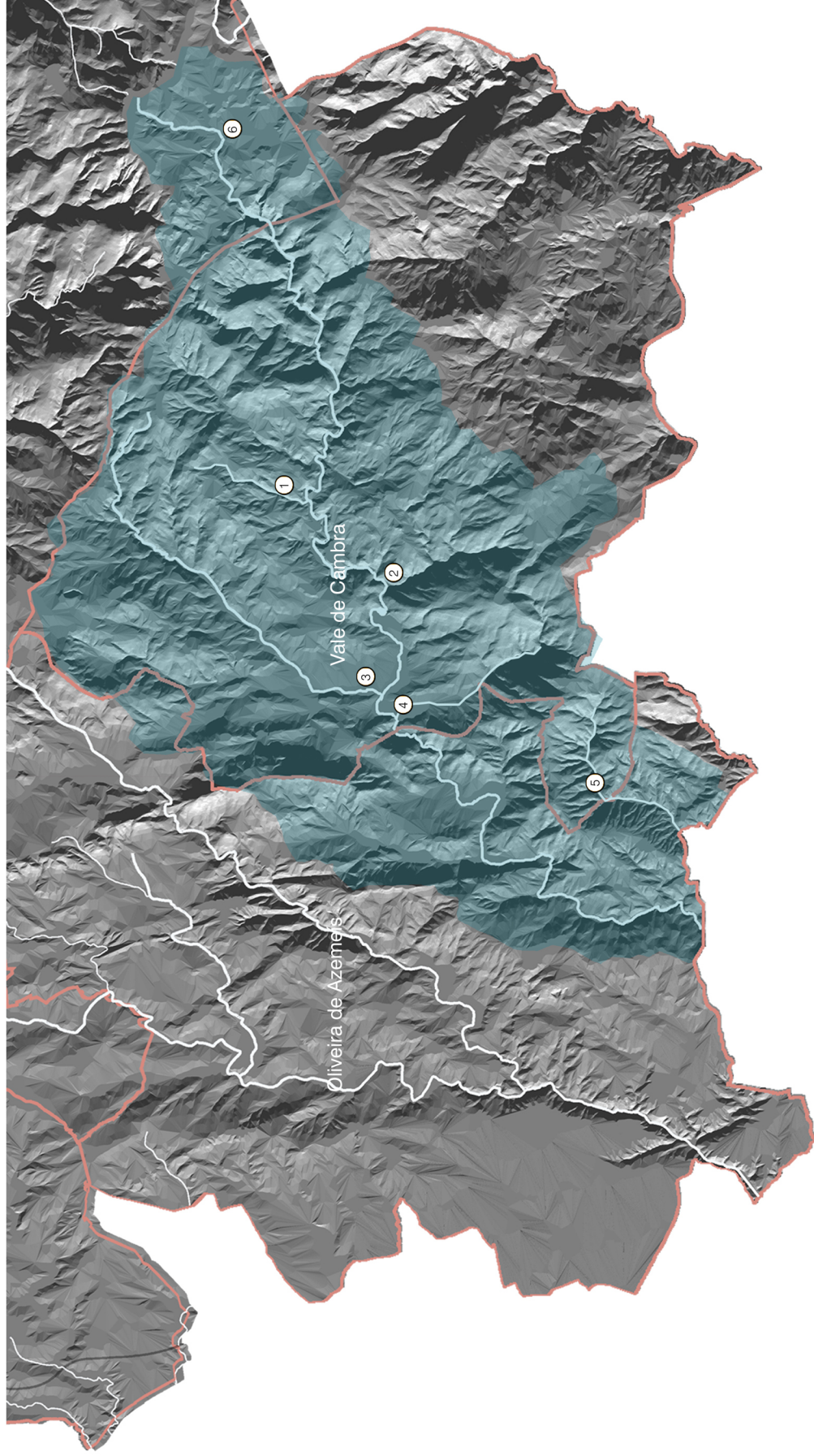




01 RIO CAIMA | GEOLOGIA

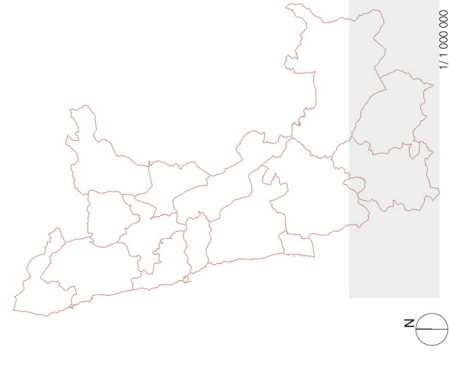
- Aluviões e Fluviössolos
- Rochas eruptivas
- Complexo Xisto-Grauváquico
- Ordovício
- Rochas filonianas

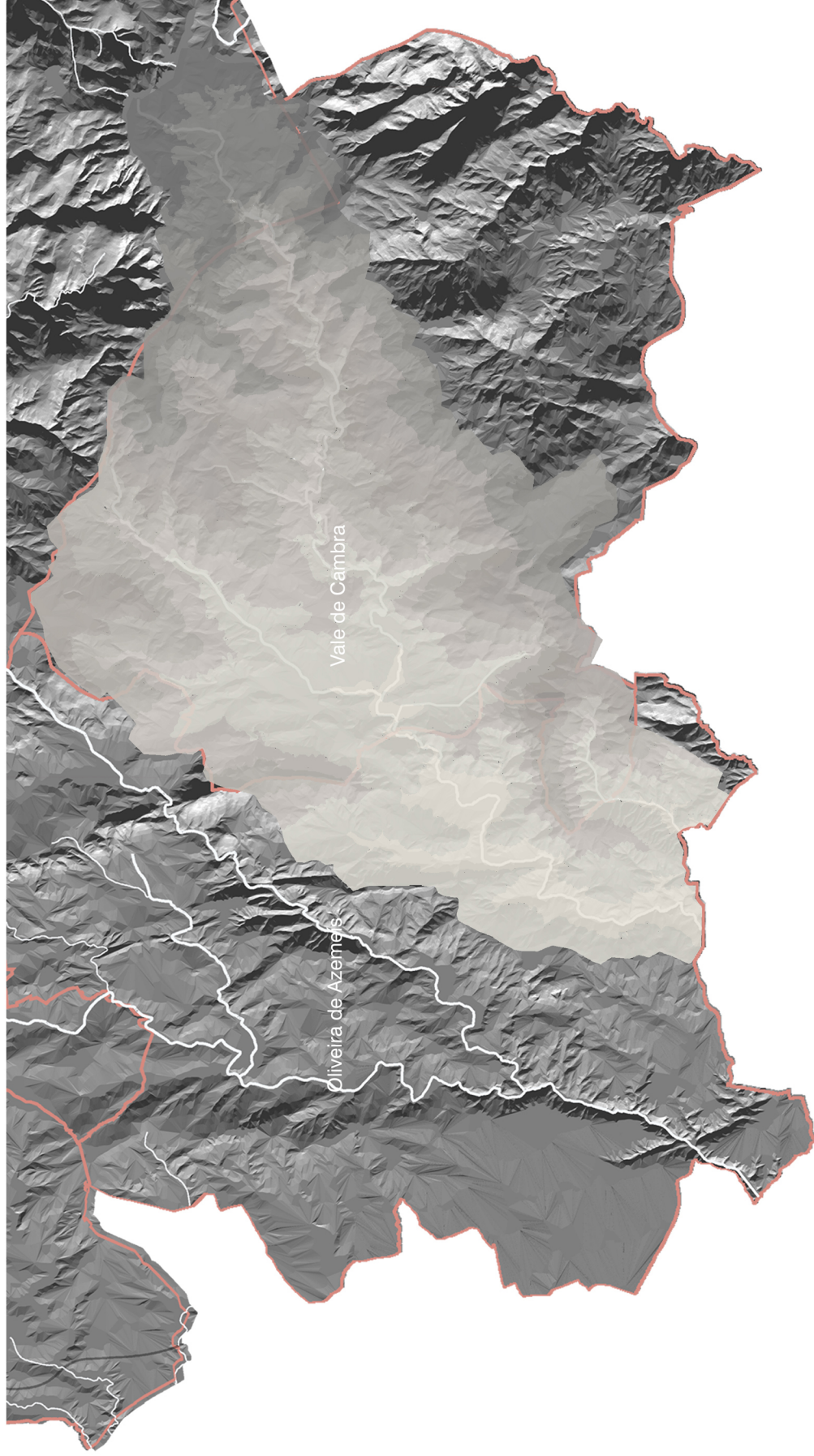




02 RIO CAIMA | HIDROGRAFIA

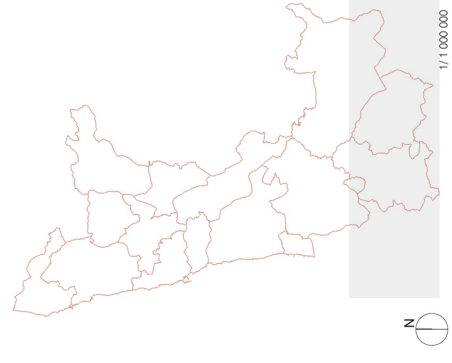
- 1 Rio Fuste
- 2 Ribeira das Cabras
- 3 Rio Vigues
- 4 Ribeira de Moscoso
- 5 Ribeira da Felgueira
- 6 Rio Caima





02 RIO CAIMA | HIPSOMETRIA

- 100 - 200 metros
- 200 - 300 metros
- 300 - 400 metros
- 400 - 500 metros
- 500 - 600 metros
- 600 - 700 metros
- 700 - 800 metros
- 800 - 900 metros
- 900 - 1000 metros
- 1000 - 1100 metros
- 1100 - 1200 metros



03 RIO CAIMA | HIPSOMETRIA

1 Km

IDENTIFICAÇÃO

Nome: "Rio Caima"

Área:

Freguesias: Albergaria da Serra (AR), Cepelos, Roge, Macieira de Cambra, São Pedro de Castelões (VB), Ossela, Palmaz (OA), Ribeira de Fráguas, Valmaior (AV), Macinhata do Vouga (AG)

Concelhos: Arouca (AR), Vale de Cambra (VB), Oliveira de Azeméis (OA), Albergaria-a-Velha (AV), Águeda (AG)

DESCRIÇÃO

"A Terra é verde e o céu é azul; é tudo verde e azul com raras pintas brancas do casario, que mais do que moradias de homens parecem janelas da própria paisagem."

"Nas noites de luar, quando o grande balão de ouro surge na lomba das montanhas, o vale enche-se de magia, dum sortilégio que paira desde os píncaros longínquos às águas sussurrantes do Caima. De manhã é o milagre, todos os dias há um milagre de luz sobre a terra quando o sol nasce em Vale de Cambra."

Ferreira de Castro (1898 - 1974)

"Do alto das montanhas, paisagens de sonho. Ao longe, em horizontes de prata, o mar e a Ria espelham-se. Do outro lado, numa sucessão de ondulados os contrastes sempre presentes numa infinidade de verdes. O rio Caima e uma miríade de outros cursos de água descem as montanhas dando vida aos campos. (...) Os mais recônditos e idílicos recantos, desde a Barragem Eng. Duarte Pacheco aos açudes de Arões e, mais recentemente, a praia fluvial de Burgães em Castelões convidam à tranquilidade, à fruição da natureza."

worldwatercities.com

"Por todo o lado, o verde que cobre os campos e as montanhas e, em baixo, correndo apertado em duas vertentes, o rio (Caima) com as suas margens cobertas de arvoredo cria belíssimas paisagens fluviais, ao longo das quais se alinham velhos moinhos e pontes antigas."

Câmara Municipal de Vale de Cambra

O Sítio

Designado outrora por *Camia*, já no séc. X, de origem pré-celta, com o significado de "*lama, lodo, argila, etc.*", o rio **Caima** nasce na **Serra da Freita**, a nascente da aldeia de Albergaria da Serra, no concelho de Arouca, próximo do lugar do **Junqueiro**, entre os 1000 e os 1100 metros de altitude, onde se dá a junção de vários riachos e linhas de água em pleno planalto e por este escorrem até confluírem num só. O rio Caima corre por entre relevo áspero e imponente, despenha-se das **escarpas da Mizarela**, prossegue por sucessivas cascatas até ao lugar da Ribeira, cujos campos, em socialcos, rega e daí prossegue até entrar no município de **Vale de Cambra** (freguesias de Roge, Cepelos, Macieira de Cambra, São Pedro de Castelões) e, depois, no de **Oliveira de Azeméis** (freguesias de Ossela e Palmaz), regando terras e movendo fábricas, até desaguar, no **rio Vouga, no lugar de Sernada do Vouga** (freguesia de Macinhata do Vouga, concelho de Albergaria-a-Velha). Ao longo do seu curso, na descida da Serra, recortando a paisagem, cavou vales profundos e encaixados, cobertos de **espesso arvoredado**. Nele desaguam as **ribeiras dos Cabaços e da Castanheira**, as quais engrossam, em muito, o seu caudal, a montante, no concelho de Arouca. O Caima que corre apertado entre duas vertentes até Rôge, tem nesta freguesia os afluentes **Ribeira de Fuste** ou Ribeira de Sandiães e a **Ribeira de Paço de Mato** ou Rio Caimó (www.cm-arouca.pt). Na margem esquerda, mencionam-se os **rios das Cabras, Moscoso, Felgueira e Filvida**, sendo este o mais importante da margem esquerda (COBA, 1988).

A bacia hidrográfica do Caima é de forma alongada, com um **perímetro total de cerca de 50 km** e **área de 193 hm²** desenvolvendo-se, em linhas gerais, no sentido NE-SW, no seu troço mais a montante e no sentido N-S no seu percurso mais a jusante. A orientação e a forma desta bacia é essencialmente condicionada pelo percurso do rio Caima e pelo seu afluente mais importante, o **rio Viges** na margem direita, que drenando uma área de cerca de 28,3 km² desenvolve a sua bacia para Norte da cidade de Vale de Cambra, onde desagua no rio Caima (COBA, 1988).

Dominando áreas de altitudes elevadas, principalmente no seu troço mais a montante onde as cotas das cabeceiras ultrapassam os 1000 metros, o rio Caima acaba correndo em áreas mais planas e de cotas relativamente baixas. O perfil longitudinal do rio Caima revela para o troço compreendido pelos limites do concelho de Vale de Cambra, características de um rio muito jovem, principalmente até cerca da cota 200 m um pouco a montante da sua confluência com o rio Viges, apresentando um alto declive médio do seu leito de cerca de 5%. Para jusante, o declive médio diminui substancialmente para cerca de 0,5%, encontrando-se apenas em pequenos trechos declives mais significativos. Da curva hipsométrica da bacia hidrográfica do rio Caima, mais de um quarto da sua

área situa-se a cotas superiores a 500 metros, enquanto que cerca de outro quarto ocupa áreas de cotas inferiores a 200 metros. A altitude média da bacia hidrográfica total é de cerca de 400 metros (COBA, 1988).

O rio Caima é aproveitado como **fonte geradora de energia eléctrica desde os anos 30 do séc. XX**. Ao longo do seu curso, foram construídos vários **aproveitamentos hidroléctricos**: Padrastos/Açude de Moreira (concelho de Vale de Cambra), Areeiro, Palmaz e Ossela (Oliveira de Azeméis), Palhal, Quinta do Caima e Vale Maior (Albergaria-a-Velha). A construção destes pequenos aproveitamentos hidroeléctricos de potência reduzida justificou-se quando Portugal estava numa fase insipiente da sua electrificação. As **pequenas centrais hidroeléctricas** forneciam **energia eléctrica a unidades industriais e a aglomerados populacionais**, em regiões onde não existiam redes de distribuição de electricidade. Com o desenvolvimento, a partir dos anos cinquenta do séc. XX, da produção e das redes de distribuição de energia eléctrica, o interesse pelas pequenas centrais foi diminuindo e uma boa parte delas deixou de funcionar. Nos anos 80, no seguimento de sucessivas crises petrolíferas e consequentes preocupações energéticas, renasceu o interesse pelas pequenas centrais hidroeléctricas (COBA, 1988).

Sob o **ponto de vista geológico**, o substrato rochoso sobre qual corre o rio Caima é, dentro dos limites do concelho de Vale de Cambra, representado em 55% por **rochas granitóides hercínicas** e em 40% por metassedimentos correspondentes ao **Complexo Xisto-Grauváquico** de idade provavelmente Câmbrica (Xistos das Beiras). Os restantes 5% correspondem a **gnais** de idade ainda indeterminada (hercínicos precoces e/ou ante/hercínicos) que surgem na zona de Areias. As rochas granitóides hercínicas são, na grande maioria, granitos de tendência alcalina, com duas micas, foliados, de grão médio a grosseiro. Xistos argilosos, xistos grauvacoides e quartzitos cinzentos, constituem no essencial os metassedimentos câmbricos. Quanto ao relevo, ele é em grande parte condicionado pela **tectónica hercínica**. Sistemas fundamentais de falhas com direcções NW-SE a NNW-SSE e NE-SW a NNE-SSW, além de outras, a que se aliam arqueamentos de depressões da mesma época, impõem os mais relevantes traços não só morfológicos mas também hidrográficos, da região. Até à localidade de **Mizarela**, o rio Caima corre essencialmente sobre **terrenos graníticos**. Aqui, a sua entrada em **terrenos fundamentalmente xistentos** (por vezes, aperecem pequenos retalhos de rochas granitóides), é marcado por um **acentuar brusco do declive** do rio. Os vales estreitam, as vertentes verticalizam-se e a rocha aflora, quer nas vertentes, quer mesmo no leito do rio. A própria cobertura vegetal acompanha esta brusca transição morfológica. De um ambiente agreste a algo árido, passa-se a uma zona de densa e verdejante cobertura florestal. É com estas características que o rio Caima, entra, próximo da povoação da Ribeira, no concelho de Vale de

Cambra. Próximo de **Paço do Mato**, o rio torna a entrar em **terrenos graníticos**. O relevo torna-se mais suave e surgem zonas em que a rocha não aflora. Vão aparecendo ao longo do rio **depósitos aluvionares**, muito embora com fraca expressão. Cerca de 1 km para montante da localidade de Aguincheira, o rio passa a correr em terrenos do **Complexo Xisto-Grauváquico**. De relevo mais suave, a cobertura aluvionar assume aqui uma particular importância. A ampla e fértil planície resultante é, desde há muito, aproveitada para a agricultura, datando da década de 40 o denominado aproveitamento hidroagrícola de Burgães (COBA, 1988).

Do ponto de vista das **condições hidrogeológicas**, incluem-se **complexos aluvionares** e outro agrupando os **metassedimentos câmbrios** (Xistos das Beiras, dos quais xistos argilosos, xistos grauvacóides e quartzitos cinzentos) e as **rochas de natureza eruptiva** (granitos e gnaisses) (COBA, 1988). O concelho de Oliveira de Azeméis pode caracterizar-se como sendo uma área de influência atlântica, assente em formações **sedimentares e metamórficas** – Complexo Xisto-Grauváquico - e **formações graníticas**, nas áreas mais a Noroeste. Quanto ao relevo este vai desde o plano, na parte mais ocidental, ao ondulado ou mesmo acidentado, na parte mais interior do concelho.

Quanto às **características genéricas dos solos**, a área da bacia hidrográfica do rio Caima inclui-se em conjuntos de terrenos com características de permeabilidade em pequena porosidade distintas. O de menor expressão é constituído por **aluviões**, depósitos de vertente, terraços fluviais e depósitos de planície, com preponderância para os aluviões. Embora numerosos cursos de água alberguem alguns metros de espessura aluvionar, manchas importantes são de assinalar, **no rio Caima, junto a Selores e Castelões**, e nos **rios Vigues e Moscoso**, particularmente nos terrenos a cotas mais baixas. O grande conjunto de terrenos é constituído por uma grande diversidade de tipos litológicos, de permeabilidade reduzida ou muito reduzida, constituídos essencialmente por metassedimentos Paleozóicos e Precâmbrios a que se juntam rochas eruptivas diversas.

A bacia hidrográfica do rio Caima enquadra-se numa região com precipitação média anual elevada, da ordem dos 1880 mm (Barragem Castelo-Burgães) e tem no seu escoamento superficial cerca de 51% daquela, uma importante componente do balanço hídrico. A bacia hidrográfica do rio Caima localiza-se numa área ainda de influência marinha, húmida, de precipitação elevada e temperaturas médias anuais de cerca de 14°C. A estação udométrica que influencia a área da bacia hidrográfica do rio Caima é a estação de Arouca. Chove praticamente todo o ano, com máximos entre Dezembro e Março e mínimos entre Julho e Agosto (COBA, 1988). No que respeita ao clima, os concelhos de Arouca e Vale de Cambra possuem um micro-clima de vale fundo, protegido dos ventos pelas altas serranias que o circundam.

O rio Caima sofre grande poluição em Vale de Cambra que se agrava em Oliveira de Azeméis devido à existência de vários focos poluidores. O rio Caima apresenta alguns troços poluídos reduzindo drasticamente o seu potencial natural em termos de flora e fauna, devido essencialmente ao uso de **herbicidas e fertilizantes** e às **actividades industriais**, cujos efluentes são despejados no rio sem tratamento prévio. A falta de saneamento e a existência de ribeiras poluídas que aí desagüam contribui para a má qualidade desta linha de água. Destacam-se alguns dos **focos de poluição** considerados representativos: os efluentes domésticos e industriais de Oliveira de Azeméis, os efluentes das Minas do Pintor, os efluentes da fábrica de lacticínios *Lactogal*, os efluentes da fábrica de lacticínios *Lacticínios de Azeméis*, os efluentes da suinicultura *Bigpig*, a ETAR de Ossela (efluentes industriais, incluindo soro de leite de fabrica de lacticínios em Vale de Cambra), os efluentes da fábrica de lacticínios *Indulac* e uma vacaria que descarrega na Ribeira do Meio, um pequeno afluente do Caima. De acordo com o Instituto Nacional da Água, existe uma estação de monitorização da **qualidade da água em Ponte de Vale Maior, no rio Caima, a cerca de 4 km a montante da confluência deste rio com o Vouga**. Esta estação coincide com uma estação hidrométrica equipada com um limnógrafo. A bacia do rio Caima inclui a zona industrial de Vale de Cambra. São também de referir a fábrica de papel do Caima, junto a Ferreirós, e a Celulose do Caima, junto a Carvalhal. Esta última unidade, de maiores dimensões, cessou a sua actividade em 1992, o que se reflecte nas análises de qualidade da água (Plano de Bacia Hidrográfica do rio Vouga (2002) em www.inag.pt).

Com dados desde 1995, a qualidade da água na estação de Ponte de Vale Maior foi classificada como “Razoável” em 2007, apesar das elevadas concentrações de **coliformes totais**. Esta classificação deve-se a **poluição de origem urbana**, como descargas de ETAR e de fossas sépticas. A **poluição industrial** que afecta a qualidade da água nesta estação deve-se à **elevada concentração das indústrias do couro, produtos metálicos e não metálicos, madeira e cortiça, produtos químicos e alimentares** (azeite) na bacia do Caima (www.inag.pt). Desde 1995, têm sido observadas elevadas concentrações de outros parâmetros indicativos de **intensa poluição orgânica e microbiológica, conducente a fenómenos de eutrofização** (oxidabilidade, oxigénio dissolvido, carência química de oxigénio, coliformes fecais e totais, estreptococos fecais, azoto amoniacal, fósforo total e fosfatos), que tem feito variar a qualidade da água entre “Razoável” e “Má”. De notar ainda o registo de concentrações elevadas de cádmio e manganês nesta estação em 2004 (www.inag.pt).

A má qualidade da água do rio Caima justifica assim o investimento dos municípios da sua bacia em sistemas de tratamento de águas adequados e eficazes, como a **ETAR de Ossela (concelho de Oliveira de Azeméis)** e as **ETARs de Valmaior e Albergaria (concelho de Albergaria-a-Velha)**.

A ETAR de Ossela cobre as freguesias de Ossela, Pindelo, Carregosa e Fajões, do concelho de Oliveira de Azeméis, assim como as localidades de Rôge, Macieira, Vila Chã, Codal e Castelões, do concelho de Vale de Cambra.

Apesar da má qualidade das águas do rio Caima, os cerca de **20 moinhos** que existem nas suas margens, constituem só por si, **grande valor cultural e social** a preservar e um grande **potencial turístico**, justificando-se a sua completa recuperação. A **Câmara Municipal de Vale de Cambra pretende reabilitar o rio Caima**, através de várias medidas de despoluição da linha de água, limpeza e estabilização de margens, naturalização da paisagem (com introdução de vegetação ripícola, aumentando a biodiversidade), criação e melhoria de zonas de lazer, promoção do desporto, do turismo e do pedestrianismo e intervenção ao nível patrimonial (recuperação de moinhos e percursos e ligação destes a outros com interesse turístico). A **Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis** manifesta a mesma intenção na **requalificação dos espaços fluviais** ao longo do rio Caima (Parque Bento Carqueja, Zona da Fábrica de Papel do Caima, Área de Lazer de Pedregulhal), assim como na **despoluição do rio Caima e requalificação das suas margens, criação de espaços de lazer e de percursos pedonais e cicláveis**. Em Vilarinho de São Luís (Oliveira de Azeméis), o executivo municipal pretende ainda a qualificação deste núcleo rural, a criação de uma unidade de gestão do núcleo rural para preservação das suas características arquitectónicas e ambientais, a recuperação do património arquitectónico, o desenvolvimento de projectos de turismo em espaço rural isolados ou de turismo de aldeia.

A **ADRMAG – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado nas Serras de Montemuro, Arada e Gralheira**, através do LEADER II, empreendeu acções de limpeza do rio Caima no lugar de Paço de Mato, criando-se assim uma área de lazer, com praia fluvial, junto das águas límpidas do rio Caima. O **Clube de Pesca Desportiva e Preservação do Ambiente e Património do Caima e Caimó** é outra associação com actividade na região do Caima e seus afluentes.

As **Terras de Santa Maria**, que abrangem os actuais concelhos de Albergaria-a-Velha, Arouca, Castelo de Paiva, Espinho, Estarreja, Gondomar, Murtosa, Oliveira de Azeméis, Ovar, Santa Maria da Feira, São João da Madeira, Sever do Vouga, Vale de Cambra e Vila Nova de Gaia, é fruto de uma designação antiga (*Civitas Sanctae Mariae*) que remonta ao séc. XI, em sinal de agradecimento a Nossa Senhora pelas terras conquistadas a Norte e Sul do Douro, entre as quais se incluíam as terras de Entre-Douro e Vouga, pelo Conde de Civitas Portucalenses, D. Munio Viegas, seus filhos D. Egas e D. Garcia, os Descendentes de D. Arnaldo de Bayão e os senhores de Eixo, Ois e Marnel após as lutas travadas com os sarracenos. A Civitas Sanctae Mariae, está documentada desde o ano 977 e

mais tarde em 1117, num documento de D. Teresa, como "Terra de Santa Maria". Em 1514, D. Manuel I concede o foral à "Vila da Feira e Terra de Santa Maria", significativo do ponto de vista fiscal ao regular e definir os foros a pagarem pelos seus moradores. Era donatário destas terras o Infante D. Pedro, futuro Rei D. Pedro III. Até 1700, pertenceram aos Condes da Feira, dos Forjazes e Pereiras. Em 1708 e após a morte do oitavo e último conde, D. Fernando Forjaz Pereira Pimentel de Meneses e Silva, sem sucessão legítima, a maior parte dos bens passaram para a Casa do Infantado, de que era senhor então o Infante D. Francisco, irmão do rei doador, D. João V, a que sucedeu no senhorio o Infante D. Pedro. As terras de Cambra integravam o condado da Feira. A maior parte do clero era da apresentação dos Condes da Feira e mais tarde da Casa do Infantado.

Património Cultural

A formação das **terras de Cambra e de Arouca** perde-se na antiguidade dos tempos. Testemunhos chegados aos dias de hoje, fazem recuar as raízes destes povoados a, pelo menos, três mil anos antes de Cristo. Se muito se perdeu em termos de vestígios desses tempos, ainda são visíveis, entre outros, os **dolmén**s e **castros**, as **pontes** e alguns troços de **estradas romanas**. De montante para jusante, o rio Caima apresenta várias **pontes antigas**, algumas medievais ou romanas com interesse arquitectónico.

A **Ponte de Porto de Cavalos (Cepelos, Vale de Cambra)** é uma ponte sobre o ribeiro do Casal (afluente do rio Caima). Tem acesso pela EN222 (Vale de Cambra - São Pedro do Sul), km 18,5, no caminho municipal para a ponte, no lugar da Batalha. Implantada numa zona de fundo de vale com campos em socalco abandonados, está datada dos sécs. XVII/XVIII. Serve um **antigo caminho romano pelo Monte dos Castelos, o chamado "Caminho dos Castelos", de ligação entre Cepelos e Rôge, entre os lugares do Casal e o do Gatão, no trajecto para a Ponte do Castelo do Mau Vizinho**, onde cruzava o rio Caima. Existem **várias alminhas** situadas no Monte dos Castelos, colocadas numa zona de afloramentos graníticos, à face da calçada do Caminho dos Castelos.

A Ponte de Porto de Cavalos tem uma construção de corpo em alvenaria de granito, possui um único arco de volta inteira. Junto a um dos acessos, encontram-se umas alminhas protegidas por uma estrutura em granito que enquadram um largo vão protegido com grade de madeira. A cruz de madeira pintada que integra tábuas pintadas com representação popular de alminhas, mostra Cristo ao meio enquadrado por Santo António e São Miguel Arcanjo, tendo no plano inferior a Virgem Maria e as Almas do Purgatório (www.ippar.pt, www.monumentos.pt, www.cepelos.net).

A **Ponte de Paço de Mato ou Ponte da Fontinha (Roge, Vale de Cambra)** localiza-se na EM 550 (Vale de Cambra - Paço de Mato), serve um antigo caminho de ligação entre os lugares de Paço de Mato e Viadal. Implanta-se numa zona de encostas íngremes e margens altas cobertas por densa vegetação com fragas e o leito cavado de **marmitas**. Junto a esta ponte, no lado Sul, existe a ruína de um **antigo moinho de alvenaria e tecto de lousa** bem integrado na paisagem serrana. O caminho de acesso que desce a encosta a partir de Paço de Mato conserva largos troços com pavimento de calçada. De construção datada dos sécs. XVII/XVIII, é uma ponte de tabuleiro horizontal sobre um único arco de volta plena, de construção em alvenaria de granito. O tabuleiro horizontal está pavimentado de calçada, assim como os acessos que descem as encostas íngremes até à ponte. Foi proposta para classificação como Imóvel de Interesse Municipal pela Câmara Municipal de Vale de Cambra em 2001 (www.monumentos.pt, www.ippar.pt).

A **Ponte do Pisão (Roge, Vale de Cambra)** localiza-se na EM 550 (Vale de Cambra - Paço de Mato), à saída do lugar de Sandiães, no caminho municipal entre Cepelos de Baixo e Sandiães, onde cruzava o rio Caima. Situa-se numa zona de margens altas com fragas cobertas por densa vegetação e leito cavado de **marmitas**. Datada dos sécs. XVII/XVIII, é uma ponte de tabuleiro horizontal sobre um único arco de volta plena e construção de alvenaria de granito (www.monumentos.pt). A margem direita do rio têm plantações de vinha em socacos, enquanto a margem esquerda tem uma galeria ripícola insipiente. Junto à ponte, existe um moinho abandonado, em ruínas.

A **Ponte do Castelo (Roge, Vale de Cambra)** é uma ponte sobre o rio Caima, conhecida localmente como a **Ponte do Castelo do Mau Vizinho**. Localiza-se na EM 550 (Vale de Cambra - Paço de Mato), em Rôge, junto da Igreja Matriz num caminho de terra que desce para o rio Caima. Implantada numa **zona de fragas graníticas junto da Barragem Eng. Duarte Pacheco**, liga esta freguesia, pela Berbedã à de Cepelos. De traça medieval-românica, é formada por um pequeno arco de volta plena, de cantaria grossa e enchimento de alvenaria. As lajes de granito que constituem as guardas exibem numerosos gatos de ferro, ligando-as entre si. Existe um **moinho renovado** quase adossado ao encontro da margem Sul do lado jusante; para montante, após uma curva do rio, encontra-se o paredão da barragem Eng. Duarte Pacheco. Foi proposta para classificação como Imóvel de Interesse Municipal, em 2001 pela Câmara Municipal de Vale de Cambra (www.monumentos.pt). **As alminhas da Ponte do Castelo** ficam junto à ponte com o mesmo nome, um pouco antes da mesma, do lado direito. É uma construção, antiga, com pedras em granito, onde se notam restauros posteriores. Próximo encontra-se o povoado denominado **Castro do Castelo de Sandiães** (www.ippar.pt).

A **Ponte Velha (Macieira de Cambra, Vale de Cambra)** é uma ponte sobre o rio Caima datada dos sécs. XVII/XVIII, localizada no lugar de Padraços, estabelecendo a ligação a Santa Cruz, assim como a outras zonas mais serranas do concelho. Localiza-se na EN 227 (Vale de Cambra - São Pedro do Sul), km 16, num caminho à esquerda para a ponte, em zona de margens altas com vegetação densa. À cota do tabuleiro da ponte, a encosta mostra **campos agrícolas em terraço**. A chamada Ponte Velha é formada por um arco de volta plena, com aparelho de granito nos arcos e nos contrafortes e alvenaria no corpo, enquanto o pavimento é de alçada. Foi proposta para classificação como Imóvel de Interesse Municipal pela Câmara Municipal de Vale de Cambra em 2001 (www.monumentos.pt).

A **Ponte de Burgães (São Pedro de Castelões, Vale de Cambra)** situa-se na estrada que liga os lugares de Burgães e Formiga, na cota mais baixa do concelho a 200 metros de altitude, numa grande **área de aluvião** ainda bem patente na envolvente agrícola, onde se cultiva essencialmente milho forrageiro e vinha. O rio Caima está represado a montante da ponte, constituindo uma praia fluvial, onde a água é conduzida através de um canal até aos moinhos recentemente recuperados por associações culturais da região.

A **Ponte Nova (São Pedro de Castelões, Vale de Cambra)** localiza-se na EN328 que liga São Pedro de Castelões a Vila Chã, na zona das Gandarinhas. Situa-se próximo da antiga Ponte dos Coronados, de traça romana.

A **Ponte dos Coronados (São Pedro de Castelões, Vale de Cambra)**, apoiada em dois arcos desiguais de volta plena, localiza-se no lugar de Entrepontes ao km 1,5 da EN 328 (Vale de Cambra - Sever do Vouga). Fazia a ligação com a Serra do Arestal, na freguesia de S. Pedro de Castelões, **próximo da confluência do rio Caima com o Viques**, nas imediações de **vários moinhos**. É uma ponte em alvenaria, sobre dois arcos desiguais de volta perfeita. Terá sido construída entre os sécs. XVII/XVIII, com obras posteriores já no séc. XIX. Em 2001, foi proposta para classificação como Imóvel de Interesse Municipal pela Câmara Municipal de Vale de Cambra (www.monumentos.pt, www.ippar.pt).

A **Ponte de Viques (São Pedro de Castelões, Vale de Cambra)** localiza-se na EM 651 entre São Pedro de Castelões e os lugares da Coelhosa e Pinheiro Manso, sobre o troço final do rio Viques, antes de desaguar no rio Caima. Implanta-se numa zona de veiga agrícola, próximo do **Complexo Municipal das Dairas**.

A **Ponte de Varziela (São Pedro de Castelões)** localiza-se na EN 328 (Vale de Cambra - Sever do Vouga), km 1,5, no lugar de Areias. Atravessa o rio Caima numa zona de **margens baixas com**

ocupação agrícola. Datada dos sécs. XVII e XVIII, é uma ponte de cavalete em granito sobre dois arcos desiguais de volta plena. Na entrada da ponte do lado Este, o tabuleiro assenta sobre um terceiro arco, de pequena dimensão, para passagem de canal de águas que alimentavam a fábrica situada na envolvência. Tem uma estrutura idêntica à Ponte dos Coronados. Foi proposta para classificação como Imóvel de Interesse Municipal pela Câmara Municipal de Vale de Cambra em 2001 (www.monumentos.pt).

A **Ponte Nova (Ossela, Oliveira de Azeméis)** localiza-se na EN 224 (Oliveira de Azeméis - Vale de Cambra), km 56, e depois EM 549, sobre o rio Caima. Faz ligação entre a sede da freguesia e os lugares situados na margem esquerda do rio Caima (Carvalhosa e Bustelo do Caima). Implanta-se numa **zona de estreitamento do vale de Ossela**, com margens altas com campos em socalco, construções recentes e floresta. Datada do séc. XIX, é uma ponte sobre dois arcos iguais de volta redonda de cantaria de granito (www.monumentos.pt). Uma grande cheia desmoronou esta ponte há bastantes anos, tendo sido reconstruída. A mesma cheia destruiu uma outra ponte mais acima, perto do Crasto de Ossela, que não reergueram (www.terrasdelasalette.com).

A **Ponte dos Cadeados (Ossela, Oliveira de Azeméis)** localiza-se num vale aberto sobre o rio Caima, que aqui se desloca no sentido N-S, sobre uma estrada de acesso ao lugar de Bustelo do Caima.

A **Ponte do Padre (Palmaz, Oliveira de Azeméis)**, localiza-se a jusante da **antiga Fábrica de Papel do Caima**, descendo da Igreja Matriz, no ponto mais estrangulado do rio Caima. Crê-se da época setecentista. Esteve-lhe encostada, na margem direita e a montante, uma **antiga fábrica de papel, ou engenho de papel**, como se dizia na altura, **de fabrico manual** e uma outra ponte, a **Ponte da Fábrica** (www.cm-oaz.pt).

A **Ponte do Pêga (Palmaz, Oliveira de Azeméis)** situa-se a jusante da Ponte do Padre junto de uma mini-hídrica, numa zona de afloramentos rochosos de xisto, evidentes em alinhamentos rasgados ao longo do rio. O rio Caima apresenta aqui uma galeria e mata ripícola densa de **carvalho-roble** (*Quercus robur*), **aveleiras** de grande porte (*Corylus avellana*), **pilriteiros** (*Crataegus monogyna*) e vegetação rasteira de **fetos** (*Pteridium aquilinum*) e **silvas** (*Rubus sp.*), assim como **acácias** (*Acacia melanoxylon* e *Acacia dealbata*). A ponte, datada do séc. XVIII, possui tabuleiro sobre dois arcos desiguais de volta redonda em granito (www.monumentos.pt).

As terras de Arouca e Cambra são lugares de grande religiosidade, com as suas **capelas e igrejas de interesse arquitectónico**, as quais trazem associadas grandes **festas e romarias** dos concelhos de Arouca, Vale de Cambra e Oliveira de Azeméis.

A **Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção (Albergaria da Serra, Arouca)** localiza-se na EN 326 (Arouca - Espinho), km 38, no cruzamento com a EM para Albergaria das Cabras. Situa-se numa zona aberta de planalto, no topo da Serra da Freita, delimitada por adro murado e rodeado de campos agricultados. A Norte confronta com caminho público e a SE com o cemitério paroquial, em cujo muro se encontra cravada a **Lápide da Albergaria da Serra**. No adro, diante da fachada principal, ergue-se um cruzeiro simples. É uma igreja paroquial de planta longitudinal do séc. XVIII, com nave única e capela-mor. A sacristia e a torre sineira estão adossadas, respectivamente, ao lado Norte do corpo da nave e ao lado Sul da fachada principal (www.monumentos.pt). A **lápide da Albergaria da Serra (Albergaria da Serra, Arouca)** data de 1641, pertence à albergaria do Mosteiro cisterciense de Arouca, com fundação provável no séc. XII pela rainha D. Mafalda, filha de D. Sancho I que lhe coutou um termo situado entre Lafões, Arouca e Cambra. No séc. XIII, o edifício foi ampliado ou reedificado pela rainha Santa Mafalda, abadessa do Mosteiro de Arouca. Os antigos edifícios localizavam-se onde hoje se vê o cemitério paroquial. A lápide tem a seguinte transcrição e leitura: "AL[B]URGARIA P[ER]JA POBRES / E PASAGEIROS COM / OBRIGACAO DE DAR / DUAS CAMAS HUA / P[ER]JA POBRES OUTRA P[ER]JA / RICUOS RENOVADA / EM TODAS SEMANAS / [...] / NHA ERA DE / [1]641" (www.monumentos.pt).

O **Parque e Capela da Senhora da Ouvida (Cepelos, Vale de Cambra)** situam-se no lugar do Viadal. Na EM227 (Vale de Cambra – Cepelos), vira-se à esquerda em Cepelos para EM550-3 em direcção a Gatão/Vilar e, após a localidade de Vilar, vira-se à esquerda em direcção a Viadal, seguindo as indicações de Parque Nossa Senhora da Ouvida em direcção a Tabaço ou seguir até ao lugar de Viadal. O santuário da Nossa Senhora da Ouvida fica situado entre as cotas 650 e 660 metros, numa **encosta sobranceira ao vale do rio Caima**, com **vista para a Frecha da Mizarela** a Nordeste. A capela está situada na cota mais baixa. O acesso principal é feito a partir do lugar de Viadal por uma escadaria orientada a SO, junto da qual está colocado o Centro Cultural da localidade. A celebração mais importante do santuário tem lugar no último Domingo de Pascoela. Na área de parque, existem diversas plantações de diferentes espécies: **ciprestes** (*Cupressus sp.*), **carvalho-americano** (*Quercus coccinea*), **sobreiro** (*Quercus suber*), **bordo-negundo** (*Acer negundo*) e **bétula** (*Betula celtiberica*).

A **capela da Senhora da Ouvida (Cepelos, Vale de Cambra)** tem planta longitudinal composta por nave, capela-mor e sacristia do lado esquerdo a que se adossa torre sineira quadrangular à direita da fachada principal. No interior, o retábulo principal e dois laterais ao arco triunfal de madeira estão pintados a branco e ouro mostrando sob o lado da Epístola, um frontal de madeira com pintura policroma de ramagens (www.monumentos.pt). Junto à capela, diante da fachada principal, ergue-se o **Cruzeiro da Capela de Nossa Senhora da Ouvida**, mandado construir por Manuel Tavares Lomba, em 1948 (www.cepelos.net). Fora do parque da Capela de Nossa Senhora da Ouvida, a meio da encosta que lhe fica sobranceira, encontra-se um cruzeiro de granito da **Procissão do Viadal** formado por cruz de braços quadrangulares assente sobre penedo granítico que lhe serve de base (www.cepelos.net).

O **Parque e Capela de Nossa Senhora do Desterro (Roge, Vale de Cambra)** localizam-se na EM 550 (Vale de Cambra - Paço de Mato), no lugar de Função. Situam-se entre os 590 e 610 metros de altitude, no maciço da Devesa, parte da Serra da Freita. A encosta é orientada a Sudoeste com o rio Caima no fundo do vale, com vista para Vale de Cambra. A capela está implantada ao centro do santuário. A primitiva capela datava do séc. XVIII, dela se conservando a pequena sineira e no interior, duas pias baptismas em pedra e as imagens da Padroeira e a do Espírito Santo, ambas em madeira, datadas da época setecentista. Uma outra imagem, de Santo António, dos sécs. XVIII-XIX encontra-se na capela-mor. A actual capela, construída na segunda metade do século XX apresenta linhas modernas, torre sineira do lado direito e na entrada, por cima da porta principal, um arco em ogiva com um nicho, onde foi colocada em 1992, uma escultura em mármore da Senhora do Desterro. Ladeada por dois coretos, em frente surge o cruzeiro, que data muito provavelmente da época da construção da primitiva capela (www.jf-roge.com). O espaço está povoado por várias espécies vegetais: **ciprestes** (*Cupressus sp.*), **carvalho-americano** (*Quercus rubra*), **tílias** (*Tilia cordata*), **ligustres** (*Ligustrum lucidum*), **sobreiros** (*Quercus suber*), **cerejeiras** (*Prunus Avium*), **bordo** (*Acer negundo*) e **pinheiro-bravo** (*Pinus pinaster*). A celebração principal realiza-se no Domingo e 2ª Feira de Pentecostes. Conhecida anteriormente como Nossa Senhora do Destino, a ela é dedicada uma das maiores romarias do concelho.

A **Capela de Nossa Senhora da Luz (Roge, Vale de Cambra)** situa-se no interior da povoação de Paço de Mato. É uma pequena capela de linhas simples, apresentando sineira do lado direito e pequena cruz ao centro. Por cima da porta de entrada, está gravada a data de 1814, que poderá indicar a data da construção ou então de um restauro. No seu interior, além da imagem da sua padroeira, escultura quinhentista em pedra anã, guarda mais duas imagens também elas em pedra

ançã, representando Santo Amaro e S. Gonçalo de Amarante. Em 1992, a capelinha foi restaurada pela Irmandade da Nossa Senhora da Luz (www.jf-roge.com).

A **Fonte da Moreira ou Fonte do Paço (Roge, Vale de Cambra)** localiza-se num desvio à esquerda para o lugar de Paço, antes de chegar à Igreja Matriz de Roge. Situada numa encosta e rodeada de campos com ramadas e anexos rurais do Lado Sul, é uma fonte de espaldar com data inscrita de 1754. É idêntica à Fonte de Roge. Não tem tanque, caindo a água da bica directamente para cavidade cavada em pedra colocada diante do espaldar (www.monumentos.pt).

O **Cruzeiro de Roge (Roge, Vale de Cambra)** localiza-se, isolado e em destaque, no interior do adro do Largo da **Igreja Matriz de Roge**. Contemporâneo da Igreja Paroquial de São Salvador, o cruzeiro de Roge data de 1762. O modelo utilizado no cruzeiro de Roge é relativamente comum no Norte do país, simbolizando, por outro lado, um dos valores mais importantes da vivência religiosa exterior, de setecentos. Profusamente esculpido, este cruzeiro conjuga motivos vegetalistas com figuras de atlantes e outros símbolos cristãos, como a cruz, bem visível no topo desta longa estrutura. Está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1949 (www.ippar.pt, www.monumentos.pt). A **Fonte de Roge (Roge, Vale de Cambra)** está colocada do lado NO do anfiteatro ao ar livre que integra os arranjos exteriores do **Centro Cívico de Rôge**. Na envolvente próxima do lado Este, localizam-se a Igreja e o Cruzeiro de Roge. É uma fonte datada do séc. XVIII, de espaldar decorado. É idêntica à Fonte de Moreira. Em 1998, foi deslocada a fonte do local original a fim de integrar os arranjos exteriores do Centro Cívico de Rôge (www.monumentos.pt).

A **Igreja Paroquial de Roge (Roge, Vale de Cambra)** está colocada isoladamente num socalco escarpado, a dominar o rio Caima. Datada do séc. XVIII, a igreja de S. Salvador é uma construção de arquitectura de inspiração joanina, pela riqueza de ornamentos que apresenta na frontaria. A planta longitudinal tem uma só nave, duas capelas laterais, opostas, capela-mor em semicírculo, sacristia do lado esquerdo e torre sineira adossada à direita. Numa das capelas, dedicada a Nossa Senhora do Rosário, esteve o primitivo altar dedicado a esta invocação mariana, criado em 1792, com autorização do Papa Pio VI. No altar-mor, dedicado a S. Salvador, pode encontrar-se um retábulo que enquadra talhas setecentistas. Na iconografia, destacam-se as imagens da Virgem com o Menino, Santo António e Nossa Senhora do Rosário, em calcário, esculturas da oficina coimbrã. Em madeira, tem-se as esculturas de Nossa Senhora do Rosário, o Grupo da Visitação - Nossa Senhora e Santa Isabel, Cristo Crucificado, do séc. XVIII e a imagem de Nossa Senhora das Dores. A imagem de Santo António, do séc. XVI, colocada no altar colateral esquerdo, apresenta o Santo de hábito franciscano e

capuz levantado, salientados a ouro (www.jf-roge.com, www.monumentos.pt). No adro da igreja, situa-se uma sepultura trapezoidal e antropomórfica, medieval (www.monumentos.pt).

A **Capela de Santa Helena (Rôge, Vale de Cambra)** localiza-se no lugar de Santa Cruz, no limite com a freguesia de Macieira de Cambra. Tem uma construção de linhas direitas, com torre sineira no vértice da frontaria. Por cima da porta da entrada, existe um painel de azulejos com a imagem de Santa Helena. Foi erigida em 1973 por Aurélio Soares Almeida. O interior, com coro alto, alberga a imagem da titular, colocada no altar-mor, bem como as imagens em madeira, antigas, de S. Joaquim e S. Brás. Uma outra imagem, de Nossa Senhora da Boa-Viagem provém, tal como as anteriores e o próprio altar-mor, da antiga capela, datada do séc. XVI. No arco-cruzeiro, do lado esquerdo encontra-se uma imagem de Santo António, do séc. XX, escultura de barro policromado. Em frente à capela de Santa Helena, encontra-se o **cruzeiro de Santa Cruz** (www.jf-roge.com).

A **Capela de São Gonçalo/da Misericórdia (São Pedro de Castelões, Vale de Cambra)** localiza-se na EN 224 (Vale de Cambra - Oliveira de Azeméis), km 52, e depois EM 551, no lugar da Coelhosa. É uma capela datada do séc. XIX, propriedade privada, de planta longitudinal com nave e capela-mor a que se adossa lateralmente uma torre sineira, fachada principal revestida a cerâmica e elementos arquitectónicos de cantaria. O desenho da fachada principal com pórtico e dois nichos contém imagens de São Sebastião e de Santa Ana. A imagem da Imaculada Conceição é da autoria do escultor João Machado, erguido no adro diante da fachada principal (www.monumentos.pt).

O **Parque e Santuário de Nossa Senhora da Saúde (São Pedro de Castelões, Vale de Cambra)**, localizam-se na EN 328 (Vale de Cambra - Sever do Vouga), km 8, EM para o lugar de Gestoso e o Santuário de Nossa Senhora da Saúde. Fica situado a Sul da cidade de Vale de Cambra, no limite do concelho. Está implantado entre os 680 e 700 metros de altitude, num esporão da encosta Norte da Serra do Arestal junto ao lugar de Gestoso. A Oeste do Santuário, existem diversos de espaços descampados separados por taludes arborizados, para a realização das festas da divindade assim como da feira de artesanato. Deste local, avista-se a Ria de Aveiro para Oeste e para Norte, Vale de Cambra.

Num dos patamares, existe um parque de merendas assim como diversas plantações de **ameixeira-de-jardim** (*Prunus cerasifera*), **bétula** (*Betula celtiberica*), **espruces** (*Picea sp.*), **carvalho-alvarinho** (*Quercus robur*) e **bordo-negundo** (*Acer negundo*). Nas encostas do monte, domina o **eucaliptal** (*Eucalyptus globulus*). O parque envolvente ao santuário é constituído por uma mata com espécies já adultas, de **ciprestes** (*Cupressus Sp.*), **bétulas** (*Betula celtiberica*), **carvalho-alvarinho** (*Quercus robur*), **carvalhos-americanos** (*Quercus rubra*), **castanheiros** (*Castanea sativa*) e **austrálias** (*Acacia*

melanoxylon). Junto à igreja, acede-se ao adro murado por escadarias orientadas a SE, que envolvem um espelho de água e um fontanário diante da fachada principal. Acede-se aqui também por uma extensa alameda de ciprestes (*Cupressus sp.*) orientada a S. No lado NE existe uma esplanada com coreto e a NO anexos de construção recente.

Reedificada em antigo lugar de culto conhecido já desde 1753, a arquitectura do santuário é do séc. XX, de planta longitudinal com nave, capela-mor, torre sineira ao lado direito da fachada principal e sacristia adossada à capela-mor do lado posterior. O coro alto e as galerias laterais na nave têm arcos quebrados trilobados, tectos de madeira, planos e apainelados, suportados por consolas laterais decoradas com pingentes, retábulos de madeira entalhada com decoração neo-gótica. Destaca-se a obra de madeira pouco comum na estrutura de arcarias que suporta o coro alto e as galerias laterais da nave bem como nos tectos da nave e capela-mor. Na década de 90 do séc. XX, a Irmandade de Nossa Senhora da Saúde procedeu a várias obras de conservação e restauro do santuário (www.monumentos.pt).

A **Capela de Santo António (Ossela, Oliveira de Azeméis)** localiza-se na EN 224 (Oliveira de Azeméis - Vale de Cambra), km 56 e depois seguindo na EM 549. Situada na encosta da elevação cujo topo é ocupado pela nova igreja paroquial, dominando o vale de Ossela, data do séc. XVII, foi ampliada no séc. XIX, demolida e depois reconstruída no séc. XX. É uma igreja de planta longitudinal com nave, capela-mor, anexos laterais e torre sineira a meio da fachada principal (www.monumentos.pt). A capela-mor, barroca, tem arco triunfal e cantarias simples e retábulo de talha com pintura policroma (www.monumentos.pt).

A **Capela do Senhor da Fonte (Ossela, Oliveira de Azeméis)** localiza-se na EN 224 (Oliveira de Azeméis - Vale de Cambra), km 56, e depois seguindo pela EM 549, para o lugar de Alvelhe. Situa-se na base da encosta, junto ao rio Caima, rodeada por campos agricultados. Datada do séc. XVIII, é uma capela com planta longitudinal, composta por corpo da nave e corpo adossado, à esquerda do lado Este. Tem um retábulo de madeira pintada e cobertura interna de madeira (www.monumentos.pt).

A **antiga Igreja Paroquial de São Pedro (Ossela, Oliveira de Azeméis)** localiza-se na EN 224 (Oliveira de Azeméis - Vale de Cambra), km 56, e depois seguindo na EM 549, até ao lugar do Chousal, na margem esquerda do rio Caima. Situa-se no limite Sul do amplo vale de Ossela. Em 1372, edificou-se nesta igreja o monumento da sepultura do cavaleiro João Lourenço Buel, tendo sido reedificada mais tarde em 1624. No séc. XVI, o vigário era apresentado pelo abade do Mosteiro de Paço de Sousa, que se encontrava anexo ao padroado da Companhia de Jesus, do Colégio de Évora.

Com obras de ampliação e renovação nos sécs. XVII e XVIII, esta igreja tem planta longitudinal, nave, capela-mor, sacristia ao lado esquerdo e torre sineira quadrada do mesmo lado na frontaria (www.monumentos.pt).

A **Igreja Paroquial de Santa Marinha (Palmaz, Oliveira de Azeméis)** situa-se na EN 1 (Oliveira de Azeméis - Albergaria-a-Velha), km 258, seguindo depois pela EN 224-3 (Estarreja - Palmaz), km 11, no desvio à direita para a igreja paroquial. Localiza-se na encosta sobranceira ao rio Caima. É uma igreja paroquial de três naves, capela-mor e torre sineira quadrada à direita na frontaria. A construção da igreja com uma única nave existindo dois arcos retabulares opostos nos ombros data do séc. XVII, tendo sido ampliada no início do séc. XVIII, através da construção das naves laterais e das respectivas arcadas. Também no séc. XVIII data a construção do arco triunfal, do lavabo da sacristia e possível elevação das paredes superiores às arcadas e a renovação da capela-mor com vãos, retábulo e tecto. Já no séc. XIX foi alterada a parte superior da frontaria, elevação da torre e das paredes das naves indiferenciando-as volumetricamente (www.monumentos.pt). Na frontaria, está uma pequena escultura de Santa Marinha, de calcário e oficina coimbrã, do séc. XV. A custódia é da 2ª metade do séc. XVIII e a píxide do 1º terço do séc. XIX (www.jf-palmaz.pt). Tem cinco altares: Santíssimo Sacramento, Cristo Crucificado, Nossa Senhora do Rosário, Almas e Sagradas Relíquias (www.jf-palmaz.pt). Diante da entrada principal do cemitério paroquial, pode encontrar-se o **Cruzeiro Paroquial de Palmaz (Palmaz, Oliveira de Azeméis)**, datado de 1720, segundo inscrição existente na base (www.monumentos.pt). As festas em honra a Santa Marinha celebram-se a 18 de Julho.

Desde a pré-história, a **bacia do Caima** e as **Serra da Freita** foram locais de permanência ou passagem de civilizações antigas.

A **Mamoas da Portela de Anta (Albergaria da Serra, Arouca)** situa-se em plena Serra da Freita, junto ao **Parque Eólico da Serra da Freita no caminho para a aldeia de Merujal**. Pertence ao grupo das **mamoas megalíticas** e constitui um exemplo singular, dado o processo de monumentalização que sofreu ao longo do tempo. Inicialmente concebida para envolver uma sepultura simples, de câmara poligonal, o seu plano inicial seria completamente alterado, com a construção de um dólmen de corredor e seus dispositivos de acesso: o átrio e murete delimitador. A mamoa inicial foi então aumentada, a câmara primitiva encerrada e as suas lajes aproveitadas na construção do dólmen de corredor. Mas, o processo de monumentalização não ficaria por aqui. Em data incerta, à mamoa seria acrescentado um anel lítico de construção em pedra seca, destinado a acções de carácter ritual. Esta última construção constituirá o último momento de monumentalização do espaço funerário-simbólico representado pela mamoa. A cronologia atribuída a estes monumentos posiciona-os no III-IV milénio

a.C., entre o Neolítico Final e o Calcolítico. A última fase de monumentalização da mamoa data dos inícios do II milénio a.C. (www.monumentos.pt, www.arouca.biz).

Um outro exemplo é a **Mamoa da Curva Cega (Rôge, Vale de Cambra)**, no lugar de Sandiães, junto à EN 550. Data do período Calcolítico - Idade do Bronze. É um pequeno esporão integrado na encosta SO da Serra do Trebilhadouro, formando uma pequena chã voltada a SSE, em contexto geológico de afloramentos graníticos. O local é densamente florestado com pinheiro, eucalipto e vegetação arbustiva. Toda a área se encontra entrecortada por muros divisórios de propriedade, em pedra solta. É uma mamoa baixa e algo ampla, dissimulada na paisagem, cerceada do lado Norte por um muro. Tem cerca de oito metros de diâmetro por cerca de quarenta centímetros de altura notando-se, ao centro, uma ampla mas pouco profunda cratera de violação, sem vestígios de esteios. Na periferia, bastantes calhaus em granito, de calibre médio e algo rolados, sugerem a existência de couraça (www.jf-roge.com).

Na mesma freguesia (Rôge), no lugar de Sandiães, o **Monte do Castelo** eleva-se à cota de 430 metros, na margem direita do rio Caima. Existem aqui vestígios de uma antiga fortaleza, por onde passava a **estrada romana vinda de Idabriga (Castelo de S. Gião) para Arouca**, da qual ainda existem restos de calçadas. A cultura castreja representa essencialmente uma ocupação por todo o Noroeste da Península Ibérica, durante a Idade do Ferro (séc. XIII a I a.C), caracterizando-se por povoados fortificados nos altos dos montes ou em locais estratégicos. O lugar de **Castêlo ou Castelo do Mau Vizinho (Roge, Vale de Cambra)** é um castro romanizado datado da Idade do Ferro, localizado num cabeço granítico em esporão voltado a NE, circundado pelo rio Caima na sua quase totalidade, exceptuando a zona do talvegue. A configuração original deste cabeço está hoje muito adulterada não só pelas habitações construídas no local, como pela barragem Eng. Duarte Pacheco. Este cabeço apresenta uma situação dominante em relação ao leito original do rio, e às terras de veiga elevada que lhe ficam a Norte. As profundas alterações topográficas sofridas pelo local impedem qualquer caracterização do primitivo habitat, do qual não se divisam vestígios. Contudo, e a julgar pela configuração do monte, é possível que o povoado se circunscrevesse ao pequeno cabeço semi-circundado pelo rio, situando-se o clássico sistema defensivo formado por taludes-fossos no lado SO, onde hoje fica o pontão de acesso. Existem notícias de materiais recolhidos no local, tais como cerâmicas micáceas características das produções indígenas da Idade do Ferro, cossoiros, pesos de tear de tipologia já romanizada, cerâmicas comuns de produção romanizada, mós circulares, e uma pedra com baixo-relevo representando uma cabeça de bovídeo (www.jf-roge.com).

O Outeiro dos Riscos (Cepelos, Vale de Cambra) é um local de interesse arqueológico em Vale de Cambra. As lendas e tradições locais atribuíram ao longo dos tempos os vestígios constituintes da estação arqueológica do "Outeiro dos Riscos" (ou "Cabeço do Outeiro dos Riscos", como é também conhecida localmente), situada a nascente da freguesia de Cepelos, nas imediações dos Castelos, à presença romana nesta região do actual território português, certamente pelos vários exemplares romanos aí existentes, a exemplo da calçada romana. O sítio em questão é constituído por dois afloramentos graníticos, e terá obtido a designação de "Riscos" muito provavelmente pelos traços e riscos abertos nas respectivas faces, ao que tudo indica entre o Neo-calcolítico e a Idade do Bronze da zona. O primeiro destes elementos constituintes é formado por um bloco de grandes dimensões que perfaz um cabeço no contorno de uma pequena chã. Aqui, as gravuras foram distribuídas ao longo da face voltada para a campina, em posição quase vertical, sendo compostas de motivos quase exclusivamente circulares, com relevo para os concêntricos (de tamanho assinalável), alguns dos quais preenchidos com cruciformes, eventualmente obtidos com um percutor de pedra. Quanto à segunda componente deste arqueossítio - uma pequena rocha de superfície irregular -, ela ostenta uma gravura formada por um motivo linear encimado por espiral, assim como um elemento reticulado associado a quatro quadrados. Estão incluídas no "Grupo I" dos "Petróglifos Galaico-Portugueses", referente à presença conquanto esporádica de motivos "galego-atlânticos". O significado das gravuras presentes no "Outeiro" poderá remeter para um significado simbólico-religioso. Está em vias de classificação pelo IPPAR desde 2004 (www.ippar).

Percorrendo mais a jusante as águas do Caima terras do concelho de Oliveira de Azeméis, pode identificar-se outra presença castreja na região. O **Castro de Ossela ou das Baralhas (Ossela, Oliveira de Azeméis)** localiza-se na EN 224, no lugar do Carvalhal. É classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1997. Implanta-se num pequeno cabeço sobre o rio Caima, coberto por zona florestal de pinheiros e vegetação variada, não longe de um aterro sanitário. Era um povoamento castrejo da Idade do Bronze, com ocupação constante entre os sécs. IV/III a. C. até aos finais da Idade Média, formado por três linhas de muralhas e fosso. Teria afinidades com os castros de Sabroso e Briteiros. Inclui cerâmica romana e sepulturas medievais. É constituído por três linhas de muralhas de feições irregulares e um fosso que o circunda a Este e a Sul, com entrada marcada por um estrangulamento da muralha e do fosso que corre a Este. No topo, ergue-se uma pequena capela. É propriedade privada, mas encontra-se em estado devoluto. Nos finais do séc. XIX, foi construída a **Capela de Nossa Senhora do Castro**, o que implicou a terraplanagem do arqueossítio. O seu espólio está conservado no Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, como fragmentos de cerâmica comuns e industriais da época pré-romana, romana e medieval, fragmentos de objectos metálicos (fíbulas em Bronze, fivelas) e moedas. Estão, no entanto,

desaparecidas as braceletes ou manilhas de ouro encontradas na intervenção arqueológica. Este sítio arqueológico tem sido **ameaçado pelo repovoamento de eucaliptos**. A sua zona de protecção deverá ser definida a Norte pelo caminho que conduz ao Carvalhal, a Este e a Sul pela curva de nível e a Oeste pelo fosso defensivo do castro (www.terrasdelasalette.com).

O **concelho de Arouca tem um vasto conjunto de aldeias tradicionais** devidamente identificadas, a maior parte delas localizadas no **planalto da Freita** e que dão pelos ancestrais nomes de **Albergaria, Mizarela, Cabaços, Merujal e Castanheira**. Têm em comum o facto de serem circundadas por **áreas agrícolas** mais ou menos significativas, que ditavam a dimensão do núcleo habitacional, na medida em que eram a garantia do sustento dos habitantes de cada aldeia. As construções são geralmente de um só piso que era compartilhado pelo proprietário e pelos animais que possuía. As paredes são maioritariamente em **granito tosco**, o material abundante na região. Na cobertura predomina a **palha de colmo e a lousa de ardósia**, marcando esta alguma diferenciação social, uma vez que não existe no local. O aglomerado populacional acompanha quase sempre a morfologia do terreno e está edificado lateralmente a um ou vários caminhos estruturantes da aldeia, consoante a sua dimensão (www.aroucanet.com). Nos vales, os telhados eram feitos de ardósias que, mais tarde, deram lugar à telha, porque eram locais mais abrigados. Nas áreas de montanha, mais susceptíveis, as casas normalmente só tinham um piso, estando os currais de gado, normalmente, localizados ao lado. Nos vales, surgem edificações com mais que um andar, possuindo, muitas vezes, adegas no andar inferior. Normalmente, os povoados encontram-se nas várzeas mais férteis, guardando os melhores solos para a prática da agricultura. Frequentemente, tinham uma exposição solar voltada a Sul, aproveitando a luz e calor do sol, enquanto se protegiam dos ventos que sopram de Norte. Os cereais tinham bastante importância para a população, comprovada através da existência de elementos como as **eiras, espigueiros e moinhos**, nas aldeias. Muitas vezes, junto das casas dos lavradores-proprietários, localizava-se a eira, onde se efectuava a **debulha e secagem dos cereais**. O feijão era guardado na adega, mas o milho era colocado em espigueiros (também designados por canastros), cuja construção diferia dependendo do local: nas áreas de montanha, era forte, sendo coberto com telhões; nos vales, era mais simples e, tal como as habitações, mais cuidado e associado às eiras. Normalmente, os lavradores também possuíam moinhos (totalmente ou em associação com outros), onde se moíam os cereais, cujo tipo característico se designa por rodízio. As ruas eram estreitas e sinuosas, normalmente apenas com espaço para a passagem de carros de bois, onde, em tempos antigos passeavam os “animais, galinhas e porcos” sendo, nos dias festivos, cobertas com carqueja. As igrejas normalmente encontram-se perto dos cemitérios, com a cabeceira voltada para nascente, e quase sempre no limiar do povoado (Silva, 1997).

A Aldeia do Merujal (Albergaria da Serra, Arouca), situada a NO de Albergaria da Serra, é uma povoação de pequenas casas em granito. Localiza-se próximo do **Parque de Campismo do Merujal** e da **Capela de Senhora da Laje**, importante local de devoção popular e de grande romaria. A devoção mariana à Senhora da Laje remonta a finais do séc. XVI, inícios do séc. XVII. Inicialmente evocada como protectora da cura dos muitos males que afectavam a população, com o decorrer do tempo, a Senhora da Laje torna-se advogada dos campos e das boas colheitas. A mais importante e concorrida romaria que aqui se celebra é a do dia 3 de Maio, à qual acorrem muitos romeiros do concelho de Arouca e dos concelhos vizinhos, em especial de Vale de Cambra, S. Pedro do Sul e Sever do Vouga. Apelidada de Festa da Laje é, também, designada por **Festa das Cruzes**, dado o elevado número de cruzes representativas de diversas freguesias que participam nas cerimónias. A participação destas freguesias está condicionada à presença no local de um cruzeiro que a represente e que delimita o local onde os seus romeiros se juntam para incorporar a procissão que sai da capela após as celebrações litúrgicas.

A Aldeia de Albergaria da Serra (Albergaria da Serra, Arouca), situada a sul da vila de Arouca, em plena serra da Freita, é uma das aldeias mais típicas da região. A Freita, fazendo parte do Maciço da Gralheira, com cumes que ultrapassam os 1000 metros, possui um coberto vegetal onde predomina a **urze** e a **carqueja** e, nas zonas de encosta, o **pinheiro**, o **carvalho**, o **medronheiro** e o **azevinho**. A fauna da serra é muito diversificada, nela realçando o **javali**, a **águia-de-asa-redonda**, o **gato-bravo** e, cada vez mais raro, o **lobo ibérico**. Nesta aldeia de casario em granito, encontram-se as várias **nascentes do rio Caima, próximas do lugar de Junqueiro**.

A Aldeia da Castanheira (Albergaria da Serra, Arouca) situa-se também a sul da vila de Arouca, em plena **serra da Freita**, próxima da **Frecha da Mizarela**. Nesta aldeia de casario em granito, deve dar-se referência às **pedras parideiras**, um fenómeno de granitização único no país e raríssimo no mundo inteiro, junto à estrada, na entrada na aldeia. Idêntico fenómeno só será conhecido numa região da Ucrânia, na Rússia. Trata-se de um afloramento granítico que tem incrustados nódulos envolvidos por uma capa de biotite em forma de disco biconvexo. As pedras parideiras são rochas graníticas com numerosos nódulos de coloração dourada que, em determinadas circunstâncias de temperatura, se destacam da rocha-mãe, jazendo então no solo às centenas. Na linguagem popular, as pedras “parem” outras e daí o nome de “pedras parideiras”. Os nódulos com a forma de discos circulares ou medalhões, têm contornos bastante regulares, mais ou menos circulares, com superfície lisa e forma típica biconvexa. Este fenómeno atrai a este lugar muitos curiosos e alguns estudiosos. Dada a contínua delapidação das pedras parideiras, por muitos turistas que aí demandam, muitas das quais constituem os muros de vedação dos terrenos, a Câmara Municipal de Arouca, viu-se obrigada

a vedar a principal área, onde este fenómeno era mais extenso (www.arouca.biz). Em Castanheira, irá desenvolver-se a “**Casa das Pedras Parideiras**”, que terá a sua sede numa edificação em granito, que será recuperada para este fim.

A **Aldeia da Mizarela (Albergaria da Serra, Arouca)** é uma pequena aldeia de construções em casario em granito, localizada a 920 metros de altitude, limitada a Sul e Sudoeste por uma falésia, e pelo **vale do rio Caima**, a Sudeste, que neste local se torna subitamente profundo, originando uma brusca queda de nível, dando origem à chamada Frecha da Mizarela, uma das quedas de água de maior altura da Europa, com mais de 60 metros. Para os amantes dos desportos de aventura, as escarpas da Mizarela são um ótimo local de escalada, servindo, muitas vezes, para a respectiva iniciação e como preparação para provas mais arrojadas.

A **Aldeia da Ribeira (Albergaria da Serra, Arouca)** é outro núcleo de casario secular, recôndito, em granito, situado na margem direita do rio Caima. Nesta pequena aldeia, é possível contemplar ainda alguns **moinhos de água**. As suas casas, construídas, em grande parte, com materiais da região, dissimulam-se suavemente em toda a envolvente natural. Esta aldeia é constituída por um pequeno aglomerado de casas e de famílias, tratando-se de uma aldeia comunitária, onde se pratica a **agricultura de subsistência**, com leiras estreitas em socalcos, algumas vinhas de bordadura e a criação de animais, como o cabrito.

Em tempos idos, no concelho de **Vale de Cambra**, as **antigas e rústicas casas tradicionais de lavradores mais abastados**, eram construídas em pedra, cobertas a lousã, tendo anexa à habitação a **eira** e o **canastro** ou **espigueiro** e a **fanfarrona**. Esta última era a casa típica dos caseiros, em pedra que tinha como divisões apenas um quarto, a sala e uma cozinha, esta última com as características típicas de cozinha de lavrador, com a lareira em pedra, o poial, a lapeira e o tropeiro de madeira, sem esquecer, quando tal era possível e nos mais abastados, o forno. As casas típicas antigas são construídas em granito com cobertura de lousa ou telha. Habitualmente, são de dois andares: o térreo, a *loja*, para o gado e as alfaias agrícolas e os produtos da lavoura e, o andar de cima, a habitação propriamente dita. Apresentam uma fileira de janelas corridas numa fachada lisa e escada exterior, igualmente de pedra. Este tipo de casa englobava porém, a maioria das vezes, um certo número de dependências ou anexos específicos e independentes: a eira, o espigueiro, o lagar, as lojas para cortes e para animais, que se distribuíam à volta de um espaço aberto que integrava o complexo da lavoura. Quando as habitações têm apenas um piso, são de pé direito baixo, com duas ou três divisões, sendo a maior a que faz de sala e cozinha e onde se encontra a lareira. Neste tipo de casa anexa à habitação, encontramos também uma pequena eira e o canastro ou espigueiro. Em

ambos os tipos, a cozinha é o compartimento essencial da casa, o local onde se cozinha, se come e se reúnem as pessoas. A sua peça fundamental é a lareira e, em muitos casos, o forno do pão que lhe fica ao lado (www.jf-roge).

Em **Vale de Cambra**, são vários os exemplos de **casas agrícolas, algumas solarengas**, com terrenos agrícolas na sua envolvência. É o exemplo da **Casa da Tulha (Cepelos, Vale de Cambra)**, localizada na EN 227 (Vale de Cambra - São Pedro do Sul), km 19, na EM para o lugar de Cepelos de Baixo. Localiza-se na encosta sobranceira ao vale do rio Caima, à entrada do principal núcleo de casas da sede da freguesia. Data a sua construção do séc. XVIII. Tem um celeiro e lagar de planta quadrangular, volume único e alçados de dois pisos com paredes de alvenaria de granito. Foi **dependência do Mosteiro de Arouca, enquanto tulha ou celeiro**, destinada a recolher e guardar os foros das terras da freguesia que eram foreiras do mosteiro (1760). Em 1992, foi proposta para classificação como Imóvel de Interesse Municipal pela Câmara Municipal de Vale de Cambra e, em 2000, foi proposta a transformação da Casa da Tulha em anexo da Biblioteca Municipal e em núcleo museológico etnográfico (www.monumentos.pt).

O **Palacete de José António Martins**, actual Sede Social, Creche e Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia de Vale de Cambra (**São Pedro de Castelões, Vale de Cambra**), situa-se na EN 224 (Vale de Cambra - Oliveira de Azeméis), km 52, seguindo depois pela EM 551, até ao lugar de Coelhoosa. Implanta-se no meio do lugar no interior de um espaço murado, do lado oposto da rua para onde se abre o principal acesso, está a **Capela de São Gonçalo ou da Misericórdia**. É um **palacete dos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX**, de planta longitudinal e tinha como proprietário José António Martins. Em 1902, foi inaugurada a capela de São Gonçalo, mandada construir pelo proprietário da quinta, diante do palacete (www.monumentos.pt).

O **Solar de Areias (São Pedro de Castelões, Vale de Cambra)** é um solar do séc. XVIII, localizado na EM 328 (Vale de Cambra - Castelões), no lugar de Areias. É propriedade privada e integra uma casa solarenga e capela na fachada. A casa, de planta centralizada, tem pátio central e capela de planta rectangular ocupando o ângulo SE, ambas subordinadas à mesma cornija. A casa tem um grande brasão, envolvido de ornatos, em pedra de ançã, com as armas concedidas a Manuel Soares de Albergaria e Oliveira (www.monumentos.pt).

A **Casa-Museu Ferreira de Castro (Ossela, Oliveira de Azeméis)** situa-se na EN224. É um edifício fronteiro à construção contemporânea onde foi instalada a **Biblioteca de Ferreira de Castro**. A casa-museu tem uma planta rectangular de dois pisos, sendo o inferior ocupado pelas lojas e o superior residencial. A sua construção é do séc. XIX, mas a sua adaptação a museu decorreu já no séc. XX.

Do espólio do museu fazem parte os sapatos e a mala que o escritor usou, aquando do seu périplo pelo mundo, que durou quase dois anos. Na Biblioteca, encontra-se o **manuscrito do autor "A Selva"**.

Já no extremo sudeste do concelho de Oliveira de Azeméis, o **núcleo rural de Vilarinho de São Luís (Palmaz, Oliveira de Azeméis)**, localiza-se no IC2/N16-3, sendo o lugar mais distante da sede do concelho e, devido à sua situação geográfica, o mais isolado. A paisagem tem **cariz agrícola de minifúndio**. A aldeia colocada na meia encosta voltada a Sul, é caracterizada por traços de ruralidade, dependente de uma **agricultura de subsistência em torno do milho, da vinha e dos recursos florestais**. Os núcleos habitacionais encontram-se na meia encosta, sobre socacos, com habitações unifamiliares e quintais com pomares e plantações hortícolas. Os espigueiros, estruturas de secagem, representam neste panorama rústico, um verdadeiro estatuto social.

A sudoeste, num ponto alto, a 255 m de altitude, ergue-se a **Capela de S. Luís**, com envolvente pontuada de sobreiros jovens. Nas imediações localizava-se a Escola Primária, cujo edifício está ao abandono, tal como algumas das habitações da aldeia. Um percurso pedestre, de interesse ambiental e etnográfico, desenrola-se dentro da aldeia de Vilarinho de S. Luís, na área agrícola e florestal circundante (a Rota dos Espigueiros).

A primeira referência à localidade de Vilarinho de S. Luís data de 1908 - "*vila quam vocilant Palmazes*". O povo erigiu no lugar de Vilarinho uma ermida dedicada a São Luís Rei de França. As origens desta evocação e da devoção a S. Luís são desconhecidas; no entanto, o povo celebra e comemora o seu padroeiro no último domingo do mês de Agosto. O protagonismo económico da lavoura e do cultivo do milho, indispensável ao alimento do gado e confecção do pão, já teve melhores dias (andar.sitesedv.com). Neste núcleo rural, encontram-se as **Eiras de São Martinho**, um conjunto de 16 canastos inseridos no aglomerado habitacional (www.monumentos. pt). Na área envolvente à povoação de Vilarinho de São Luís, são predominantes povoamentos de **eucalipto** (*Eucalyptus globulus*) e **pinheiro-bravo** (*Pinus pinaster*) e matas ripícolas de **choupos** (*Populus sp.*) e **carvalhos** (*Quercus robur*), assim como exemplares de **castanheiro** (*Castanea sativa*), **sobreiro** (*Quercus suber*), **carvalho-roble** (*Quercus robur*), **oliveira** (*Olea europaea*), **loureiro** (*Laurus nobilis*), **medronheiro** (*Arbustus unedo*) e **azevinho** (*Ilex aquifolium*). Nos campos agrícolas, cultiva-se o **milho** (*Zea mays*), a **vinha** (*Vitis vinifera*), bem como a **batata** (*Solanum tuberosum*) e outras leguminosas como o **feijão** (*Phaseolus sp.*) e a **ervilha** (*Pisum sp.*), existindo também algumas árvores de fruto, entre as quais a **cerejeira** (*Prunus avium*), a **macieira** (*Malus domestica*), a **pereira** (*Pyrus communis*) e a **laranjeira** (*Citrus x sinensis*). Na fauna, destacam-se várias espécies de aves:

a **rola-comum** (*Streptopelia turtur*), o **melro-preto** (*Turdus merula*), a **poupa** (*Upupa epops*), a **carriça** (*Troglodytes troglodytes*), o **pardal-comum** (*Passer domesticus*), o **gaio-comum** (*Garrulus glandarius*) e a **pega-rabuda** (*Pica pica*), e mamíferos: **raposa** (*Vulpes vulpes*), **javali** (*Sus scrofa*), **esquilo** (*Sciurus vulgaris*), **rato-do-campo** (*Microtus agrestis*), **ratazana-castanha** (*Rattus norvegicus*), **rato-caseiro** (*Mus musculus*), **coelho-bravo** (*Oryctolagus cuniculus*) e **ouriço-cacheiro** (*Erinaceus europaeus*).

As **lendas** são das mais belas expressões da literatura popular de tradição oral, também na região do Vale do Caima. Por exemplo, em Rôge, existe a **lenda da capela dedicada a Nossa Senhora da Esperança**, cujo toque da sineira milagrosamente fazia parar a trovoadas. Ora acontece que, as gentes da beira-mar sabendo deste facto, vieram um dia roubar a sineira que, ao ser levada do seu primitivo lugar nunca mais tocou. Por isso, foi devolvida e colocada de novo na capelinha onde, para regozijo das gentes de Rôge, tocou a rebate como que a anunciar a sua chegada. Segundo a tradição, a capela situava-se entre o lugar do Marmoiral e o lugar da Moreira e, se actualmente da capela não restam vestígios, o certo é que a toponímia regista o local denominado como Nossa Senhora da Esperança, precisamente no sítio onde se diz ter existido a capela. Outra lenda é a da **Pedra Leite**. No sítio da Raposeira, existia um grande cabeço todo maciço, que tinha uma espécie de alpendre natural que em dias de sol servia como sombra e se fazia chuva servia de abrigo. No cimo do cabeço, existiam na pedra dois poços que estavam sempre cheios de água. Ora acontece que dois meninos, ainda crianças, órfãos de mãe e maltratados pela madrasta iam para aí cuidar dos rebanhos levando como único alimento uma dura côdea de pão. Estas crianças tinham por hábito rezar, à sua mãe, debaixo do cabeço. Um dia, estando elas em oração a água da pedra que normalmente bebiam transformou-se em leite, ficando os poços cheios para os alimentar (www.jf-roge.com). Em torno de Ossela, foi criada uma lenda, segundo a qual houve, em tempos, num outeiro desta freguesia, um castelo, onde, no ano de 585, Santo Hermenegildo se terá santificado, na sequência da guerra contra os mouros. Verdade ou não, o certo é que não há vestígios de tal castelo (www.oazonline.com).

A **bacia hidrográfica do rio Caima** é um excelente objecto de estudo e um exemplo a considerar quando se fala em **moinhos de água em Portugal**. Trata-se de um valioso património, a grande maioria dele desconhecido ou esquecido, em que se aliam velhas técnicas de construção tradicional e engenhosas obras de hidráulica, e cuja actividade associada sempre teve uma grande importância na economia e na vida das populações da região. Eram muitas as famílias que exerciam a profissão de moleiros, eram inúmeros os lavradores que tinham direito a moer no moinho comunitário e a **propriedade de um moinho era um factor de alguma importância social e económica**. Actualmente, o fim do isolamento das populações e da prática da agricultura de subsistência permitiu

o acesso a outras formas de vida e de consumo. O advento dos moinhos eléctricos, os quais se instalavam dentro de casa e permitiam a moagem durante todo o ano, afastou muitas pessoas da ida ao moinho tradicional e reduziu substancialmente o negócio dos moleiros. O progressivo abandono da agricultura e o envelhecimento daqueles que dominavam as técnicas e a paixão por estes engenhos votou ao abandono quase todo este património na região (www.noticiasdeaveiro.pt).

Desde a Serra da Freita e as suas pequenas aldeias de xisto e granito, existem moinhos comunitários onde se continua a moer os cereais (é o exemplo dos **moinhos da aldeia da Ribeira**, em Albergaria da Serra). Apesar do abandono e da destruição que fez desaparecer a esmagadora maioria destes engenhos, muitos outros moinhos ainda se encontram em funcionamento na região, graças a obras de requalificação e conversão com fins educativos e etnográficos. Refira-se neste contexto os **Moinhos de Burgães** (em São Pedro de Castelões), junto à praia fluvial. Outros moinhos estão abandonados, em estado de degradação e ruína. É o caso dos **moinhos da freguesia de Palmaz**, um conjunto de oito moinhos antigos, conhecidos pelos nomes dos seus proprietários (**moinhos do Quintal, do Chia, da Fábrica Velha e do Pêgo**), nas margens do Caima. No entanto, os principais moinhos desta linha de água situam-se já no concelho de Albergaria-Velha: os **moinhos de Merlães**, do séc. XIX (www.merlaes.com) e o **moinho do Freixieiro (Ribeira de Fráguas)**, no lugar de Telhadela. Situado no rio Caima, a norte da Ponte do Pinto, o Moinho do Freixieiro tinha cinco mós a moer ao mesmo tempo, o que revela o grande aproveitamento das águas do Açude do Freixieiro. A importância e a organização eram tantas em volta dos moinhos que havia hora e dia marcado para cada aldeão moer, ao contrário do que se fazia na altura estava tudo escrito (telhadelapura.wordpress.com). O núcleo de **moinhos da Freirôa (Ribeira de Fráguas)** serão, também, dos mais antigos existentes nas margens do rio Caima no concelho de Albergaria-a-Velha. Inicialmente, os Moinhos da Freirôa eram compostos por apenas quatro rodas situadas na denominada "Casa Velha". Posteriormente e até ao fim da sua actividade, eram compostos por um total de catorze rodas distribuídas por várias casas. Além disso, possuíam vários anexos, os quais eram utilizados como currais para os animais que eram usados como meio de transporte pelos moleiros. Em 2002, eram considerados dos melhores exemplares de moinhos do rio Caima devido ao seu estado de conservação, graças a obras de recuperação encetadas pelos seus proprietários (moinhosdeportugal.no.sapo.pt).

Existem vários **percursos pedestres** definidos pela Câmara Municipal de **Arouca**. Destes, destacam-se o "**PR 7 - Nas Escarpas da Mizarela**", o "**PR 15 - Viagem à Pré-História**", e o "**PR 16 - Caminhada Exótica**", possíveis de serem realizados na envolvência das paisagens naturais do rio Caima.

O “**PR 7 - Nas Escarpas da Mizarela**” estende-se ao longo de **8 km** com uma duração aproximada de **3h30m**, com descidas e subidas de forte inclinação de **dificuldade média/alta**. Inicia-se no parque de lazer fronteiro ao parque de campismo do Merujal, através de um caminho que se dirige à Mizarela. Chegando à **Mizarela**, passa-se pelo miradouro e prossegue-se descendo pela estrada de acesso à **aldeia da Ribeira**. A 300 m abaixo do miradouro, vira-se à esquerda, por um carreiro, entre um carvalhal, com vista soberba sobre a **Frecha da Mizarela**. Segue este carreiro, mais a baixo, numa curva, a referida estrada de acesso à aldeia da Ribeira que, logo de seguida, se deixa para continuar por outro carreiro, que desce abruptamente por entre escarpas com a bela cascata da ribeira da Castanheira, do lado de lá, em escadaria. Chegando ao ponto de confluência desta com o rio Caima, o caminho torna-se suave e, pela margem esquerda do rio, rapidamente se chega à **aldeia da Ribeira**. Passada a aldeia, atravessa-se o rio num pequeno pontão, rumando-se à esquerda por um trilho que, subindo ao longo da margem direita do rio, chega à ribeira da Castanheira, acompanhando-a. Transposta esta, atinge-se a crista da escarpa leste e rapidamente se chega à ribeira dos Cabaços e à escola de escalada. Após a passagem de um colo, cruza-se com o PR15, junto à estrada de asfalto, que se toma à esquerda, chegando-se à **aldeia da Mizarela**. Aqui retoma-se o caminho do parque de merendas e do parque de campismo, onde se iniciou (www.cm-arouca.pt).

O “**PR 15 - Viagem à Pré-História**” é um percurso circular de cerca de **17 km**, com duração aproximada de **5/6 horas**, de dificuldade média/alta. O percurso inicia-se na **aldeia do Merujal**. Segue pela estrada nova, em asfalto até ao Parque de Campismo. Logo após o Parque de Merendas, segue pelo trilho da direita até **Albergaria da Serra**. No cemitério desta aldeia, segue por um pequeno carreiro que se apresenta pela sua esquerda, paralelo com o rio Caima até ao Junqueiro. Junto ao muro, percorre as marcas no trilho bem definido até ao chamado Videeiro. Continua o trilho pela direita, passando pela **Mamoá da Portela da Anta** à sua direita e, pouco depois, envereda por um carreiro à esquerda numa distância considerável. Atravessa a estrada principal de asfalto e segue pela direita até à **Mamoá do Monte Calvo**. Aí toma o carreiro da direita, em pleno monte, até à **aldeia da Castanheira**. Chegando à aldeia, merece visita as “**Pedras Parideiras**”. O percurso atravessa os campos da aldeia, sobe a encosta até à **aldeia tradicional dos Cabaços**. Passando a estrada principal para a Zona de Lazer, atravessa a ponte em madeira até um carreiro rodeado de muros que segue pela esquerda até à **aldeia da Mizarela**. Poucos metros à frente da aldeia, encontra-se o **miradouro para a Frecha da Mizarela**, antes de se fazer ao caminho que leva de novo à **aldeia do Merujal** (www.cm-arouca.pt).

O “**PR 16 – Caminhada Exótica**” é um percurso de 9 km em circuito, com desníveis medianamente acentuados, de dificuldade baixa/média. O itinerário tem início na **aldeia do Merujal**. Regressa à

estrada de alcatrão e vira à direita, na direcção de Albergaria da Serra. De seguida, toma o primeiro caminho de terra, à esquerda, passando por um pinhal e uma zona de matos baixos, por entre blocos de granito. Ao descer, chega-se ao ponto mais baixo do percurso (400 m), e após atravessar a linha de água, depara-se com um **pinhal velho**, alguns **eucaliptos**, exemplares imponentes debaixo dos quais se observam castanheiros, **freixos**, **carvalhos** ou **pinheiros** e **silvados**. Mais à frente, encontra-se um primeiro desvio à direita. Aí inicia-se a subida através de uma área de regeneração espontânea de vegetação, após um incêndio cujos vestígios ainda se fazem notar. Encontra-se depois um caminho florestal bem definido, que corresponde ao segundo desvio à direita, começando a subir a encosta por trajecto em zig-zag bastante íngreme. Segue depois pelo caminho melhor definido que irá terminar, no fim da subida, noutra que percorre a encosta ao longo de curvas de nível. Aí vira à direita, segue em frente e encontra a estrada de alcatrão. Neste ponto, segue pela esquerda, no primeiro trilho de terra. Quase de seguida vira à direita, por um antigo caminho rural entre muros. Na encosta tem-se uma vista ampla. Atravessando o pinhal, chega a um pequeno vale com **pinheiros-silvestres** e **tuias**. Chega de novo a uma estrada de alcatrão, onde vira à direita na direcção do Parque de Campismo do Merujal. Mais à frente, vira à esquerda, na direcção da Frecha da Mizarela. Pouco depois, existe um desvio à direita, não sinalizado, para a aldeia do Mujal, término do percurso (www.cm-arouca.pt).

O “**Percurso dos Espigueiros**” foi proposto pela associação ANDAR, estende-se numa distância aproximada de 4,7 km com início no largo à esquerda da entrada da **aldeia de Vilarinho de São Luís**. Segue depois o caminho asfaltado que leva à escola desactivada, passa na frente da capela, entra no caminho florestal em terra e segue, subindo em direcção a Norte por entre plantações de eucalipto até chegar aos campos e espigueiros que estão à cota mais elevada. Continua para Norte por entre o eucalipto. Ao virar à direita, o caminho vai ficando menos perceptível até que entronca no caminho antigo que levava os peregrinos à **Senhora da Saúde (Vale de Cambra)**. Volta à direita e desce. Entra na aldeia, continua a descer, agora em calçada, até à estrada principal, atravessa-a e entra de novo na calçada, percorre o casario e sai nos campos, junto a um núcleo de espigueiros. Continua para Sul, atravessa o ribeiro, mais adiante, sai do caminho florestal, volta à esquerda e percorre este em cerca de 550 metros, volta à direita, descendo até à ribeira. Atenção à estrada principal, onde volta à esquerda e logo sai à direita, no caminho que leva ao campo de jogos. Mais um pouco por entre pinheiros e eucaliptos, regressa-se ao caminho asfaltado, à direita, repetindo o pequeno troço inicial (andar.sitesedv.com).

A Câmara Municipal de Vale de Cambra tem três percursos pedestres no seu concelho. O **PR1 – “Nas varandas da Felgueira”** percorre as aldeias de casas de granito e xisto de Felgueira e

Carvalho do Chão, com vistas para a vertente Sul da Serra da Freita, o vale do rio Caima e a Frecha da Mizarela. O **PR2 – “À Nossa Senhora da Saúde por caminhos de antigamente”** inicia-se em São Pedro de Castelões e percorre os lugares de Outeiro Covo, Mourio, Cartim, Areal e Gestoso, onde se situa o Santuário de Nossa Senhora da Saúde. O **PR3 – “Na vereda do pastor”** percorre as aldeias de Covo, Agualva e Lomba na vertente Sul da serra da Freita, sobre o vale do rio das Estacas (www.cm-valecambra.pt).

A Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis pretende também implementar um conjunto de percursos ambientais e de lazer nas margens e encostas do rio Caima.

O percurso **PR 6 – Princesa do Caima I – Palmaz** é uma pequena rota circular em rede, com a extensão de 3,7 km e duração de 1h15m, e estabelece ligação entre a área central de Palmaz e a futura área fluvial de Bento Carqueja ao longo do rio Caima. Saindo do Largo da **Igreja Matriz de Palmaz**, desce a calçada até à **Ponte da Mini-hídrica**, no vale encaixado com grandes blocos cobertos de musgos e vegetação frondosa. Depois da ponte, vira na primeira à esquerda para o estradão, à cota baixa, que liga ao açude da mini-hídrica e continua em trilho, por entre a mancha de folhosas até à margem oposta da área fluvial, no local onde existiu uma ponte pedonal. Daqui sobe à estrada do campo de futebol que, virando à esquerda no entroncamento com a EM 1331, liga à **Ponte do Padre**. Avista-se a antiga **Fábrica de Papel do Caima** e prossegue, no sentido Sudoeste, pela estrada que, ao longo da margem direita do rio, dá acesso à **área fluvial de Bento Carqueja**. Continuando, chega-se à calçada que dá início ao percurso. Tem como pontos de interesse a Igreja Matriz de Palmaz, o cruzeiro de Palmaz, a Quinta da Fábrica do Papel, a mini-hídrica de Palmaz e a paisagem do vale do rio Caima. O percurso PR6 tem ligação aos percursos PL3 e PR7 (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2008).

O percurso **PR 7 – Princesa do Caima II – Fábrica do Papel**, tem a extensão de 6 km e a duração de 2h, tem como objectivo promover o conhecimento do património industrial (a Fábrica de Papel, a Mini-hídrica da Fábrica do Papel e o Açude do Areíño). Saindo da **Ponte do Padre**, segue o estradão pela margem esquerda do rio Caima, com vista sobre o vale e o conjunto da **Fábrica de Papel**. Ao chegar às casas de habitação da antiga fábrica, desce por trilho à cota do rio. Prossegue ao longo da margem, na mata envolvente do futuro Hotel do Caima, até à ponte pedonal que liga ao trilho que acompanha a levada e conduz a água, desde o açude à mini-hídrica em funcionamento. Daqui atravessa a levada e pode encurtar-se o percurso junto à EM 224-3, ou, continuando, tomar-se o trilho que margina o rio até à **Ponte dos Cadeados**. No estradão, na outra margem, por entre campos agrícolas em socacos e latadas, sobe-se a **Bustelo do Caima**, que ainda mantém algumas

casas em alvenaria de xisto e, no cruzamento no meio da aldeia, atravessa-se a ribeira à esquerda, pelo estradão que entra numa mancha de carvalhos. Toma-se o caminho do sentido de regresso em estradão, a cota mais elevada, que intercala manchas de floresta de produção com manchas de folhosas nos vales das linhas de água secundárias. Tem como pontos de interesse a **Quinta da Fábrica do Papel**, a **Fábrica Velha do Caima**, a **mini-hídrica da Fábrica do Papel**, o **açude do Areinho** e a **paisagem do vale do rio Caima**. O percurso PR7 tem ligação aos percursos PR 6 e PR8 (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2008).

O percurso **PR 8 – Princesa do Caima III – Bustelo do Caima** é uma pequena rota circular, de 5,1 km de extensão e 2 h de duração, pretende estimular o conhecimento da paisagem rural (campos agrícolas e espigueiros) da aldeia de **Bustelo do Caima**. Saindo do **Pedregulhal**, toma a calçada que conduz a **Chousal**. Prossegue por estradão que faz a divisão entre floresta de produção e floresta de carvalhos, onde se salientam dois eucaliptos de grande porte. No entroncamento, toma o estradão que desde ao longo do rio, liga à **Ponte Nova**. Subindo pela estrada no sentido de Bustelo do Caima, vira para o primeiro estradão que surge à direita para retomar, após a descida da vertente, a cota do rio. A partir daqui, o percurso continua num trilho posto na margem do rio, por entre vegetação densa, até chegar a uma plantação de cerejeiras junto à **Ponte dos Cadeados**. No estradão, à esquerda, por entre campos agrícolas em socalcos e latadas, sobe pela calçada a Bustelo do Caima, que ainda mantém algumas casas em alvenaria de xisto. No cruzamento, no meio da aldeia, continua na calçada à esquerda que atravessa a totalidade da aldeia. Ao iniciar a descida pela estrada de alcatrão, segue pela calçada que sobe à direita para logo sair no primeiro estradão à esquerda que, apesar de atravessar uma grande mancha de floresta de produção com pouca variedade florística, permite uma **vista privilegiada sobre o vale do rio Caima, Ossela** e as suas vertentes íngremes e fortemente florestadas. Tem como pontos de interesse o **núcleo rural de Bustelo do Caima**, a Capela de Mosteiro (implica desvio) e a paisagem do **vale de Ossela**. Tem ligação aos percursos PR7, PR9 e PR10 (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2008).

O **percurso PR 9 – Princesa do Caima IV – Ossela** é uma pequena rota linear em rede, com extensão de 3,6 km e duração de 1h15m, tem como objectivo promover a paisagem rural do **vale de Ossela** e as suas vertentes, percorrer as várias áreas de lazer que pontuam as margens do rio, visitar a mini-hídrica e apresentar uma alternativa pedonal ao Roteiro Literário Ferreira de Castro, com o qual tem troços sobrepostos. Saindo do **Pedregulhal**, toma o trilho que sai entre a área de apoio fluvial e o rio Caima. Seguindo na margem esquerda do rio, bordejando os campos agrícolas, atravessa para a outra margem ao chegar à **Ponte das Cinco Pontes**, no lugar onde o rio forma uma ilha densamente arborizada. Chega-se à **Capela do Senhor da Fonte**, onde se pode desfrutar do ambiente rural deste

vale. Seguindo pela calçada, atravessa uma linha de latadas na zona de Quintã e, descendo, volta à cota do rio. Chega-se à Latada do **Moinho do Tio Zé Moleiro** (que integra o Roteiro Literário Ferreira de Castro) e, pela margem de aluvião do rio, segue o trilho até ao **açude de Barrosa**, que entre vegetação ripícola se mostra como um local muito atractivo para banhos no rio. Daqui, atravessa a estrada, retoma o trilho que, pela margem direita do Caima, passa pela **mini-hídrica de Ossela** e sobe, entre o arvoredado, a vertente íngreme até ao **Castro de Ossela**, de onde se tem uma vista privilegiada sobre o vale de Ossela. Para voltar, toma o mesmo caminho ou segue pela estrada até à povoação de Ossela, seguindo o Roteiro Literário Ferreira de Castro. Tem como pontos de interesse a Capela de Mosteiro (implica desvio), a **Capela do Senhor da Fonte**, a **Capela do Castro**, o **Castro de Ossela**, a **paisagem do vale de Ossela**, o **açude de Barrosa** e a **mini-hídrica de Ossela**. Tem ligação aos percursos PR8, PR10 e PL4 (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2008).

O percurso **PR 10 – Cumeada (com variante PR 10.1)** é uma rota linear em rede, com a distância de 10 km (variante: 7,2 km) e duração aproximada de 4h15m, pretende fazer a ligação entre o **Parque La Salette** e o **vale de Ossela**, pelos **vales dos rios Antuã e Caima** e ao longo da cumeada que separa as bacias dos dois rios. Saindo do **Parque La Salette**, desce pela estrada do parque em direcção ao **rio Antuã**. Depois de passar a cortada das piscinas, toma o trilho à esquerda que, entre o arvoredado, liga à mina de água junto à antiga estrada, em paralelo, para Vale de Cambra. Seguindo uns metros pela estrada, vira à esquerda para o estradão privado que atravessa a mata de produção da **Quinta do Côvo**. Nesta mata, podem encontrar-se diversos exemplares de **azevinho** e **rododendro** naturais. A chegada aos edifícios da Quinta do Côvo é assinalada por dois plátanos de grande porte. Dentro da quinta, associado à casa de habitação, existe um jardim histórico de camélias. A partir dos plátanos, segue o estradão sob a latada que, já em trilho, passa por baixo da estrada nacional. Passando através de uma mancha de vegetação ripícola, atravessa-se o rio **Antuã** e, continuando o trilho na outra margem, sobe até ao novo estradão da Mata da Quinta do Côvo. Passada a Estação de Tratamento de Água, na margem oposta, volta à cota do rio, atravessando-o novamente, prosseguindo o caminho por entre campos agrícolas até chegar ao casario. Passa por uma ribeira que escorre em cascata pela vertente, à esquerda. Cerca de 500 m mais à frente, toma a estrada à esquerda que, seguida por estradão, inicia a subida da vertente até à cumeada passando por floresta de produção e manchas de folhosas associadas a linhas de água. Atravessando a auto-estrada, chega à cumeada de onde se avistam o **conjunto urbano de Oliveira de Azeméis e S. João da Madeira** e o **vale rural de Ossela** e suas vertentes. Inicia a descida até chegar a Ribeiro de Baixo, uma aldeia inserida num vale agrícola. Depois da **Capela da Senhora da Lapa**, toma a estrada à direita, por entre campos em socacos. Ao chegar à estrada municipal que há que seguir, vira à esquerda, no sentido de Ossela. Pouco depois da fábrica, **atravessa o rio Caima na Ponte Nova**.

Daqui segue pelo estradão à esquerda, na margem do rio, que faz a divisão entre floresta de produção e floresta de carvalhos, onde se salientam dois eucaliptos de grande porte. Seguindo em calçada, chega a **Chousal** e ao **Pedregulhal**. Propõe-se uma variante no início do percurso de forma a evitar o atravessamento da **Quinta do Côvo**, já que se trata de uma grande extensão do percurso em caminhos privados. Saindo do Parque La Salette, desce a escadaria em frente à capela e toma a rua à esquerda até **Cidacos**. Continua a descer ao longo da Ribeira de Cidacos, que se atravessa para Fundos do Lugar. Daqui, pela passagem superior da EN, segue até Vilar. Atravessando o rio Antuã e ao longo da estrada que circunda a povoação, chega ao entroncamento, a partir do qual se inicia a subida da vertente até à cumeada. Tem como pontos de interesse este percurso o Parque e Capela de La Salette, a Quinta do Côvo, a paisagem sobre Oliveira de Azeméis, a Capela da Senhora da Lapa, o vale de Ossela e a paisagem do vale do rio Caima. No percurso variante, salientam-se ainda a Capela de Nossa Senhora do Carmo, a Quinta das Águas Férreas (Solar de Cidacos) e a Casa dos Corte-Real (Cidacos), assim como os plátanos e o Jardim das Camélias na Quinta do Côvo. Tem ligação aos percursos PR8, PR9, PL1 e PL4 (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2008).

O percurso **PL 3 – Bolfeta** é um percurso linear, em rede, de cerca de 3,1 km e com duração de 1h15m, estabelecendo a ligação entre o **Pinheiro da Bemposta** e **Palmaz**. Saindo a partir do Cruzeiro da Paróquia, toma o caminho da esquerda, contorna uma mancha de árvores de grande porte. Ao chegar à Ribeira da Fonte Chã, toma o trilho à direita e no tanque da Ribeira da Fonte Chã, atravessa a estrada e continua, ao longo da linha de água no estradão que conduz ao pinheiro de **Pinheiro da Bemposta**. Daqui sobe à estrada que se segue e, virando à esquerda, sobe pela rua do aglomerado de Bolfeta até à EM 224-3. Atravessa a cumeada por atalho, inicialmente em estrada e de seguida em estradão, até voltar à EM 224-3 já na encosta do rio Caima. Toma a primeira cortada à direita e, descendo pela estrada, avista-se o **vale rural do Caima**. Atravessa depois Palmaz, sempre descendo, num ambiente rural entre casas e quintas. O percurso termina no Largo da Igreja Matriz de Palmaz. Tem como pontos de interesse o **Cruzeiro de Pinheiro da Bemposta**, o **cruzeiro** e a **Igreja Matriz de Palmaz**, o **pinheiro de Pinheiro da Bemposta** e a **paisagem sobre o vale do rio Caima**. Tem ligação aos percursos PR 5 e PL 2 (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2008).

Referência ainda para o **troço da Via Romana, no concelho de Arouca, mais propriamente na freguesia de Albergaria da Serra**. Está situado numa encosta, do lado direito da estrada à saída de Ereira; desce por um caminho de terra mesmo antes de uma serração. Também se pode aceder um pouco antes deste local, descendo um caminho junto a um muro que protege uma vinha. *“Troço de estrada Romana (séc. II e IV) que fazia a ligação entre o nó viário de Viseu e a estrada de Lisboa/*

Braga. Ao longo de 230 metros de extensão, é possível identificar as técnicas utilizadas pelos Romanos na construção de vias. A natureza da construção é diferente das primitivas, pois a calçada está assente directamente sobre o terreno firme. Até Doninhas, a pedra é abundante (granito). Nesta localidade, a calçada muda de aspecto, porque também a pedra é diferente, sendo as lajes mais pequenas e algumas de cor preta. A ponte, as montanhas são pobres de pedra e a calçada deveria ter sido feita com material trazido da região granítica que termina junto das Talhadas" (www.roteirosdaagua.com). Está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1990.

Uma outra suposta via romana, quando muito de importância secundária, atravessa a freguesia de Cepelos (Vale de Cambra) e recebe o nome de "**Caminho dos Castelos**", de acesso ao Monte dos Castelos. A opção desta via como meio de circulação foi merecedora de um investimento em pontos de travessia como é a ponte, de época moderna, de **Porto de Cavalos**, entre os lugares de Paçô/Batalha e Cepelos de Baixo, e as mais antigas **Pontes do Castelo e de Padrastos**. Parcialmente documentada, no círculo de concelhos do Entre Douro e Vouga, a única via que aqui passa é uma ramificação ao longo do vale de Arouca em direcção a Viseu, com origem na via principal que ligava **Aeminum (Coimbra) a Talabriga**, e desta para **Lancobriga (Feira) até Cale (Porto ou Gaia)**, cujo percurso conta com vários **marcos miliários** (jfcepelos.net).

Património Natural

A **rede hidrográfica** que cruza o maciço da Gralheira possui um caudal irregular, de carácter torrencial, com caudais máximos de Novembro até Março e caudais mínimos no Verão, chegando algumas ribeiras a secar em Julho, Agosto e Setembro. Estas linhas de água são utilizadas na **irrigação dos terrenos** e como **bebedouros para os animais dos rebanhos**, em lugares encravados no planalto tais como **Albergaria da Serra, Castanheira, Merujal e Mizarela**. No maciço da Gralheira – a **linha divisória entre as bacias hidrográficas do rio Douro e a bacia do rio Vouga** - nasce o **rio Caima** que corre para sudoeste, descendo as encostas declivosas, descrevendo meandros acentuados. Tem a sua nascente na **serra da Freita**, na aldeia de Albergaria da Serra, próxima do Junqueiro, onde é formado através da união de vários riachos e linhas de água que descem do planalto de Albergaria da Serra. Um pouco abaixo da sua nascente, precipita-se por um desfiladeiro, a **Frecha da Mizarela**, daqui segue por cascatas até ao lugar da Ribeira a entre campos agrícolas até ao concelho de Vale de Cambra, e depois por Oliveira de Azeméis.

O **Sítio Serra da Freita e Arada (PTCON0047)** integra a **Rede Natura 2000**, nele existindo 23 habitats, 4 dos quais com carácter prioritário. Possui 4 espécies de flora e 12 de fauna, das quais apenas o lobo é considerada prioritária e, embora toda a área do Sítio seja uma zona potencial para a presença desta espécie, no local, apenas se localiza uma alcateia, provavelmente dotada de 4 indivíduos, segundo dados do Censo Nacional do Lobo de 2002/2003 (www.icn.pt). Os valores existentes no Sítio Serras da Freita e Arada (em área, o concelho de Arouca ocupa 34% e Vale de Cambra 21%). É uma zona de média montanha, com relevos vigorosos e zonas de falha, sob influência oceânica apresentando elevados índices de pluviosidade. Situada na zona de transição entre os territórios biogeográficos atlântico e mediterrânico é repositório de diversas espécies raras em posição finícola. Assumem especial significado as ocorrências de comunidades turfosas permanentes, típicas de montanhas com forte influência atlântica (7140) e de charnecas húmidas de *Erica tetralix* e *Ulex minor* (4020*). Também importantes são diversos bosques, como os que se observam na margem de cursos de água dominados por **amieiros** (*Alnus glutinosa*) (91E0*), **carvalhais de carvalho-roble** (*Quercus robur*) **elou carvalho-negral** (*Quercus pyrenaica*) (9230) e **azevinhais** (*Ilex aquifolium*) (9380). Merecem igualmente referência os **tojais** e **urzais-tojais**, dominados por *Ulex europaeus* subsp. *latebracteatus* **elou** *Ulex minor* (4030) e as vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica (8220). A flora do Sítio é rica, com destaque para os **endemismos ibéricos** *Narcissus cyclamineus* e *Woodwardia radicans* (www.icn.pt).

Este sítio em conjunto com a Serra de Montemuro constitui actualmente a área mais importante para a conservação da subpopulação de **lobo** (*Canis lupus*) que ocorre a sul do Douro, cuja situação é muito precária devido ao seu isolamento e elevado nível de fragmentação. Estes dois Sítios albergam entre 30 a 50% do reduzido efectivo populacional que ocorre a sul do rio Douro. É ainda um sítio relevante para a **salamandra-lusitânica** (*Chioglossa lusitanica*) e o **lagarto-de-água** (*Lacerta schreiberi*), espécies endémicas da Península Ibérica. Neste sítio, estão integradas algumas linhas de água importantes para a **toupeirade-água** (*Galemys pyrenaicus*), tais como os afluentes da margem esquerda do rio Paiva (www.icn.pt).

Os **espaços florestais** têm uma representatividade quase maioritária, sendo diminutos os usos agrícolas. Os matos ocupam mais de metade da área do Sítio e os povoamentos florestais são dominados pelo **pinheiro bravo** (*Pinus Pinaster*) e o **eucalipto** (*Eucalyptus globulus*). No uso agrícola, predomina a produção animal de bovinos e pequenos ruminantes, havendo também que considerar alguma especialização em bovinos de leite, pelo que a ocupação do solo privilegia as culturas como **milho forrageiro** e **prados temporários**. É também importante o recurso às áreas comunitárias para o pastoreio. As culturas de **milho grão**, **batata** e **horticultura** têm, ainda, alguma

importância económica. O Sítio tem vindo a ser ocupado por plantações mais ou menos extensas de pinheiros e eucaliptos e, na zona ocidental e acentuadamente na zona oriental, é moderadamente afectado pelo pastoreio e queimadas associadas. Realça-se também um aumento significativo na procura desta área para a **prática de actividades de recreio e lazer** assim como de raids TT, instalação de projectos turísticos, nomeadamente praias fluviais, campismo selvagem e escaladas. Regista-se ainda a implantação de **mini-hídricas** e de **parques eólicos**, a destruição de turfeiras originada por acções e actividades de diversa natureza, a abertura de novas vias e a laboração ilegal de pedreiras (www.icn.pt).

A **vegetação** presente no maciço da Gralheira (onde se inclui a Serra da Freita) tem variações conforme o estrato geológico e a altitude; enquanto nos xistos predominam a **urze** e a **carqueja**, nos granitos dominam o **tojo** e a **giesta**. Pela situação geográfica das serras, o maciço da Gralheira encontra-se numa zona de contacto entre a zona de influência climática atlântica e a mediterrânica, devido à proximidade do mar e à altitude, possuindo um carácter atlântico. Assim, a vegetação autóctone da sucessão clímax seria o **carvalho-alvarinho** (*Quercus robur*), característico das zonas mais temperadas, e o **carvalho-negral** (*Quercus pyrenaica*), nas zonas mais altas e nas vertentes mais expostas ao frio e à sombra.

Nas zonas mais altas e nas encostas mais declivosas, o solo é geralmente pobre em húmus, predominando os **matos xerófitos**, com a dominância da **carqueja** (*Pterospartum tridentatum* subsp. *cantabricum*) e a **urze** (*Erica umbellata*), à qual o povo serrano chama queiró. Estas formações vegetais são parte da dieta alimentar das **vacas arouquesas**. A **quiroga** (*Calluna vulgaris*) é outra espécie arbustiva importante nos matos de montanha. No Outono e Inverno, surgem as **bolbosas** como os *Narcissus bulbocodium*, *Romulea bulbocodium* e o **açafrão-do-monte** (*Crocus serotinus* subsp. *clusii*) (Fundação Calouste Gulbenkian, 1983; Gouveia, 1994). Os matos xerófilos, que se encontram a uma altitude entre os 650 e os 900 metros, em locais onde não se verifica a convergência de águas, encontram-se representados pela associação *Halimio alyssoidis-Pterospartum tridentatae*, caracterizada por **urzes** (*Erica umbellata*, *Erica cinerea*), *Pterospartum tridentatum* subsp. *cantabricum* e uma tríade composta por *Chamaespartium tridentatum* subsp. *cantabricum*, **urzes** (*Erica spp.* e *Calluna vulgaris*) e **tojós** (*Ulex europaeus* subsp. *latebracteatus*. e *Ulex minor*).

Em zonas com menor declive, predominam o **tojo** (*Ulex minor*), aparecendo também o **feto-dos-montes** (*Pteridium aquilinum* (L.) Kuhn) fora das linhas de água; quando existe um predomínio deste feto, normalmente é sinal da passagem recente de fogo (Silva, 1997), sendo este feto infestante

praticamente o único elemento do estrato sombreado dos pinhais que arderam (Paiva e Silva, 1997). O tojo é recolhido, sendo aproveitado para as camas dos animais e para a produção de estrume, que irá ser aplicado nos terrenos com aptidão agrícola, normalmente leiras e leirinhas de dimensão muito reduzida (Gouveia, 1994). Os **matos higrófilos** que se encontram em altitudes entre os 800 e 950 metros, em locais de elevado teor de humidade, pouco declive e pequenas depressões, apresentam maior variedade de espécies que os matos xerófilos, dominando os *Ulex* e a *Erica* no estrato arbustivo, e os *Agrostis* no estrato herbáceo.

Nas áreas de pastagem da serra, as espécies forrageiras mais importantes são o **panaso** (*Dactylis glomerata*), o **cornichão** (*Lotus pedunculatus*), a **serradela-brava** (*Ornithopus perpusillus*), o **corrijó** (*Plantago lanceolata*) e ainda, pelo seu regular valor forrageiro, a **erva-molar** (*Holcus mollis*), a **erva-lanar** (*Holcus lanatus*), a **leituga** (*Hypochaeris radicata*) e o **hipericão** (*Hypericum linarifolium*) (Gouveia, 1994). O **dente-de-leão** (*Taraxacum officinale*) e algumas gramíneas são dominantes nos lameiros, que são usados como prados para o gado arrouquês. Muitos lameiros ou relvados húmidos (que se encontram a cotas entre 800 e 950 metros) e terrenos planos na base das vertentes foram transformados em prados artificiais, dominando, nestas áreas, as herbáceas como a **tormentila** (*Potentilla erecta*), os **juncos** (*Juncus bulbosus*), o *Sphagnum spp.* e a **violeta-roxa** (*Viola palustris*) (Oliveira, 1997).

Nos locais de vale onde os terrenos são temporariamente saturados de água, surgem os **prados de lima**, sistema ancestral de rega por gravidade utilizado para evitar o congelamento dos prados no rigor do frio do Outono e Inverno, deixando a água correr continuamente pelos prados. Os lameiros são utilizados, regra geral, para o **pastoreio do gado bovino**. Nos restantes pastos naturais, onde o teor de humidade é baixo, nos meses de Novembro a Março a vegetação encontra-se queimada pela geadas. Durante este período, o gado arrouquês permanece nos currais, onde se alimenta dos fenos e palhas provenientes dos campos de cultivo (Gouveia, 1994).

Nas margens dos pequenos riachos e ribeiras nas zonas de solos profundos, aparecem **juncos** e outras espécies ripícolas, como o **feto-macho** (*Polystichum setiferum*), o **feto-real** (*Osmunda regalis*) e o **feto-pente** (*Blechnum spicant*) e diversas trepadeiras, como a **madressilva** (*Lonicera peryclimenum*). Surgem bosquetes de espécies autóctones, com **salgueiros** (*Salix atrocinerea*), **amieiros** (*Alnus glutinosa*), **freixos** (*Fraxinus angustifolia*), etc., e espécies subarbustivas, como o **sabugueiro** (*Sambucus nigra*), o **pilriteiro** (*Crataegus monogyna*), a **silva** (*Rubus sp.*) e a **urze** (*Erica cinerea*). Menos frequente é encontrar o **azevinho** (*Ilex aquifolium*), que tem sido alvo de recolha desregulada pelo seu valor ornamental (Câmara Municipal de Arouca, 2001).

Surgem, em zonas resguardadas, bosquetes de **carvalho-roble** (*Quercus robur*), de **castanheiros** (*Castanea sativa*), de **carvalho-negral** (*Quercus pyrenaica*), de **medronheiro** (*Arbutus unedo*) e de **bétula** (*Betula celtiberica*), possuindo estes locais uma manta morta bastante rica, onde vivem espécies animais raras de alto valor de conservação. Também nos locais com solos mais profundos e frescos, surgem os **giestais** (*Genista florida* e *Cytisus striatus*) e o **amieiro-negro** (*Frangula alnus*) (Paiva e Silva, 1997). Nas matas de folhosas, que existem a cotas entre os 380 e 930 metros, evidenciam-se os **carvalhos**, restos da vegetação climática, pequenos nichos de **carvalho-alvarinho** (*Quercus robur*) e também **carvalho-negral** (*Quercus pyrenaica*), **castanheiro** (*Castanea sativa*), **azevinho** (*Ilex aquifolium*), **vidoeiro** (*Betula pubescens*) e **medronheiro** (*Arbutus unedo*). O pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) tem origem antrópica. Os carvalhos (*Quercus robur* e *Quercus pyrenaica*) dominam o estrato arbóreo, aparecendo juntamente com o **zangarinho**, **escalheiro**, **pilriteiro**, **madressilva** e **giestas** (*Genista florida* e *Cytisus scoparius*), a nível arbustivo; no estrato sub-arbustivo, dominam o **tojo-molar** (*Ulex minor*), o **tojo** (*Ulex europaeus*), o **feto comum** (*Pteridium aquilinum*) e as **urzes** (*Erica ciliaris*), dominando, no estrato herbáceo, as **gramíneas** *Agrostis x fouilladei*, a *Calluna vulgaris*, *Potentilla erecta*, etc. Nas matas de pinheiros, que se localizam a altitudes entre 380 e 1 100 metros, são o **pinheiro-bravo** (*Pinus pinaster*) e o **pinheiro-silvestre** (*Pinus sylvestris*) que dominam o estrato arbóreo, surgindo, no estrato arbustivo, a associação *Halimio alyssoidis-Pterospartetum tridentatae* (urze, carqueja e tojo) em que dominam a *Erica umbellata* e a *Calluna vulgaris* (Oliveira, 1997).

Existem, na área da serra da Freita, outras espécies que foram deixadas pelos Serviços Florestais, tais como o **cedro-do-Buçaco** (*Cupressus lusitanica*), o *Chamaecyparis*, a *Betula*, a *Pseudotsuga menziensis*, os **freixos**, o **castanheiro-híbrido**, o **carvalho-americano** (*Quercus rubra*) e o **larice-europeu** (*Larix decidua*) (Oliveira, 1997).

No entanto, nos vales mais abrigados, coexistem espécies como o **loureiro** (*Laurus nobilis*) que são relíquias que restam da antiga Laurisilva (a floresta pré-glaciações pleistocénicas) (Paiva, 1997). As influências do homem no coberto vegetal das serras do maciço montanhoso, como o derrube da floresta e a consequente degradação pelo pastoreio excessivo, as queimadas para a renovação do pasto ao longo de milhares de anos, e ainda a mais recente campanha de reflorestações monoespecíficas, principalmente com pinheiro-bravo e eucalipto, assim como a introdução de espécies invasoras e exóticas conduziram à depauperação dos recursos florísticos. Hoje em dia, a vegetação dominante são os matos em que predominam as urzes, a carqueja, os tojos e as giestas (Paiva, 1997).

Outrora densamente arborizada com espécies adequadas, como o **castanheiro**, o **carvalho** e o **sobreiro** e, que deixaram marcas na própria toponímia, em Roge e Cepelos (Vale de Cambra), vê-se, hoje em dia, crescer o **pinheiro** e **eucalipto**, de forma desordenada. Porém, estas duas espécies ainda se articulam com as outras, mormente **castanheiros**, **sobreiros** e **carvalhos**, abundantes noutros tempos. Junto às linhas de água ainda se encontram **freixos** e **amieiros**. Do ponto de vista geológico, é uma zona de formação antiga, constituída por granitos e xistos, formando a zona serrana do complexo Freita-Arestal (www.jf-roge.com), com relevo escarpado, de pendentes e inclinações ligeiramente acentuadas que se vão suavizando. Os terrenos, em socacos, aos quais se dá o nome de **jeiras**, constituem os campos de cultivo.

Mais a jusante, na freguesia de **São Pedro de Castelões, Vale de Cambra**), onde o rio Caima e o rio Viges, entram em **zonas de aluvião**, cultivam-se essencialmente milho forrageiro e vinha. As galerias ripícolas incluem diferentes espécies como **bordo** (*Acer pseudoplatanus*), **fiteira** (*Cordiline australis*), **catalpa** (*Catalpa bignonioides*), **amieiro** (*Alnus glutinosa*), **tília** (*Tilia cordata*), **plátano** (*Platanus occidentalis* var. *acerifolia*), **palmeira** (*Phoenix* sp.) e **choupo-negro** (*Populus nigra*).

A área florestal do concelho de Oliveira de Azemeis caracteriza-se por **bosques de pinheiro bravo** e **eucalipto** localizados nas imediações da área urbana. A propriedade florestal é na generalidade privada e de baixa dimensão, sendo ocupada maioritariamente por **pinheiro-bravo**, **eucalipto** e, em muito menor extensão, **carvalhos**. Nas freguesias de **Ossela** e **Palmaz**, são evidentes galerias ripícolas, mais ou menos representativas, sobretudo ao nível do estrato arbustivo e com alinhamentos de **choupos** (*Populus nigra*) e **amieiros** (*Alnus glutinosa*). Em declives mais acentuados, pratica-se uma agricultura de subsistência com a plantação de **vinha** (*Vitis vinifera*) em **socacos** com desnível suave. Em alguns locais, como o **Parque de Lazer de Palmaz (Palmaz, Oliveira de Azeméis)**, as margens do rio Caima apresentam alinhamentos de **plátanos** (*Platanus orientalis* var. *acerifolia*) e **choupos** (*Populus* sp.), existindo ainda exemplares de **acer** (*Acer* sp.) e **liquidambar** (*Liquidambar* sp.). A galeria ripícola é formada maioritariamente por **amieiros** (*Alnus glutinosa*), **aveleiras** (*Corylus avellana*) e **choupos**, verificando-se ainda a presença de **castanheiros-da-Índia** (*Aesculus hippocastanum*). Em toda a bacia do Caima, as **acácias** (*Acacia melanoxylon* e *Acacia dealbata*) e o **eucalipto** (*Eucalyptus globulus*) são espécies invasoras, em expansão. Mais a jusante, em Palmaz, no lugar de Vilarinho de S. Luis, o **vale da Ribeira da Felgueira** está ocupado por zonas de cultivo de milho (*Zea mays*) e vinha (*Vitis vinifera*), com matas ripícolas de **choupos** (*Populus* sp.) e **carvalhos** (*Quercus robur*). Na meia encosta superior, dominam povoamentos de **eucalipto** e **pinheiro-bravo**.

O **vale do rio Vigues** corresponde a um fértil território agrícola, inserido num ambiente urbano em crescente progressão. O abandono sucessivo da actividade agrícola conduziu a um processo de perda de qualidade ambiental, que mantém, contudo, uma imagem de certa ruralidade, associada às antigas estruturas de compartimentação do território: muros, socialcos, latadas, sebes, rede de caminhos e pequenas edificações rurais. O **Parque da Cidade de Vale de Cambra** vai incluir no estrato arbóreo, nas zonas secas da cintura do Parque, **pinheiros-mansos** (*Pinus pinea*), **sobreiros** (*Quercus suber*) e **carvalhos-alvarinho** (*Quercus robur*). Nas zonas húmidas, recorrer-se-à a espécies naturais de ecossistemas ribeirinhos como o **amieiro** (*Alnus glutinosa*), o **vidoeiro** (*Betula celtibérica*), o **freixo** (*Fraxinus angustifolia*), o **choupo-branco** (*Populus alba*), o **choupo-negro** (*Populus nigra* "Italica") e o **vimeiro** (*Salix viminalis*). Algumas plantas ornamentais contribuirão para a riqueza florística do parque: o **liquidambar** (*Liquidambar styraciflua*), a **magnólia** (*Magnolia x soulangeana*), a **cerejeira-de-flor** (*Prunus serrulata* "Kanzan"), o **tulipeiro** (*Liriodendron tulipifera*) e a **bétula** (*Betula papyrifera*). Os maciços de arbustivos e herbáceos marcam presença e fazem a ligação entre as superfícies do terreno e os estratos arbóreos como as **azáleas**, as **giestas** e as **alfazemas**. Os prados, associados às zonas de mata, irão contribuir para a prevenção da erosão superficial do solo (Câmara Municipal de Vale de Cambra, -).

No séc. XVIII, na zona serrana de Arouca, era referida a **caça** de espécies animais como **lebres**, **perdizes**, **coelhos**, **javalis** e **lobos** (Paiva, 1996). O lobo (*Canis lupus signatus*), a **toupeira-d'água** (*Galemys pyrenaicus*) e o **morcego-de-ferradura-mourisco** (*Rhinolophus mehelyi*) são algumas espécies **ameaçadas de mamíferos** que vivem nos habitats deste maciço (Nunes & Nunes, 2002). A **lontra** (*Lutra lutra*) habita os cursos de água que cruzam o maciço (Silva, 1997).

Outros mamíferos que se encontram frequentemente são o **javali** (*Sus scrofa*), a **raposa** (*Vulpes vulpes*), a **fuinha** (*Martes foina*), a **doninha** (*Mustela nivalis*), o **ouriço-cacheiro** (*Erinaceus europaeus*), o **gato-bravo** (*Felis silvestris*), a **geneta** (*Genetta genetta*), o **texugo** (*Meles meles*) e o **toirão** (*Mustela putorius*) (Silva, 1997; Câmara Municipal de Arouca, 2001). As espécies cinegéticas como o **coelho-bravo** (*Oryctolagus cuniculus*) e a **lebre** (*Lepus capensis*) são bastante comuns (Silva, 1997).

Quanto às **aves**, verifica-se que, nas áreas abertas de pastagem, são comuns os passeriformes como a **cotovia-de-poupa** (*Galerida cristata*), a **laverca** (*Alauda arvensis*) e a **petinha-dos-prados** (*Anthus pratensis*) (Paiva, 1999). Nas zonas mais altas, durante a Primavera e Verão, pode-se observar o **chasco-cinzento** e outras espécies mais raras, embora com pouca frequência.

As **rapinas** são uma presença constante neste ecossistema, beneficiando dos espaços abertos e das correntes de ar ascendente que a orografia das serras proporciona. O **falcão-peregrino** (*Falco peregrinus*), a **águia-de-Bonelli** (*Hieraetus fasciatus*), o **bufo-real** (*Bubo bubo*) avistam-se com alguma sorte. Já o **corvo** (*Corvus corax*), a **gralha-preta** (*Corvus corone*), o **gaio-comum** (*Garrulus glandaris*), o **tartaranhão-caçador** (*Circus pygargus*) e o **milhafre-preto** (*Milvus migrans*) são avistados com alguma frequência. A **águia-de-asa-redonda** (*Buteo buteo*), o **peneireiro-comum** (*Falco tinnunculus*), a **águia-cobreira** (*Circaetus gallicus*), a **coruja-do-mato** (*Strix aluco*), a **corujadas-torres** (*Tyto alba*), o **mocho-galego** (*Athene noctua*) são avistados frequentemente (Silva, 1997; Câmara Municipal de Arouca, 2001).

Perto das linhas de água, pode observar-se a **alvéola-branca** (*Motacilla alba*) e a **alvéola-cinzenta** (*Motacilla cinerea*) e, nas zonas rochosas, o **melro-das-rochas** (*Monticola saxatilis*); por vezes, surge o **guarda-rios** (*Alcedo atthis*) e o **melro-de-água** (*Cinclus cinclus*) (Silva, 1997). Nos bosquetes de árvores autóctones, habitam o **cartaxo-comum** (*Saxicola torquatus L.*), o **chapim-real** (*Parus major*), o **chapim-azul** (*Parus caeruleus*) e a **toutinegra-de-cabeça-preta** (*Sylvia melanocephala*), entre outras espécies (Silva, 1997).

A abundância e diversidade de **anfíbios** são um indicador de boa qualidade ambiental, pois estes animais completam parte do seu ciclo de vida no meio aquático e possuem uma pele muito permeável, sendo bastante susceptíveis à poluição ambiental.

A **salamandra lusitânica** (*Chioglossa lusitanica*) é uma espécie endémica da Península Ibérica com estatuto de espécie ameaçada que habita nichos do ecossistema das serras (Silva, 1997; Câmara Municipal de Arouca, 2001). Outros anfíbios presentes são o **tritão-de-ventre-laranja** (*Triturus boscai*), o **tritão-marmoreado** (*Triturus marmoratus*), o **tritão-de-patas-espalmadas** (*Triturus helveticus*), o **sapo-de-unha-negra** (*Pelobates cultripes*), o **sapo-parteiro** (*Alytes obstetricans*), o **sapo-corredor** (*Bufo calamita*), o **sapo-comum** (*Bufo bufo*) e a **rã-verde** (*Rana perezi*) (Silva, 1997; Câmara Municipal de Arouca, 2001). A **rã-castanha** (*Rana iberica*) e a **salamandra-de-pintas-amarelas** (*Salamandra salamandra*) são comuns na rica manta morta dos bosquetes de árvores de folha caduca, principalmente das fagáceas (Paiva, 1997).

São exemplos de espécies de **répteis** existentes no maciço da Gralheira: a **cobra-de-ferradura** (*Colluber hippocrepis*), a **cobra-rateira** (*Malpolon monspessulanus*), a **cobra-de-água-de-colar** (*Natrix natrix*) e, nas linhas de água, a **cobra-de-escada** (*Elaphe scalaris*), a **cobra-de-água-viperina** (*Natrix maura*), a **víbora-cornuda** (*Vipera lastatei*), o **lagarto-de-água** (uma espécie endémica da península ibérica) (*Lacerta schreiberi*), o **lagarto-comum** (*Lacerta lepida*), a **lagartixa-dos-muros**

(*Podarcis bocagei*), a **lagartixa-do-mato** (*Psammmodromus algirus*), o **licranço** (*Anguis fragilis*) e a **cobra-cega** (*Blanus cinereus*), um lagarto ápode (Silva, 1997; Câmara Municipal de Arouca, 2001).

Como espécies de **peixe**, são predominantemente as **bogas** (*Pseudochondrostoma polylepis*), **trutas** (*Truta fario*) e **barbos** (*Barbus bocagei*) que povoam as águas do rio Caima. Foi outrora o **maior rio truteiro**, sendo no entanto ainda possível pescar este espécime no seu leito.

Na **Barragem de Padraços, no açude de Moreira**, foram inventariadas três espécies: a **boga**, o **ruivaco** (*Rutilus macrolepidotus*) e a **pardelha** (*Rutilus lemmingi*). O ruivaco é a espécie dominante (60%) e todos os exemplares capturados, tanto desta espécie, como das restantes, são de pequenas dimensões, provavelmente devido à profundidade relativamente baixa do local, pelo que este é frequentado preferencialmente por juvenis. Apesar de formar uma albufeira, imediatamente a montante, existem neste troço do Caima zonas com características lólicas, justificando assim a presença de exemplares jovens de bogas, uma espécie reofílica. Não se conhece a prática da actividade piscatória neste local e, a existir, a mesma terá um carácter essencialmente lúdico (Plano de Bacia Hidrográfica do rio Vouga (2002) em www.inag.pt).

Os ecossistemas do maciço da Gralheira possuem uma grande variedade de espécies de **invertebrados**, tendo sido identificados 10 espécies de libélulas (Odonatos), 10 espécies de Hemípteros, 30 espécies de Coleópteros, 60 espécies de Himenópteros e 160 espécies de Lepidópteros. Só na Freita foram assinaladas 250 espécies de invertebrados, com destaque para os Odonata onde foram encontradas 7 das 67 espécies presentes em Portugal. As borboletas são abundantes em quantidade e variedade, tendo sido detectada a magnífica *Charaxes jasius* (Silva, 1997).

A alguns km a jusante das suas nascentes, o rio Caima precipita-se de uma altura de cerca de 60 metros, numa das quedas de água mais altas da Europa – a **Frecha da Mizarela**. A precipitação da água, fresca e cristalina, na queda abrupta entre rochedos graníticos constitui um dos mais espectaculares recortes da natureza e forma um dos mais belos quadros a enriquecer o património natural do concelho de Arouca. Do alto dos seus mais de 1000 metros, a serra da Freita oferece um colorido raro, povoado, aqui e além, por **rebanhos de cabras ou por vacas de raça arouquesa**, que vão passeando a sua pacatez pelas margens dos caminhos, por entre alguns rios e ribeiros. Nas escarpas do rio Caima, entre as aldeias de Albergaria da Serra, Mizarela, Castanheira e Merujal, é possível encontrar-se a **raposa** (*Vulpes vulpes*), a **gineta** (*Genetta genetta*), o **javali** (*Sus scrofa*), a lontra (*Lutra lutra*), a **toupeira-comum** (*Talpa europaea*), o **ouriço-cacheiro** (*Erinaceus europaeus*), o **morcego**, o **milhafre-real** (*Milvus milvus*), a **águia-de-asa-redonda** (*Buteo buteo*), a **águia-real**

(*Aquila chrysaetos*) e o **peneireiro-cinzento** (*Elanus caeruleus*). A vegetação arbórea e arbustiva inclui o **carvalho** (*Quercus robur*), o **sobreiro** (*Quercus suber*), a **azinheira** (*Quercus ilex*), o **pinheiro-bravo** (*Pinus pinaster*), o **medronheiro** (*Arbutus unedo*), o **castanheiro** (*Castanea sativa*), o **amieiro** (*Alnus glutinosa*), a **giesta** (*Cytisus striatus*), a **carqueja** (*Pterospartum tridentatum*), o **tojo-comum** (*Ulex europaeus*) e a **urze** (*Erica ciliaris*).

Equipamentos

De seguida, listam-se alguns **equipamentos** que se localizam na **bacia hidrográfica dos rios Caima e Viges**, de montante para juzante.

O **Parque Eólico da Serra da Freita (Albergaria da Serra, Arouca)** é um projecto sob a responsabilidade da "Freita Eólica – Energia Eólica", instalado na linha de cumeada da Serra da Freita, próximo do lugar de Merujal, a cerca de 100 metros de altitude. É constituído por 16 aerogeradores para a sua posterior transformação em energia eléctrica, num investimento total de mais de 20 milhões de euros.

A **praia fluvial de Albergaria da Serra (Albergaria da Serra, Arouca)** localiza-se na margem do rio Caima, na freguesia de Albergaria da Serra, a 20 km da vila de Arouca. Encontra-se próximo da **aldeia de Castanheira** (local das **Pedras Parideiras**) e da **Frecha da Mizarela**. A praia encontra-se equipada com balneários, sendo possível o estacionamento automóvel em vários locais próximos. A qualidade da água era, em Julho de 2005, aceitável. Os percursos PR7, PR15 e PR16 têm passagem por este local.

Existem dois **miradouros** com vista sobre o Caima junto à **Frecha da Mizarela**, um na aldeia da **Mizarela** e outro em **Castanheira**, em lados opostos do rio Caima, que permite visualizar a queda de água por onde se precipita esta linha de água, a mais de 60 metros de altura.

No Projecto **Geoparque Arouca**, foi proposta uma área de classificação integrando vários tipos de património geológico. Assim, foram, no concelho de Arouca, inventariados, caracterizados e avaliados **41 locais de interesse geológico**, ou geossítios, de maior relevância, para os quais se fizeram propostas de geoconservação. Estes geossítios encontram-se distribuídos pelo concelho, localizando-se principalmente na serra da Freita, possuindo elevada relevância, tanto a nível local, regional, nacional, e até mesmo internacional. Estes incluem na bacia do rio Caima, na freguesia de Albergaria da Serra: o **marco Geodésico de S. Pedro Velho** (1077 m de altitude), as **Marmitas de Gigante no**

Vale do Caima (Mizarela, 895 m), o **contacto litológico da Mizarela** e aspectos geológicos associados (920 m), o **Miradouro da Frecha da Mizarela** (900 m), as **pedras parideiras** (930 m); o **campo de dobras da Castanheira** (950 m), o **filão de quartzo de Cabaços** (911 m), a **panorâmica da Costa da Castanheira** (1046 m), as **pedras boroas do Junqueiro** (975 m) e as **pias do Serlei** (1044 m). Muitos destes sítios de interesse encontram-se integrados na **Rede de Percursos Pedestres**, num total de 13, numa perspectiva de valorização e divulgação e promoção deste inestimável património (www.geoparquearouca.com). A entidade responsável pela gestão do Geoparque Arouca é a AGA – Associação Geoparque Arouca.

A **Praia Fluvial de Paço de Mato (Roge, Vale de Cambra)** é uma praia fluvial e zona de lazer nas margens do rio Caima, a sul de um dique ali existente, muito apreciada pelos visitantes especialmente no Verão. O espaço poderá ser brevemente alargado a campistas, por intervenção da Junta de Freguesia de Roges (www.jf-roge.com).

A **Barragem Engº Duarte Pacheco (Roge, Vale de Cambra)** situa-se no lugar do Castelo. Tem-se acesso pela EM 550 (Vale de Cambra - Paço de Mato), virando à direita na povoação de Pena, seguindo a indicação da Barragem Engº Duarte Pacheco ou, em alternativa, seguindo pela EM227 (Vale de Cambra – Cepelos), virando à esquerda após a povoação de Vila Nova, seguindo a indicação da Barragem Eng.º Duarte Pacheco.

Situada no rio Caima, à cota de 365 metros, a barragem é constituída pelo plano de água e a envolvente florestal, maioritariamente de pinheiro, eucalipto e giesta nas encostas e vegetação ripícola junto à água. Conhecida localmente como **Barragem do Castelo**, mas oficialmente designada como **Barragem Duarte Pacheco**, em homenagem ao Ministro das Obras Públicas de então, foi mandada construir pela Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola em Agosto de 1936 e concluída em Dezembro de 1942. É uma obra do Estado Novo, que tinha como finalidade **regularizar o caudal do rio, aumentar a rentabilidade agrícola dos campos de Burgães e intensificar a indústria de lacticínios**, através da criação de prados permanentes. A barragem é constituída por uma albufeira que permite o armazenamento de 330 mil m³ de água de rega a utilizar no tempo da estiagem e por um dique de alvenaria com 24 metros de altura para queda livre das águas, bem como um dique misto de suporte às águas da albufeira (www.jf-roge.com). Usufrui de vista ampla para a sede de freguesia, Roge, onde os patamares agrícolas socalcados, bordejados de vinha, descem até ao fundo do vale do rio Caima que faz uma curva fechada após a queda na barragem. O plano de água é de dimensões reduzidas, cerca de 600 metros de comprimento.

A jusante do empreendimento, o rio Caima possui um caudal bastante reduzido que corre num vale encaixado de margens bastante íngremes. A montante da barragem, a comunidade de ictiofauna é essencialmente constituída pelo **barbo-do-Norte** (*Barbus bocagei*) e a **boga** (*Chondrostoma polylepis*). Verifica-se ainda a presença de algumas trutas (*Salmo trutta*), embora menos abundantes. Não é significativa a pesca neste local, assumindo esta um papel meramente lúdico e ocasional (Plano de Bacia Hidrográfica do rio Vouga (2002) em www.inag.pt).

O **Açude de Moreira ou Barragem de Padraços (Roge, Vale de Cambra)** localiza-se a jusante da Barragem Eng^o Duarte Pacheco, no lugar de Padraços, com uma queda de água sobre o rio Caima. A jusante deste açude, numa curva do rio, desagua um dos afluentes do rio Caima, o **rio Fuste** na margem direita. Tem-se acesso a este açude pela estrada junto ao cemitério, centro cívico, igreja matriz e cruzeiro de Roge. A construção do açude de Moreira permitiu a regularização do caudal do rio Caima e a captação de água para abastecimento domiciliário de Vale de Cambra. Esta barragem, com apenas 7 m de altura, 16 m de coroamento e uma capacidade de armazenamento de 0,33 hm³/m, está localizada a uma altitude de 207 m. O substrato é constituído essencialmente por seixo rolado e as margens possuem um coberto vegetal, onde predominam os amieiros e as silvas. Na albufeira de Padraços, revelou-se a presença dos ciprinídeos e até mesmo da truta (Plano de Bacia Hidrográfica do rio Vouga (2002) em www.inag.pt).

A **Praia Fluvial de Burgães (São Pedro de Castelões, Vale de Cambra)** localiza-se a partir de Vale de Cambra, seguindo pela EM 548 em direcção a Aguincheira, e antes da Ponte de Burgães, virando à direita. Situa-se na cota mais baixa do concelho a 200 metros de altitude, **num vale onde se encontram o rio Caima e o rio Vígues, em área de aluvião** ainda bem patente na envolvente agrícola desta praia, onde se cultiva essencialmente milho forrageiro e vinha. O rio Caima está represado a jusante da praia, permitindo um nível de água que possibilita os banhos. Existe ainda um represamento a montante da praia, junto à Ponte de Burgães onde a água é conduzida através de um canal até aos moínhos recentemente recuperados por associações culturais da região. Esta represa é também chamada o **açude de Arões**. Junto ao areal da praia, existe uma área relvada delimitada pelo acesso ao parque de estacionamento a Norte e pelo bar/esplanada a Este, onde existem também espaços de estadia mais construídos, com muretes, bancos e uma pérgola.

O futuro **Parque Urbano da Cidade de Vale de Cambra (Vila Chã, Vale de Cambra)** é um projecto de construção recente, junto às margens do rio Vígues, numa área de 24 ha entre a Ponte da Gandra e a de Vila Chã. Antigamente, era um espaço agrícola onde existiam algumas estruturas rurais como

socalcos, latadas, pequenos edifícios rurais, caminhos, muros, etc., mas a actividade agrícola foi progressivamente desaparecendo.

Este espaço de lazer e de cariz ambiental prevê na área desportiva a construção de quatro recintos com circuito de manutenção; uma zona de merendas, anfiteatro e esplanadas para proporcionar momentos de lazer, em que a paisagem envolvente está projectada para coabitar com cenários de animação e convívio. É o caso do restaurante panorâmico implantado no lago e um bar integrado com os recintos desportivos. O custo total do investimento da Câmara Municipal de Vale de Cambra ascende a 4.330 euros (Câmara Municipal de Vale de Cambra, 2008). Pretende-se instalar uma rede de caminhos que atravessa o parque. Haverá ainda um circuito de manutenção junto à zona desportiva e uma zona administrativa e de cafetaria, como espaços de apoio a todo o Parque (Câmara Municipal de Vale de Cambra, -).

O **Complexo Municipal das Dairas (São Pedro de Castelões, Vale de Cambra)** localiza-se na Avenida Vale do Caima, junto à foz do rio Viques, a montante da **Ponte de Viques**. É composto por um pavilhão municipal para a prática de basquetebol, voleibol, andebol, futsal e hóquei em patins, piscinas municipais, um pavilhão gimnodesportivo (da Escola E/B 2,3 de Dairas), o estádio municipal, um campo de jogos e a sede da Associação Desportiva Valecambrense (www.cm-valedecambra.pt).

O **Parque de Merendas da Ínsua de Selores e praia fluvial do Pedregulhal (Ossela, Oliveira de Azeméis)** localizam-se na EN1326. No **vale agrícola de Selores**, o rio Caima alarga, formando uma pequena ínsua à cota de 154 m. É atravessada por duas pontes em alvenaria, existindo aqui duas azenhas, uma represa e um parque de merendas, em terra batida. A existência de um açude e os depósitos de calhau rolado fazem deste lugar um espaço privilegiado como praia fluvial.

A **Fábrica de Papéis do Caima (Palmaz, Oliveira de Azeméis)** situa-se no lugar da Mó, a jusante da **Ponte dos Cadeados**. Descendo da Igreja, no ponto mais estrangulado do rio Caima, encontra-se a **Ponte da Fabrica** que une abruptos declives. Esteve-lhe encostado, na margem direita e a montante, um antigo engenho de papel de fabrico manual - **Fábrica de Papel do Caima** - fundada por Bento Carqueja, em 1901. Esta encontra-se em estado de ruína, estando previsto para este local a instalação de um hotel rural. Existe um projecto de intervenção na Zona Ribeirinha do Rio Caima entre a Antiga Fábrica de Papel e o Açude do Areinho, da autoria do Arqt. Luis Guedes de Carvalho em 2008, com vista à requalificação desta zona e reconversão em praia fluvial e área de recreio e lazer (Guedes de Carvalho, 2008).

O **Parque de Lazer de Palmaz** ou **Parque Dr. Bento Carqueja** (Palmaz, Oliveira de Azeméis), localiza-se na EN 224-3. Da propriedade da **Associação Desportiva Recreativa e Cultural de Palmaz**, é um parque recreativo situado na margem direita do rio Caima, a Sudoeste da Serra da Escalva, junto do **moinho do Quintal**, onde se pode ter um panorama da paisagem com zona arborizada de lazer, um bar-convívio, barcos de recreio e pesca. A montante está a **Ponte do Padre** e a **antiga Fábrica de Papel do Caima**. A jusante fica a **Ponte do Pêga** e a **mini-hídrica**. Encontra-se equipado com sanitários/balneário, um palco e uma pequena construção de apoio. Neste local existe uma ponte, em ruína, que permitia o atravessamento do rio para o local onde se situa o campo de jogos da freguesia de Palmaz, que se estabelece numa plataforma a 140 m de altitude. A montante deste existe uma lagoa muito utilizada pela população para a prática balnear e para a pesca. A galeria ripícola inclui **amieiros** (*Alnus glutinosa*), **aveleiras** (*Corylus avellana*), **choupos** (*Populus sp.*), **castanheiros-da-Índia** (*Aesculus hippocastanum*), para além da invasão das **acácias** (*Acacia melanoxylon* e *Acacia dealbata*). Existem ainda alguns exemplares de **liquidambar** (*Liquidambar sp.*), **acer** (*Acer sp.*) e **plátanos** (*Platanus orientalis var. acerifolia*).

A **Central Hidroeléctrica do Caima** (Palmaz, Oliveira de Azeméis) foi obra do Comendador Almeida Pinho, em colaboração com Luiz de Sousa Moreira, sócio e gerente da empresa. Data a sua construção de 1934. Localiza-se a nascente de Palmaz sobre o rio Caima, a jusante da **Ponte do Padre**, numa zona de estreitamento do vale do rio. Na margem Norte, tem casas dos trabalhadores da antiga fábrica de papel remodeladas para a instalação da mini-hídrica. A Central Hidroeléctrica do Açude do Pego no rio Caima tem a potência de 440 Kva e é da propriedade de HIDRORECURSOS – Exploração de Energia Eléctrica, Lda. De referir ainda o açude a montante que produz um espelho de água de grande dimensão com cerca de cinco metros de diferença de cota da base para o topo.

Acessibilidades

De seguida, segue-se uma breve descrição da **história, tradições, cultura de cada concelho e freguesia** atravessados pelo **rio Caima** e o seu principal afluente, o **rio Viques**.

Concelho de Arouca

O município de **Arouca** abrange uma área de 327 km² e situa-se no extremo NE do distrito de Aveiro. Faz fronteira com o seu território os municípios de Cinfães, Castelo de Paiva e Gondomar (a Norte), Vale de Cambra e S. Pedro do Sul (a Sul), S. Pedro do Sul, Castro Daire (a Este), Santa Maria da Feira, Oliveira de Azeméis (a Oeste). A vila, sede do concelho, tem cerca de 3 000 habitantes e está

situada no extremo nascente do **Vale de Arouca**, a cerca de 60 km da sede de distrito (Aveiro) e 50 km da cidade do Porto. O concelho é composto por 20 freguesias e habitam cerca de 24 000 habitantes (Censos 2001). O posicionamento neste contexto regional traduz a situação de fronteira/interface que Arouca detém, entre as regiões Norte e Centro de Portugal, entre os distritos de Aveiro, Viseu e Porto e entre o litoral e o interior (www.cm-arouca.pt).

A vila é bastante antiga, provavelmente edificada pelos galo-celtas, quatro ou cinco séculos a.C.. Uma **cidade romana**, de nome *Arouca, Aruca, ou Areduta*, foi aqui erguida por César Augusto em 34 a.C., tendo existido até 716, data após a qual foi destruída pelos muçulmanos. Em 1102, o conde D. Henrique confrontou-se com o mouro Echa Martim naquela que viria a ser conhecida como a batalha de Arouca. A vila recebeu forais de D. Afonso Henriques, em 1151, de D. Afonso II, em 1217, e de D. Manuel, em 1513. Arouca herdou freguesias de concelhos suprimidos no séc. XIX e até concelhos na sua globalidade. O concelho de Vila Meã do Burgo deu origem à freguesia do Burgo quando, em 1817, foi anexado ao de Arouca. Com a extinção dos municípios de Alvarenga (1836) e Fermedo (1855), Alvarenga acrescentou a Arouca as freguesias de Santa Cruz de Alvarenga, Canelas, Janarde e Espiunca e Fermedo as freguesias de S. Miguel do Mato, Fermedo, Escariz e Mansores. A freguesia de Covêlo de Paivó, que pertencia ao concelho de S. Pedro do Sul, foi anexada em 1917 ao concelho de Arouca (www.cm-arouca.pt).

O **antigo couto de Arouca**, que congregava a maior parte das actuais freguesias, era constituído pelas freguesias de S. Bartolomeu - em 1846, foi desdobrada nas de S. Bartolomeu de Arouca e Santo Estêvão de Moldes - Cabreiros, Albergaria da Serra, parte da de S. Salvador do Burgo, Santa Eulália, S. Miguel de Urrô, Várzea, Rossas, Santa Marinha de Tropêço e Chave, que, com as já indicadas acima, perfazem as actuais vinte freguesias do concelho de Arouca. O território de Arouca foi povoado desde tempos remotos, como o comprovam múltiplos vestígios pré-históricos encontrados. Da época da presença e domínio dos romanos na Península Ibérica, sabe-se muito pouco. Pelos vestígios arqueológicos encontrados, deve ter sofrido uma romanização tardia, talvez por estar localizada já fora das zonas mais próximas do litoral das vias de circulação Norte-Sul. Pela toponímia, é atestada a permanência de populações de origem germânica, resultante das chamadas invasões bárbaras. Nomes como Sá, Saril, Alvarenga, Burgo, Escariz, Friães, Melareses, são exemplificativos (www.cm-arouca.pt).

De períodos mais recentes, durante as incursões muçulmanas, os núcleos habitacionais de Arouca ficaram quase desertos de população cristã, que se refugiou em locais pouco acessíveis ou noutras paragens mais a Norte, donde só terá regressado quando, mais tarde, com os avanços da

Reconquista Cristã para Sul, a instabilidade se afastou. No entanto, a história de Arouca só ganha destaque entre outras terras, a partir da fundação e posterior crescimento do seu Mosteiro.

Entre 915 e 925, foi fundado o Mosteiro de S. Pedro de Arouca, por um casal de visigodos, Loderigo e Vândilo. Depois da morte dos fundadores, o convento foi vendido a D. Ansur e sua mulher, D. Eileuva que o aumentaram e enriqueceram. No ano de 951, por vontade destes, o mosteiro surge dedicado aos mártires S. Cosme e S. Damião, associados a S. Pedro; posteriormente, o casal entregou o cenóbio ao abade Ermenegildo. No período entre 1114 e 1154, o mosteiro conheceu uma fase de grande esplendor, sob a direcção de D. Toda Viegas; em 1154, o mosteiro passou a ser exclusivamente feminino, governado por uma padroeira, a abadessa Elvira Anes, sob a regra beneditina, após a morte da qual, o mosteiro passou para a coroa. Em 1210, D. Sancho I legou o mosteiro a sua filha, D. Mafalda, que sete anos mais tarde exerceu o padroado sobre o mesmo, impondo a regra de Cister e aumentando a riqueza do convento por doação dos seus bens herdados, entre eles os direitos reais e a jurisdição da freguesia de Arouca. A Rainha Santa Mafalda morreu em 1256, ali ficando sepultada, sendo beatificada no séc. XVIII (arouca.aroucanet.com).

A economia municipal assenta sobretudo na agro-pecuária e na silvicultura. O seu património natural inclui a serra de Arada, parte da serra de Montemuro, os rios Vouga, Paiva, Arda, **as pedras parideiras** e a queda de água da Frecha da Mizarela, na serra da Freita, sob o rio Caima.

Albergaria da Serra (antiga Albergaria das Cabras) é uma freguesia situada em plena Serra da Freita, a Sul do concelho de Arouca, com 14,37 km² de área e 140 habitantes (Censos 2001). Esta freguesia faz fronteira com os concelhos de São Pedro do Sul e Vale de Cambra. O **rio Caima tem a sua nascente nesta freguesia**, percorrendo as suas águas de Nordeste para Sudoeste.

Esta freguesia designava-se, no início do séc. XIII, como **Albergaria de Monte Fuste** (*"11 albergaria montis de fuste"*) e, na 1ª metade do séc. XVI, segundo o Censual da Mitra de Lamego, ainda ostentava o mesmo topónimo. Por vezes era simplesmente denominada por **Albergaria** (*"Aluergaja"*) e, ao longo dos tempos, chamou-se **Albergaria da Serra, Nossa Senhora da Assunção de Albergaria** e, mais tarde, **Albergaria das Cabras**, topónimo que se vulgarizou no início do séc. XIX e que perdurou até há alguns anos atrás, onde voltou a chamar-se Albergaria da Serra. Houve também, quem lhe chamasse **Albergaria de Roças**, por uma parte do Monte Fuste ter pertencido à Comenda de Rossas (albergariadaserra.aroucanet.com).

O seu nome, "Albergaria", deve-se ao facto de aí ter existido uma **pousada ou albergaria**, fundada pela rainha D. Mafalda e ampliada e protegida por sua neta homónima, a rainha Santa Mafalda..

Alusiva a esta albergaria, subsiste uma lápide de granito na parede do cemitério local, datada de 1641, dizendo ser uma albergaria para pobres e passageiros com a obrigação de dar duas camas, uma para pobres e outra para ricos (albergariadaserra.aroucanet.com).

A sua antiguidade como povoação, encontra-se atestada através da toponímia, em nomes como "**Portela de Anta**" e "**Anta**" e através da existência de uma grande mamoa com um dólmen principal e outros secundários que se encontram no referido local de Portela de Anta, o mesmo onde, em 1257, foi colocado um marco divisório do couto de Arouca por D. Sancho I, alargado por doação de D. Afonso III no mesmo ano, à Abadessa do Mosteiro de Arouca. Por esta freguesia passava também, a **antiga via romana que seguia de Viseu até ao Porto**; era designada, na Idade Média, por estrada e depois por **estrada velha** e **estrada mourisca** (albergariadaserra.aroucanet.com). Albergaria da Serra pertenceu à diocese de Lamego e, em 1882, passou a integrar a diocese do Porto.

Os habitantes desta freguesia dedicam-se, desde tempos muito remotos, à **agricultura** e à **pastorícia**, essencialmente, ocupando-se do pastoreio de ovelhas, cabras e vacas e cultivando algum milho e centeio no Verão. Mais recentemente, o **turismo** tem sido uma actividade muito desenvolvida na freguesia. Próxima da povoação de Albergaria da Serra, localizam-se as **quedas de água da Frecha da Mizarela, no rio Caima** – uma das quedas de água mais altas da Europa. Com cerca de 60 metros de altura, em pleno rochedo granítico do planalto da Serra da Freita, é um verdadeiro pólo de atracção turística e beleza natural. São outros pontos turísticos de visita: as **aldeias de Albergaria** (onde se situa a **nascente do rio Caima**), **Cabaços, Castanheira** (local da existência das pedras parideiras), **Ribeira** e **Mizarela** (local da queda de água com o mesmo nome). Do património religioso, destacam-se a **Igreja Matriz** e a **Capela de Santo António**. Outros pontos de interesse são a **Mamoa da Portela ou Anta** e o **Parque de Lazer da Mizarela**.

As festas e romarias desta freguesia são a Festa da Ascensão do Senhor, no fim-de-semana seguinte à Ascensão do Senhor, e a Festa da Senhora da Assunção (orago) a 15 de Agosto, ambas na Igreja Matriz na Aldeia de Albergaria da Serra e a Festa de Santo António, no fim-de-semana seguinte ao dia 13 de Junho, na Capela de S. António, na Aldeia da Castanheira.

Concelho de Vale de Cambra

É um município com 146,21 km² de área e 24 798 habitantes (Censos 2001), subdividido em 9 freguesias. O município é limitado a Norte pelo município de Arouca, a leste por São Pedro do Sul, a Sudeste por Oliveira de Frades, a Sul por Sever do Vouga e a Oeste por Oliveira de Azeméis. As

freguesias de Vale de Cambra são Arões, **Cepelos**, Codal, Junqueira, **Macieira de Cambra**, **Rôge**, **São Pedro de Castelões**, **Vila Chã (Vale de Cambra)** e Vila Cova de Perrinho (www.valedecambra.net).

Vale de Cambra dista cerca de 50 km de Aveiro e 42 km do Porto. S. Pedro de Castelões, Macieira de Cambra, Vila Chã e Codal são o centro nevrálgico do município, onde se concentra 67% da população residente e onde se inclui a cidade, na qual reside 30% da população.

Para alguns autores, Cambra deriva de **Calambriga** - **cívitas pré-romana** que terá existido na região, porque o elemento céltico - *briga* - significa altura fortificada - *castro* - posteriormente romanizada. Assim, **Calambriga** daria origem a **Calambria**, referenciada no séc. VI e a **Caâmbria** nos sécs. XII e XIV. Para outros, Cambra deriva da corrupção da palavra **Câmara** que o popular trocaria por **Cambra**, porque **Câmara** era a designação atribuída às terras dos Bispados instituídos em Portugal antes do séc. XIV. Macieira de Cambra foi do Bispado de Coimbra e denominou-se Câmara do Bispo de Coimbra. Este facto leva a que também exista quem defenda que **Cambra** teve origem na designação da palavra **Coimbra**. Uma outra opinião é a de que Cambra deriva de **Santa Maria do Caima**, como também era chamada, e que tem a ver com o **rio Caima** que atravessa o concelho. Nesta opinião, **Vale de Cambra** teve origem na sua situação geográfica, o vale limitado pelo Monte Codal, Monte Fuste e Monte Zevreiro, atravessado pelo rio Caima.

O vale fértil que deu origem ao nome **Vale de Cambra**, propiciou, desde muito cedo, a fixação dos povos. Vestígios arqueológicos e estudos de toponímia levam a concluir que o território foi ocupado por civilizações pré e proto-históricas (www.cm-valedecambra.pt). Monumentos megalíticos atestam a ancestralidade da presença humana nesta região e alguns castros, no alto dos montes, recordam a presença de tribos proto-históricas, entre as quais o Castro do Chão de Carvalho (Arões), a Necrópole Megalítica (Cercal), a **Ponte românica (Castelões)**, o **Outeiro dos Riscos (Gatão)**, a **Ponte de Porto Cavalos (Batalha)**, a Mamoia do Alto do Sobreirinho (Agros), a Mamoia da Chã, a Mamoia do Lameiro do Ouguedelo (Fontes Casas) e a Estação do Bronze do Monte Castro (Vila Cova do Perrinho).

As **Terras de Cambra** surgem mencionadas, no ano de 922, numa doação feita pelo Rei Ordonho II de Leão e Castela ao bispo D. Comado e ao Mosteiro de Crestuma. Na altura da fundação da Monarquia Portuguesa, Macieira de Cambra pertencia ao bispado de Mérida, sendo mais tarde incluída no património dos bispos de Coimbra. No séc. XIV, passou a fazer parte das Terras de Santa Maria por doação a Fernão Pereira, pai do primeiro Conde da Feira. Em 1514, D. Manuel I, concede foral a Macieira de Cambra, sede do concelho. Aquando da extinção da família dos Pereiras,

passaram estas terras para a casa do Infantado. O concelho de Vale de Cambra da era moderna foi criado em 1832. Em 1867, foi suprimido e anexado a Oliveira de Azeméis. É restaurado mais tarde, sendo de novo suprimido e anexado a Oliveira de Azeméis em 1895. Em 1898, volta a ser independente, até que em 1926 foi extinto o concelho de Macieira de Cambra, transferindo-se a sede para o lugar da Gandra na freguesia de Vila Chã, passando o concelho e povoação a denominar-se Vale de Cambra (Marques, 1993).

O rio **Caima** e uma miríade de outros cursos de água integram a paisagem rural, com locais de interesse como a **Barragem Eng. Duarte Pacheco**, o **açude de Arões** e, mais recentemente, a **praia fluvial de Burgães em Castelões**. As suas fortes tradições agrícolas e florestais deram lugar a um grande desenvolvimento industrial, com destaque para os sectores da metalomecânica, embalagens e lacticínios.

O património religioso e arquitectónico do concelho de Vale de Cambra é muito rico e abundante. Destacam-se a Capela e Pelourinho de Paraduça, a Igreja de Arões, a Igreja Matriz de São Pedro de Castelões, a **Capela de São Gonçalo em Coelhosa**, a Capela de Nossa Senhora das Necessidades em Cavião, a Capela de Nossa Senhora da Piedade em Macinhata, a Capela de São Tiago e o Largo da Feira em São Tiago, a Igreja Matriz, o Pelourinho do séc. XVI e a Capela do Senhor do Calvário em Macieira de Cambra, o **Cruzeiro e Igreja Matriz de Rôge**, a Capela da Senhora das Dores em Lordelo, o **Parque de Nossa Senhora da Saúde da Serra em Gestoso**, a **Ponte dos Coronados em Entre-Pontes**, a **Ponte sobre o rio Caima no Pisão**, a **Ponte do Castelo na Barragem Eng. Duarte Pacheco**, o **Cruzeiro e Igreja em Vila Cova do Perrinho** e a Capela de São Bartolomeu em Algeriz.

A tradição artesã local é caracterizada pelo linho e manufactura associada à sua produção. Os sabores gastronómicos da região incluem os **enchidos caseiros**, o **presunto ou o queijo da zona serrana**, a **vitela assada ou do cozido à portuguesa**. O rio **Caima e afluentes**, as **extensas matas e vinhas de lavradores** constituem a paisagem envolvente que contribui para a **produção do vinho verde** (www.valedecambra.net). Das muitas festas e romarias existentes no concelho, merecem destaque as festas de Santo António, padroeiro do concelho, a 13 de Junho e as Festas Setembrinas, em Macieira de Cambra. Das tradicionais romarias, destacam-se as festas em honra de Nossa Senhora do Desterro no lugar de Função em Rôge, no Domingo e 2ª feira de Pentecostes e as festas em honra de Nossa Senhora da Saúde no lugar de Gestoso, nos dias 13, 14 e 15 de Agosto.

Cepelos é uma freguesia do concelho de Vale de Cambra com área aproximada de 16,4 km² e cerca de 1587 habitantes (Censos 2001), a 13 km da sede do município. **Situada nas abas da Serra da**

Freita, num ambiente predominantemente rural, na margem esquerda do rio Caima, confronta a nascente com Urrô e Albergaria da Serra (Arouca), a Sul com as freguesias de Arões e Junqueira, a poente com S. Pedro de Castelões e a Norte com Rôge, todas do concelho de Vale de Cambra. Segundo a lenda, a passagem dos Romanos por esta freguesia deixou vestígios tais como o **Outeiro dos Riscos**, a **Calçada Romana**, que fazem parte do património desta freguesia. O primeiro documento escrito data de 922 e diz respeito à doação da igreja de Cepelos ao Mosteiro Beneditino de Castromire, por Ordonho II e seus fidalgos. Pertenceu aos condes da Feira e, mais tarde, à casa do Infantado, sendo uma das freguesias mencionadas no Foral Manuelino de 1514. Em 1895, com a suspensão do concelho de Macieira de Cambra, passou a pertencer ao concelho de Oliveira de Azeméis. Em 1898, quando o concelho de Cambra foi restaurado, Cepelos voltou à sua posse (www.cm-valedecambra.pt).

Rôge é mais uma das freguesias localizadas **nas faldas da Serra da Freita**. Situada no extremo nordeste do município, na margem direita do rio Caima, é uma zona de relevos acentuados que se vão suavizando, próximo da sede da freguesia, onde o terreno apresenta menos declives (www.jf-roge.com).

Dista 5 km da sede do município, ocupa uma área de 17 km² e tem uma população aproximada de 1901 habitantes (Censos 2001). É limitada a Norte por Macieira de Cambra e Chave (concelho de Arouca); a Sul por Cepelos e S. Pedro de Castelões (Vale de Cambra); a Leste por S. Miguel de Urrô e Albergaria da Serra (Arouca) e a Oeste por Macieira de Cambra (Vale de Cambra). Tem como principais povoações: Rôge, Carvalheda, Casal d'Arão, Função, Fuste, Paço de Mato, Sandiães, Santa Cruz, Vila Nova e ainda Trebilhadouro.

A origem deste topónimo, ao que tudo indica, parece ser a do genitivo *Rugi*, derivado do antropónimo *Rugus*, podendo também provir do genitivo *Rogi*, do antropónimo *Rogo*, do germânico *hrogo*, que significa "repouso". Sendo de origem germânica, poderá indicar o princípio histórico desta localidade na época pré-nacional, onde existiria já um povoamento da época castreja e pré-romana. Testemunham este facto, os vestígios de ocupações antigas que atestam a sua ancestralidade, como o provam os diversos tóponimos existentes, a presença de monumentos megalíticos que remontam aos milénios IV e V a. C. e povoações posteriores da época castreja, posteriormente romanizados: as mamoas da Devesa, Trebilhadouro, **Curva Cega** e Cumeeira (www.jf-roge.com).

A primeira referência escrita acerca da freguesia encontra-se num documento de doação de 924, onde aparece a "villa" de Soutelo, feita à Igreja e Mosteiro de S. Martinho, fundado no séc. X, pelo abade Donâni e pela devota Létula, responsáveis também por esta doação ao citado mosteiro que

teria existido no território de Cambra. No Foral de Cambra doado por D. Manuel I à vila de Macieira de Cambra em 1514, aparecem referências aos lugares de **Paço de Mato** e da Quinta de Vila Nova, bem como a Estação de Fuste e a Gonçalo Domingues, também de Fuste. Em 1527, no Cadastro da Beira, existiam em Rôge cinquenta casais e cita-se, em referência excepcional, a Póvoa de Vila Nova, que foi honra e quintã dos Condes da Feira e que possuía dezoito casais. Como outras localidades desta região, a freguesia de Rôge pertenceu durante séculos, às Terras de Santa Maria, vastíssimo e rico território cuja jurisdição tinha por sede o Castelo da Feira, fortificação cujas origens remontam ao período da Reconquista Cristã. Juridicamente da Comarca de Esgueira em 1527, passou sucessivamente para as comarcas de Estarreja em 1839, de Arouca em 1852 e de Oliveira de Azeméis em 1874 e de Vale de Cambra, desde 1980. Integrou o concelho de Macieira de Cambra até à sua extinção em 1867, tendo sido anexada ao concelho de Oliveira de Azeméis em 1895 (www.cm-valedecambra.pt).

Rôge é atravessada pelo rio Caima, que aqui têm como afluentes a Ribeira de Fuste, também designada **Ribeira de Sandiães** e a **Ribeira de Paço de Mato** ou **rio Caimô** e o **rio Viques** que nesta freguesia tem a sua nascente. Celebram-se as festas de Santa Isabel e de São Sebastião no 1º domingo de Julho, na Igreja Matriz de Rôge; Santa Ana no último domingo de Julho, na Capela de Santa Ana, em Sandiães; Nossa Senhora do Desterro, anteriormente designada Nossa Senhora do Destino, no domingo e 2ª feira de Páscoa, na Capela de Nossa Senhora do Desterro, sendo esta uma das maiores romarias do concelho; Nossa Senhora da Luz, na 2ª feira de Páscoa, na capela de sua devoção, em Paço de Mato; Santa Helena da Cruz em Julho, na capela de sua devoção, em Santa Cruz, que, muito antiga, já era referenciada nos sécs. XII e XIII (www.jf-roge.com).

O cultivo do linho, o uso dos teares caseiros onde se tecia o bragal de uma família e, onde se faziam as varas de linho ou o fabrico do pão, desapareceram do quotidiano rural, o mesmo acontecendo com as indústrias caseiras relacionadas com o cultivo da terra, como sejam **os moinhos para a moagem do milho**, os alambiques para o fabrico da aguardente e dos lagares para o vinho (www.jf-roge.com).

Macieira de Cambra está situada a 2 km da sede de município, com uma área de 18,2 km² e cerca de 4821 habitantes (Censos 2001), sendo atravessada pelos **rios Caima, Viques e vários ribeiros**. O rio Viques estende as suas águas a Norte desta freguesia enquanto o rio Caima localiza-se mais a Sul, ambos na direcção Nordeste – Sudoeste.

Inserida numa área predominantemente urbana, a vila de Macieira de Cambra é de origem muito antiga, perdendo-se as suas origens em tempos imemoriais. Recuar até à fundação da freguesia na pré-história é possível, muito embora não se possa datar com segurança os vestígios de ocupação

humana, desses tempos tão remotos. Macieira de Cambra aparece mencionada em vários documentos medievais, tendo dado origem ao topónimo do concelho. A primeira referência escrita acerca da freguesia encontra-se num documento de doação anterior à fundação da nacionalidade no qual, no ano de 992, Ordonho II de Leão e Castela dá estas terras ao Bispo D. Gomado do Mosteiro de Crestuma (www.cm-valedecambra.pt), pelo que, durante muitos anos, foi conhecida pelo nome de *Santa Maria de Caymbra*. Pertencendo ao Julgado Medieval de Cambra, é mencionada nas Inquirições de D. Dinis (1290) onde se refere que na paróquia de Santa Maria de Macieira havia, no lugar deste nome, a "quintã" e paço de Afonso Pais, estendendo-se a honra a cinco casais; no lugar de Tagim, havia a "quintã" de Gonçalo Dias; no de Mulhudos, havia outra "quintã" que honrava toda a aldeia, compreendendo sete casais do mosteiro de Pedroso e no de Padastros existiam cinco casais de mosteiros, sendo estes com toda a aldeia uma honra (www.cm-valedecambra.pt).

Outros documentos se lhe referem sucessivamente como *Caymbra* e *Braveira de Cambra*. Era de início uma freguesia rural, com as suas "quintaneas", "agras", "póvoas", "vilares" e "chaves". Mais tarde, devido a uma importância sempre crescente, quer pela riqueza do seu solo, quer pelo aumento constante da sua população, é elevada à categoria de município, tudo levando a crer que lhe foi dado foral logo no dealbar da Nacionalidade. Naquele tempo, numerosos fidalgos possuíam terras e bens neste vale fértil, situando-se no séc. XII o início da estirpe dos "de Cambra". Esta família deriva da linhagem dos Riba Vizela e teve como precursor D. Afonso Anes, filho de D. João Fernandes de Riba Vizela e de D. Maria Fernandes Varela. O senhorio da terra de Cambra pertencia, por aquela época, à diocese de Mérida, passando posteriormente para o Bispado de Coimbra, depois para o de Aveiro e ainda, para o do Porto. Mais tarde, o senhorio de Cambra passou, no séc. XIV, para as mãos dos condes da Feira - os Pereiras. Com a extinção daquela vila, o senhorio foi definitivamente para a Casa do Infantado.

Macieira de Cambra recebeu foral novo, de D. Manuel I, em 1514. A história de Vale de Cambra está forçosamente ligada à história de Macieira de Cambra, tendo esta sido sede de concelho entre 1514 e 1926. Nesse último ano, o concelho de Macieira de Cambra foi extinto e criado o de Vale de Cambra em sua substituição, com sede na localidade desse nome. As Festas Setembrinas, que se realizam no 1º Domingo de Setembro em honra do Senhor do Calvário, e as festas em honra da Nossa Senhora da Natividade, no dia 8 de Setembro, são festividades com grande expressão (www.cm-valedecambra.pt, www.macieiradecambra.com).

Vila Chã é uma freguesia situada a Norte do concelho de Vale de Cambra, com 4133 habitantes (Censos 2001) e área aproximada de 5,5 km². Nesta freguesia, reúnem-se o **rio Viques**, o **rio**

Trancoso, o Ribeiro de Cães e o Ribeiro de Pelamos. Os principais lugares são: Vila Chã, Boucinha, Cancela, Corredoura, Revesa, Gandra, Leiras, Lordelo, Moradal, Moinho Verde, Picão, Portela, Refojos, Relva, Regadas e Teamonde. O topónimo e a arqueologia da freguesia sugerem que o povoamento em Vila Chã é muito anterior à fundação da nacionalidade. As Inquirições de D. Dinis citam, na terra de Cambra, a paróquia de Santa Maria de Vila Chã, com duas honras: a do Muradal, que era de Gomes Viegas e a de Vila Chã, considerada "*herdamento D. Froilhe*". Na passagem do séc. XVII para o séc. XVIII, Vila Chã era freguesia do concelho da Bemposta, tendo em 1768 passado para o priorado de Arouca. Participou do Foral da Feira e Santa Maria, dado por D. Manuel I, em 1514. Com a supressão do concelho de Macieira de Cambra, a freguesia de Vila Chã passou a integrar o concelho de Oliveira de Azeméis, voltando a pertencer a Macieira de Cambra em 1898. Actualmente, é a sede do município de Vale de Cambra, criado em 1926, após a extinção do concelho de Macieira de Cambra (www.cm-valedecambra.pt).

S. Pedro de Castelões é uma freguesia que fica situada no extremo Sudoeste do município de Vale de Cambra. Inserida numa área predominantemente urbana, distribui-se por uma área de 21 km², com uma população de 7625 habitantes (Censos 2001). Rodeada pelas **serras da Chã, Pedregais, Senhora da Saúde, Coto, Felgueira, Barbeito e Escaiba**, esta freguesia é **banhada pelos rios Caima, Viques, Cabras e Moscoso** e ainda por alguns regatos e ribeiras. Nesta freguesia, **na sua parte mais a Norte, o rio Viques desagua no rio Caima**.

Com um considerável valor agrícola, histórico e cultural, foi elevada a vila em 1993. Sobre a fundação desta freguesia, pouco se sabe; presume-se que seja anterior à fundação da monarquia portuguesa e o seu primitivo nome tenha sido *Castelão* que significa homem rico e nobre. Hoje diz-se *Castelões*, que vem a ser o aumentativo, freguesia de ricos e nobres (jf-spcastelo.es.sitedv.com). O nome Castelões provém de uns castelos que existiram no monte do Barbeito, em frente ao Castro Romano e que o primitivo nome era *Castelones*. A igreja teria sido construída com a pedra da mesquita que havia no local, e destinada para convento. Se tais castelos existiram, nada resta deles e a igreja, embora ampla, não mostra condições de ter sido um convento. Esta freguesia pertenceu a Comenda de Cristo de Tomar depois aos Condes da Feira e, pela extinção desta família, passou para a Casa do Infantado. Foi do Bispado de Coimbra, depois passou para o de Aveiro, e, actualmente pertence ao do Porto (jf-spcastelo.es.sitedv.com).

S. Pedro de Castelões tem referências escritas datadas de 995 quanto à sua existência. Entretanto terá sido ocupada por vários povos que aqui terão deixado alguns vestígios da sua presença. É o caso da **Lenda da Nossa Senhora do Crasto** que pensa-se estar associada à presença e aos

vestígios árabes daquilo que poderá ter sido uma antiga fortaleza no cimo de um cabeço que os romanos poderão ter usado como base militar. É celebrenemente conhecida pelo Santuário da Senhora da Saúde da Serra que a 15 de Agosto tem a sua festa e romaria que atrai milhares de peregrinos (www.cm-valedecambra.pt).

Do património da freguesia, destacam-se a Igreja Matriz, as **capelas de S. Gonçalo de Coelhosa**, das Almas (Dois), Nossa Senhora da Piedade (Macinhata), da Nossa Senhora das Necessidades (Cavião), Santo António (Felgueira), **Solar de Areias**, Casa da Mouta de Baixo, Casa da Bouça de Cartim, Casa de Cabril e no lugar de Cabril e o **Santuário da Nossa Senhora da Saúde (Gestoso)**. Outros locais de interesse são os miradouros de Cavião, Baralhas e Decide, Alto das Meadinhas, Penaboa, Covo, Entrepontes, Moscoso e **Praia Fluvial do Poço da Moça ou de Burgães** (jfspcastelo.es.sitedv.com).

A **apicultura**, **pecuária** (gado bovino, ovino e suíno) e a **agricultura** (milho, centeio, aveia, vinho verde, fruta, produtos hortícolas e castanhas) são as actividades económicas principais. A **caça** é outra das actividades existentes: coelho, perdiz e lebre. A par com a agricultura, as indústrias de lacticínios, metalurgia, latoaria, serralharia, o abate de aves, a construção civil e a serração de madeira são também importantes fontes de receita na economia da população.

O orago da freguesia é S. Pedro. São várias as festas e romarias desta freguesia: Semana Santa, Semana Cultural/S. Pedro (última semana de Junho), Senhora do Carmo (3º domingo de Julho), Senhora da Saúde (13 a 15 de Agosto), Santo António da Felgueira (domingo após 13 de Junho), Nossa Senhora das Necessidades, no lugar de Cavião (1º domingo de Agosto), Nossa Senhora da Piedade, no lugar de Macinhata (3ª semana de Agosto), S. Gonçalo, no lugar de Coelhosa (10 de Janeiro), Mártir S. Sebastião (20 de Janeiro) e S. João, no lugar de Baralhas (24 de Junho).

Concelho de Oliveira de Azeméis

Situado entre o mar e a serra, numa chã airosa que divide os vales dos rios Caima, Antuã e Úl, a 220 metros de altitude, encontra-se o município de Oliveira de Azeméis. Com uma área de 163 km², distribuída por 19 freguesias, 1 cidade, 8 vilas e mais de 70.000 habitantes (Censos 2001), o município de Oliveira de Azeméis está limitado a Norte pelos concelhos de S. João da Madeira e Santa Maria da Feira, a Nordeste por Arouca, a Este por Vale de Cambra, a Sudeste por Sever do Vouga, Albergaria-a-Velha a Sul, a Sudoeste por Estarreja e a Oeste por Ovar. É constituído pelas freguesias de Carregosa, Cesar, Fajões, Loureiro, Macieira de Sarnes, Macinhata da Seixa, Madaíl,

Nogueira do Cravo, Oliveira de Azeméis, **Ossela, Palmaz**, Pindelo, Pinheiro da Bemposta, S. Martinho da Gândara, Santiago de Riba-Úl, Travanca, Úl, S. Roque e Vila de Cucujães. Integra o agrupamento de municípios de Entre-Douro-e-Vouga e a Associação de Municípios de Terras de Santa Maria, conjuntamente com Arouca, Santa Maria da Feira, S. João da Madeira e Vale de Cambra.

O município está servido de boas acessibilidades, sendo atravessado sensivelmente a meio pelo IC2 e na parte Sul, na freguesia de Loureiro, atravessa a A1-Auto-Estrada do Norte. A Sul, mas fora do concelho, passa a A25 (anterior IP5), entre Aveiro e Vilar Formoso. É também atravessado do Litoral para o Interior pela **EN224 que liga o Nó de Estarreja do IP1 ao Nó de Travanca no IC2 e do Nó do Pocinho no IC2 a Vale de Cambra e Arouca**. É servido ainda pela linha férrea do Vale do Vouga, atravessando de Sul para Norte as freguesias de Pinheiro da Bemposta, Travanca, Macinhata da Seixa, Úl, Oliveira de Azeméis, Santiago de Riba-Úl e Cucujães.

A primeira referência documental a Oliveira de Azeméis data de 922, e trata-se de uma doação feita pelo rei Ordonho a um Bispo do Mosteiro de Crestuma onde aparece com o nome "*Villa Olivaria*", tendo como patrono S. Miguel. Dessa época existem hoje vestígios de ocupações proto-históricas e romanas. Até ao séc. VII, o que marca Oliveira de Azeméis é o cruzamento de rotas tradicionais para o interior e para o litoral, para o norte e para o sul, bem como o facto de ser ponte de ligação da via militar romana que liga Lisboa a Braga, que aqui tinha o seu tão conhecido **Marco Miliário da Milha XII**. Do séc. VII ao X, é alcaria e arraial de moçarebes e berberes que aqui se fixaram e desmantelaram a vida institucional anterior, assim como topónimos da área, hábitos típicos e o próprio traje regional. O próprio topónimo Azeméis tem uma etimologia que apela não só para uma colónia de almocreves, mas ainda para colonizadores árabes da família Azemede (www.udoliveirense.pt).

Recorrendo aos "Annaes do Município", encontra-se algumas pistas sobre a origem do topónimo. Aí afirma-se que "*Se atendermos à tradição popular, o Visconde de Santa Maria da Arrifana, aqui houve uma oliveira ou diversas, a cuja sombra ou tronco se abrigavam ou prendiam suas azemolas os azemeis, que vinham da parte do Mosteiro de Arouca para conduzir-lhe foros, que por estas terras se lhe pagavam. Pode ser que estas duas circunstâncias, isto é, a da existência de oliveiras aqui e a dessa **passagem dos azemeis**, se as houve, reunidas na imaginação popular, dessem motivo para essa crença de verosimilhança.*" Tem-se, contudo, pretendido explicar o sobrenome de Oliveira pela origem arábica do termo *azemel*. A explicação defendida pela maioria dos autores que estudaram este assunto é de que o termo "*Oliveira de Azemees*" é de cerca de 1185 e vem distingui-la de várias outras localidades também denominadas Oliveira, mas ainda destacá-la como espécie de interposto

de mercadores que então se chamavam "*Azemeles*". E esta parece ser a explicação mais lógica e fundamentada para o nome Oliveira de Azeméis (www.oazonline.com).

Do séc. X ao XV, Oliveira de Azeméis é palco de lutas renhidas entre árabes e chefes militares leoneses e portugalenses, incluindo colonos adstritos aos mosteiros de Pedroso, Grijó e Cucujães, aos quais se deve o repovoamento e fundação das 19 freguesias, o **aproveitamento dos cursos de água locais para a indústria de moagem e de irrigação das terras marginais**, o desenvolvimento da já referida colónia de almocreves (*azemeles*) e a instalação de uma acolhedora hospedaria para peregrinos e veraneantes que aqui vinham descansar, caçar ou pescar (www.udoliveirense.pt).

Só muito mais tarde, nos começos do séc. XVI aparece o nome Oliveira, quando Leão X a erigiu em Comenda Real, através da doação feita, em 1518, à Ordem de Cristo de um importante quinhão que pertencia ao Conde da Feira, D. Diogo Pereira, transformando-a assim em Comenda Real daquela Ordem (www.oazonline.com), destinada a arregimentar milícias para a defesa do território e policiamento do trânsito regional (www.cm-oaz.pt).

Em 1799, foi elevada à categoria de Vila e sede do Município por D. Maria I. Com a reforma administrativa de Mouzinho da Silveira, em 1856, Oliveira de Azeméis passou a ser o município que é hoje, mercê também da extinção do Município da Bemposta, o qual se estendia por algumas freguesias que, desta forma, passaram para o município de Oliveira de Azeméis, como o caso de Pinheiro da Bemposta, Palmaz, Loureiro, Travanca e Úl. Em 1984, é elevada à categoria de Cidade (www.oazonline.com).

O concelho de Oliveira de Azeméis é **fortemente industrializado** concentrando a actividade principalmente nos sectores **do calçado, metalurgia e metalomecânica, plástico, agro-alimentar (lactínios), descasque de arroz**, colchões, confecções, cobres e loiças metálicas. Embora sendo um município fortemente industrializado, o turismo é actualmente uma aposta forte aproveitando, por um lado, o seu variado e importante património arquitectónico, edificado, cultural e natural. Entre outros motivos de interesse e com visita obrigatória, o **parque de La Salette e a capela** com o mesmo nome merecem a atenção dos visitantes.

Ossela é uma freguesia situada a leste do concelho de Oliveira de Azeméis, com 14,82 km² de área e 2538 habitantes (Censos 2001). É delimitada a Norte pela freguesia de São Pedro de Castelões (Vale de Cambra) e a poente por Macinhata da Seixa. É **atravessada pelo rio Caima, na direcção Nordeste-Sudoeste**.

Há quem afirme que Ossela é uma das mais antigas freguesias de Portugal, sendo já paróquia no tempo dos godos. Ossela vem do português arcaico *osso*, *usso*, isto é o "*urso*" da antiga fauna medieval, termo ainda comum no espanhol, dado aqui em diminutivo. Pinho Leal, no seu "Portugal Antigo e Moderno" refere que "*Há mesmo quem assevere que foi uma cidade, com o nome de Ossa, dado pelos gregos, seus fundadores. Sendo assim, tinha esta cidade sido fundada pelos anos 2700 do mundo, ou 1304 antes de Jesus Cristo, isto é, há 3180 anos!*". Esta é uma das versões para o nome Ossela. Outra versão associa o nome às grandes batalhas travadas em 150 a.C. entre lusitanos e romanos, de que resultaram muitos ossos, resultado da decomposição dos cadáveres. O que parece mais verosímil é ter havido aqui, no ano 996, uma grande batalha entre cristãos, comandados pelo conde D. Forjaz Vermoiz e os mouros comandados por Almansor, rei de Cordova. Há, segundo a tradição, a opinião de que Ossela terá sido o berço natal de D. Martinho, prior de Soure e contemporâneo do nosso primeiro rei. Também sobre o lugar de Vermoim não parece haver dúvidas que se ficou a dever a uma dura batalha, travada no reinado de D. Bernardo I, o gotoso, entre os Mouros, comandados por Almançor e os Cristãos comandados por D. Froilaz (ou Forjaz) Vermuiz, que deixou o seu nome ligado a esta localidade (www.cm-oaz.pt).

Divergente de *Ursula*, diminutivo de *Ursa*, o topónimo *Ossela* evoca um importante crasto, um cobiçado vínculo com capela e a conhecida **Casa-Museu de Ferreira de Castro**: o **Castro de Ossela**, onde apareceram 16 braceletes de ouro e onde se ergue uma singela capela, já foi explorado por arqueólogos, mas está por classificar; o vínculo do chamado Mosteiro de Ossela instituído pelo cavaleiro João Lourenço Buval, em 1372 e por ele dotado com o fim de lhe serem ali rezadas missas diárias por dois capelães; e a **Casa-Museu Ferreira de Castro** fundada na própria casa em que nasceu o escritor Ferreira de Castro. Por tudo isso, é uma freguesia rica de valores culturais e com uma longa história que, desde o séc. X, andou ligada ao Mosteiro de Paço de Sousa, depois ao de Cucujães e aos famosos Brandões do Cancioneiro, herdeiros do referido vínculo de João Buval (www.terrasdelasalette.com).

Do património histórico, cultural e arquitectónico merecem visita a **Casa-Museu e Biblioteca Ferreira de Castro**, as capelas do Mosteiro, do **Senhor da Fonte**, de S. Frutuoso, das Senhoras da Lapa e da Graça; os **núcleos rurais de Bustelo do Caima** e do Carvalhal e o núcleo urbano da Igreja. Existem algumas casas agrícolas nos lugares de Paço e Carreira. **A área natural do Pedregulhal (conhecida como a Ínsua de Selores), o belíssimo vale do rio Caima, a paisagem salpicada pela vinha de enforcado e o Castro de Ossela** merecem também uma observação atenta.

De raízes profundamente rurais e de ligação ao rio Caima, Ossela teve no passado a sua economia baseada na **agricultura** (cultivo do milho, do feijão, da batata, dos cereais, da hortaliça e vinho verde), **pecuária** (criação de bovinos, suínos, coelhos e aves de capoeira) e **na tecelagem e o linho**, artes já desaparecidas (www.cm-oaz.pt, www.terrasdelasalette.com). Existem também algumas indústrias (componentes de calçado, serrações de madeiras, aço e inox). O artesanato mais relevante e característico desta terra foi o denominado “Barro Negro” trabalhado pelos “Pucareiros”, que teve os seus grandes mestres em Barbeito e Ossela. Infelizmente, os Pucareiros de Ossela desapareceram há já vários anos sem deixar continuadores. Desempenharam também um papel importante a tecelagem e o linho, artes também já desaparecidas (www.oazonline.com).

As festas e romarias da freguesia são em honra de Santo António, na Igreja Matriz (13 de Junho), Mártir S. Sebastião, no lugar do Mosteiro (finais de Agosto); Nossa Senhora da Graça, no lugar de Vermoim (meados de Julho); S. Frutuoso, no lugar de S. Martinho (2º domingo de Maio); Senhora do Castro, no lugar do Monte do Crasto (princípios de Agosto) e Senhor da Fonte, no lugar de Alvelhe (mês de Maio).

Palmaz é uma freguesia situada a sudoeste de Oliveira de Azeméis, ocupando um território de 17,6 km², com cerca de 2130 habitantes (Censos 2001), distando cerca de 10 km da sede de concelho. Confinava a Norte com Ossela, a Sul com Pinheiro da Bemposta, a poente com Travanca e a nascente com São Pedro de Castelões (Vale de Cambra). É uma das raras freguesias que ainda mantém intactas as suas **características agrícolas e florestais**, apesar da instalação de duas grandes fábricas, uma **de lanifícios e outra de papel, movidas pelas águas do Caima** que a percorre no sentido Norte-Sul.

Esta freguesia de cariz eminentemente rural, destacada pelas suas paisagens naturais, tem um passado de indústrias de relevo como a **Fábrica de Papel do Caima**, fundada em 22 de Setembro de 1901, por **Bento Carqueja** e visitada pelo Rei D. Manuel II em 1908, e à Fábrica de Queijos frescos, situada em Alviães. A exploração de madeira, sobretudo de eucalipto, deu-se no início no 1º quartel do séc. XX, fruto da extensa plantação de eucaliptos de vaso em 1925. No entanto, a maioria da população dedicava-se à agricultura, de onde retirava o seu sustento (www.jf-palmaz.pt).

É de 1098 a primeira citação histórica de Palmaz – “*vila quam vocilant Palmazes*”. Palmaz provém de *Palmati*, genitivo do antropónimo *Palmatius*. A freguesia é assim designada desde o longínquo séc. XI, tendo sido priorado da mitra de Coimbra, ao qual andava anexa a freguesia de Santiago da Ribeira de Fráguas. Nos inícios do séc. XII, João Gosendes e sua mulher, D. Ximena Forjaz, fizeram largas doações à Sé de Coimbra, com reserva do usufruto. Num documento de 1098, vem demarcada

Palmaz, entre Branca e Tugilde, junto ao Monte Besteiro, ao rio Caima. Em 1135, Egas Moniz e a esposa Dórdia Pais trocaram com a Sé coninbricense a herdade que em Palmaz haviam comprado por terras equivalentes em S. Maria de Cárquere. É citada em 1220 nas Inquirições de D. Afonso III, ao lado de Figueiredo (Pinheiro da Bemposta). Nas inquirições de D. Afonso III (1258), no Julgado de Figueiredo, logo a seguir à freguesia de «Sam Payo de Figueiredo», actual Pinheiro da Bemposta, fala-se da freguesia de "Santa Marinha de Palmaz", e de S. Cristóvão da Ribeira, citando-se vários lugares entre os quais Casal Dozo, Campo, Telhadela, Vilarinho de Baixo, Monte Redondo, aldeia de Nespereira de Baixo e de Cima, Casal de Porto Arteiro e Bolfeta (www.jf-palmaz.pt).

A freguesia é composta pelos lugares de Alto da Serra, Alviães, Bolfeta, Ferreiros, Lavoura, Mó, Nespereira de Baixo, Nespereira de Cima, Palmaz, Prazo, Quinta, Vale de Madeiros e Vilarinho de S. Luís. Outrora pertença do extinto município da Bemposta, há quem lhe atribua a designação de "**Princesa do Caima**" pela importância que este rio representa para a freguesia desde tempos remotos, quer como fonte de energia, quer como excelente local de pesca e de recreio. As **margens do rio Caima**, o **Parque Turístico de Bento Carqueja**, o **Parque dos Moinhos Hidráulicos**, bem como as paisagens do **núcleo rural de Vilarinho de S. Luís**, merecem uma visita. A Igreja Matriz, a ermida da Nossa Senhora da Mó (no lugar do mesmo nome), as Capelas de S. Gonçalo (Bolfeta), de S. Luís (Vilarinho), de S. João (Ferreiros) e da Nossa Senhora da Memória; as quintas de Casinhoto (Ferreiros), dos Pamplonas (Bolfeta) e de Baixo, o cruzeiro datado de 1720 e a **Ponte dita Romana** também são locais a visitar (www.jf-palmaz.pt). Entre outros valores arquitectónicos e arqueológicos são de referir também a **Fábrica de Papel do Caima**, os **moinhos**, as áreas naturais da Mó e da Raposeira (www.cm-oaz.pt). O orago da freguesia é Santa Marinha.

Celebram-se as festas e romarias em honra de Santa Marinha (padroeira), na Igreja Matriz (Julho); Senhora do Bom Despacho, na Capela da Senhora da Mó, no lugar de Ferreiros (1º domingo de Setembro); Nossa Senhora da Piedade, na capela com o mesmo nome, em Nespereira de Cima (último domingo de Junho); São Lourenço, na capela com o mesmo nome, no lugar de Alviães (finais de Agosto); São Gonçalo, na capela com o mesmo nome, em Sobreiro, no lugar de Alviães (finais de Setembro).

Para além dos concelhos de Arouca, Vale de Cambra e Oliveira de Azeméis, o rio Caima atravessa ainda, no seu troço mais a jusante, os concelhos de **Albergaria-a-Velha** (freguesias de **Branca e Ribeira de Fráguas**) e o concelho de **Águeda** (freguesia de **Macinhata do Vouga**), antes de

desaguar no rio Vouga. Dado o âmbito geográfico da Grande Área Metropolitana do Porto, excluem-se estes concelhos e freguesias de uma análise pormenorizada.

Bibliografia

Associação ANDAR: andar.sitesedv.com

Câmara Municipal de Arouca: www.cm-arouca.pt

Câmara Municipal de Vale de Cambra: www.cm-valedecambra.pt

Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis: www.cm-oaz.pt

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN): www.monumentos.pt

Geoparque Arouca: www.geoparquearouca.com

Instituto Português do Património Arqueológico: www.ippar.pt

Instituto Nacional da Água: www.inag.pt

Instituto Nacional de Conservação da Natureza e Biodiversidade: www.icn.pt

Junta de Freguesia de Albergaria da Serra: albergariadaserra.aroucanet.com

Junta de Freguesia de Roge: www.jf-roge.com

Junta de Freguesia de Cepelos: www.cepelos.net; jfcepelos.net

Junta de Freguesia de Macieira de Cambra: www.macieiradecambra.com

Junta de Freguesia de São Pedro de Castelões: jf-spcasteloes.sitesedv.com

Junta de Freguesia de Palmaz: www.jf-palmaz.pt

Junta de Freguesia de Merlães: www.merlaes.com

Moinhos de Portugal no Sapo: moinhosdeportugal.no.sapo.pt

Notícias de Aveiro: www.oazonline.com

Portal Arouca.biz: www.arouca.biz

Portal Aroucanet: arouca.aroucanet.com

Portal Valedecambra.net: www.valedecambra.net

Portal Oliveira de Azeméis Online: www.oazonline.com

Portal Terras de La Salette: www.terrasdelasalette.com

Rota da Luz: worldwatercities.com

Roteiros da Água: www.roteirosdaagua.com

Telhadura Weblog: telhadelapura.wordpress.com

União Desportiva Oliveirense: www.udoliveirense.pt

CÂMARA MUNICIPAL DE AROUCA (2001); Guia de turismo de natureza do concelho de Arouca.
Edição Câmara Municipal de Arouca.

CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS (2008); Percurso Ambiental e de Lazer – Relatório de Maio de 2008, Plano Director Municipal de Oliveira de Azeméis.

CÂMARA MUNICIPAL DE VALE DE CAMBRA (2008); Reflexos - Revista Municipal da Câmara Municipal de Vale de Cambra; nº 5, Janeiro 2008.

CÂMARA MUNICIPAL DE VALE DE CAMBRA (-); Parque da Cidade de Vale de Cambra; Folheto da Câmara Municipal de Vale de Cambra (s/data).

COBA – Consultores para Obras, Barragens e Planeamento SA (1988); Estudo do Potencial Hidroeléctrico do Rio Caima; Julho 1988, Câmara Municipal de Vale de Cambra.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (1983); Guia de Portugal; Volume IV- Entre Douro e Minho. Volume I - Douro Litoral, Coimbra.

GOUVEIA, A. (1994); O baldio na sobrevivência do homem da Freita: Terra de Arouca; Edição Câmara Municipal de Arouca, Arouca.

GUEDES DE CARVALHO, Luís (2008); Memória Descritiva do Projecto de “Intervenção na zona ribeirinha do rio Caima entre a antiga fábrica de papel e o açude do Areíño”; Abril de 2008, Oliveira de Azeméis, Estudo Prévio.

MARQUES, M. C. de P. V. (1993); Monografia de Vale de Cambra; Vale de Cambra.

NUNES, J. & NUNES, M. (2002); Descobrir Portugal: Lugares Naturais; Edições INAPA, Lisboa.

OLIVEIRA, Ana Maria (1997); Os baldios da Serra da Freita – um contributo para o uso multifuncional; Dissertação de mestrado em Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

PAIVA, J. (1999); A relevância da fitodiversidade no Montemuro; Colóquio: Montemuro – a última rota da transumância, Associação da Defesa do Património Arouquense, Viseu.

PAIVA, J.; SILVA, M.G. (1997); "A vegetação do Sistema Gralheira – Montemuro" in SILVA, Filomeno (1997); Entre Freita e Montemuro; Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, Arouca.

SILVA, J. (1999); A relevância da fitodiversidade no Montemuro; Colóquio: Montemuro – a última rota da transumância, Associação da Defesa do Património Arouquense, Viseu.

SILVA, Filomeno (1997); Entre Freita e Montemuro; Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, Arouca.